

JOSÉ APARICIO DA SILVA  
ARIANA RODRIGUES GUIDES  
FELIPE COMITRE  
PAULA EDUARDA MARCONI  
YURI AMAURY PIRES MOLINARI  
ORGANIZADORES(AS)

**EU  
TAMBÉM VOU  
RECLAMAR...  
E FIM DE  
PAPO**



**EU  
TAMBÉM VOU  
RECLAMAR...  
E FIM DE  
PAPO**

O título desta obra é uma referência homônima à música *Eu também vou reclamar* de Raul Seixas, acrescido da última frase da mesma canção, *e fim de papo*.

© 2026 Todapalavra Editora

**Editor-chefe**

Hein Leonard Bowles

**Coeditor**

José Aparício da Silva

**Assessoria Técnica *ad hoc***

Lavínia Montagil Januário

*Estudante do Curso Técnico Integrado  
em Administração - IFPR, campus Pinhais*

**Conselho Editorial *ad hoc***


Ma. Ariana Rodrigues Guides

Dr. Felipe Comitre

Dr. José Aparício da Silva

Ma. Paula Eduarda Marconi

Dr. Yuri Amaury Pires Molinari



JOSÉ APARICIO DA SILVA  
ARIANA RODRIGUES GUIDES  
FELIPE COMITRE  
PAULA EDUARDA MARCONI  
YURI AMAURY PIRES MOLINARI  
ORGANIZADORES(AS)

**EU  
TAMBÉM VOU  
RECLAMAR...  
E FIM DE  
PAPO**



TODAPALAVRA  
editora

Revisão  
Autores(as)

Supervisão Editorial  
José Aparício da Silva

### Arte da capa

Dyego Marçal - adaptação e montagem sobre *Portrait of Picasso*, Salvador Dalí, 1947 e Fotografia *A vida antes do mundo* de Maria Helena Santos Camargo - Estudante do 1º ano do curso Técnico Integrado em Administração no IFPR, campus Pinhais

### Arte da contracapa

Dyego Marçal sobre desenho *Ecos do Descontentamento* de Enzo Cornehl Jungles Gonçalves - Estudante do 2º ano do curso Técnico Integrado em Informática no IFPR, campus Pinhais

Projeto gráfico e diagramação  
Dyego Marçal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Eu também vou reclamar-- e fim de papo /  
organização José Aparício da Silva...[et al.]. --  
1. ed. -- Ponta Grossa, PR :  
Todapalavra, 2026.

Vários autores.  
Outros organizadores: Ariana Rodrigues Guides,  
Felipe Comitre, Paula Eduarda Marconi, Yuri Amaury  
Pires Molinari.  
ISBN 978-65-89612-06-3

1. Discursos - Coletâneas 2. Ensaios 3. Educação  
4. Protagonismo I. Silva, José Aparício da.  
II. Guides, Ariana Rodrigues. III. Comitre, Felipe.  
IV. Marconi, Paula Eduarda. V. Molinari, Yuri  
Amaury Pires.

26-349802.0

CDD-808.85

#### Índices para catálogo sistemático:

1. Discursos : Coletâneas 808.85

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



T O D A P A L A V R A  
editora

Rua Xavier de Souza, 599  
Ponta Grossa – Paraná - 84030-090  
Telefones: (42) 3226-2569 / ((42) 98424-3225  
E-mail: [todapalavraeditora@todapalavraeditora.com.br](mailto:todapalavraeditora@todapalavraeditora.com.br)  
Site: [www.todapalavraeditora.com.br](http://www.todapalavraeditora.com.br)

*“É tão estranho  
os bons morrem jovens  
assim parece ser  
quando me lembro de você  
que acabou indo embora  
cedo demais”*

(Renato Russo & Dado Villa-Lobos,  
*Love in the afternoon*, 1993)

À Kennedy de Oliveira (*in memoriam*)

# SUMÁRIO

PREFÁCIO .....	12
<i>Luíza Guimarães</i>	

APRESENTAÇÃO .....	14
<i>Organizadores (as)</i>	

## ARTE E CULTURA

UM HISTÓRICO DE CENSURA E DESINCENTIVO: A LEITURA COMO DIREITO E ATO DE RESISTÊNCIA .....	21
<i>Anna Isabella de Chaves</i>	

ESTOU DE SACO CHEIO DA INDÚSTRIA CULTURAL .....	24
<i>Eduardo Luiz Bogoni</i>	

A MÚSICA NA VIDA DAS CRIANÇAS: E SE A MÚSICA FOR MAIS DO QUE APENAS ENTRETENIMENTO? .....	28
<i>Geovana da Silva Barbosa</i>	

CONFLITOS ENTRE AUTOR E OBRA: UMA ANÁLISE .....	32
<i>Júlia Liebl Dudar</i>	

PRECONCEITO CONTRA A ARTE FORA DO PADRÃO: DIVERSIDADE ESTÉTICA E EXPRESSÕES ALTERNATIVAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA .....	36
<i>Kamila da Costa de Oliveira</i>	

ATIVIDADES CULTURAIS NAS ESCOLAS: A IMPORTÂNCIA PARA A CONSCIENTIZAÇÃO DO PRECONCEITO .....	38
<i>Maria Luíza de Oliveira</i>	

## **COMPORTAMENTO: JUVENTUDE E SOCIEDADE**

AUTOCOBRANÇA: CONTRA O EXCESSO DE EXIGÊNCIAS E DEVERES NA ADOLESCÊNCIA .....	41
<i>Beatriz da Silva</i>	
JOVENS SOB PRESSÃO: A NORMA SOCIAL EM DECIDIR O SEU FUTURO .....	44
<i>Eduardo Cornehl Jungles Gonçalves</i>	
ENTRE ESPELHOS E TELAS: PADRÃO DE BELEZA É MAIS UM MEIO DE EXCLUSÃO .....	46
<i>Kamila Costa Antunes</i>	
A COVARDIA DA HIPOCRISIA: TRANSTORNOS CAUSADOS PELA AÇÃO DESTOANTE DA TEORIA .....	49
<i>Laís Aguirre Cota</i>	
PADRÕES: O CONTROLE DOS CORPOS E MENTES .....	51
<i>Maria Clara Fabro André</i>	

## **DIREITOS HUMANOS**

ETARISMO NO BRASIL: A DESIGUALDADE PELA IDADE .....	55
<i>Celine Garcia Nichals</i>	
AUTOESTIMA BAIXA: COMO A DISCRIMINAÇÃO RACIAL AFETA O COTIDIANO DAS PESSOAS NEGRAS AO LONGO DO TEMPO .....	57
<i>Isabelly Carolina Santos de Souza</i>	
UM PROJETO CONTRA A INCLUSÃO: A ARQUITETURA HOSTIL .....	60
<i>Luis Arthur Pires Leithold</i>	
“ISSO É COISA DE PRETO”: UM DISCURSO DE MUITOS .....	62
<i>Maria Eduarda Gomes dos Santos</i>	

PENA DE MORTE: UMA ARMA MAQUIAVÉLICA DITA COMO JUSTIÇA .....	64
<i>Thomas Luciano Soares dos Santos</i>	

## **ESCOLA, ENSINO E EDUCAÇÃO**

NOTAS NÃO EDUCAM: PRECISAMOS SUBSTITUIR PROVAS POR MÉTODOS QUE VALORIZEM PROCESSOS E NÃO APENAS RESULTADOS .....	68
<i>Anna Hadassa Ribas da Silva</i>	

ANALFABETISMO FUNCIONAL: O ABISMO OCULTO DA SOCIEDADE BRASILEIRA .....	70
<i>Eduarda Petroski dos Santos Vicare</i>	

EDUCAÇÃO SEXUAL: A QUEBRA DE TABU LEVA AO CONHECIMENTO E CONSCIENTIZAÇÃO .....	72
<i>Juliana do Rocio Pampu Mota</i>	

FORMAR OU CONFORMAR?: O CONTROLE DO CONHECIMENTO COMO ESTRATÉGIA DE MANUTENÇÃO DO PODER .....	75
<i>Lavínia Montagil Januário</i>	

LIBRAS: DA IGNORÂNCIA À INCLUSÃO .....	81
<i>Rayanne Maria Piaczeski</i>	

TECNOLOGIA É FERRAMENTA, NÃO SUBSTITUIÇÃO: DISCURSO CONTRA A ROBOTIZAÇÃO DO ENSINO NAS ESCOLAS ESTADUAIS DO PARANÁ .....	83
<i>Sofia Carolina Nodari</i>	

ANTES DO BOLETIM, O MUNDO: O QUE ANTECEDE A AVALIAÇÃO E COMO ELA ESPELHA AS DESIGUALDADES EDUCACIONAIS .....	85
<i>Vanessa Camila Ferreira de Siqueira</i>	

O PRIVILÉGIO DO SABER: DESCASO DO ESTADO COM A EDUCAÇÃO .....	89
<i>Vinicius Vicente Oliveira</i>	

A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO: AS DESIGUALDADES EDUCACIONAIS NO BRASIL .....	91
<i>Vitoria Gabrielle Batistel</i>	

## **GÊNERO**

LEGALIZAÇÃO DO ABORTO: UM DIREITO DE ESCOLHA E DIGNIDADE .....	95
<i>Brendha Hortolan Silva</i>	
DIREITO DAS MULHERES: UMA CONQUISTA SOCIAL E HISTÓRICA .....	98
<i>Daniela Fernandes Lucas</i>	
HOMENS CONTRA O MACHISMO: UMA LUTA QUE PERTENCE A TODOS .....	101
<i>Maria Eduarda Miotti dos Reis</i>	
MULHERES NO ESPORTE: RESISTÊNCIA, DESIGUALDADE E CONQUISTA DE ESPAÇOS .....	103
<i>Rhuan Felipe Vilela Ribeiro</i>	

## **MÍDIA E SOCIEDADE**

IDÍLICO MUNDO DA IGNORÂNCIA: A AUSÊNCIA DO CONHECIMENTO NÃO ANULA A VERDADE QUE É INDELÉVEL .....	107
<i>Bianca Francelino de Oliveira</i>	
EXCESSO DE PROPAGANDAS NA MÍDIA .....	111
<i>Juan Bruneti da Silva</i>	
CRIANÇAS NAS REDES SOCIAIS .....	112
<i>Roberta Beatriz da Silva</i>	
ESPETACULARIZAÇÃO E SENSACIONALISMO NO MEIO JORNALÍSTICO .....	114
<i>Thomasz Ortelhado Mendes Pedri</i>	

## **POLÍTICA E ECONOMIA**

ENTRE POLÍTICAS PÚBLICAS E A  
REALIDADE: A PROBLEMÁTICA DA  
ALIMENTAÇÃO ESCOLAR ..... 118

*Amélie dos Santos Breinack*

A ARQUITETURA DA LIBERDADE:  
ENTENDENDO O ANARQUISMO ..... 122

*Anna Hadassa Ribas da Silva*

PROBLEMAS DOS TRANSPORTES PÚBLICOS:  
CRÍTICA AO PREÇO EXCESSIVO E  
AOS ESTORVOS LOGÍSTICOS ..... 124

*Eliasafe Mathews Kelczeski Mendes*

ORÇAMENTO ANUAL: A INSUFICIÊNCIA  
NA DESTINAÇÃO DE VERBA PARA OS  
CAMPI DO INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ ..... 127

*Enzo Cornehl Jungles Gonçalves*

CONTRA A IDEIA DE DESENVOLVIMENTO  
SUSTENTÁVEL: AS CONTRADIÇÕES ENTRE  
DISCURSO AMBIENTAL E LÓGICA DE ACUMULAÇÃO ..... 130

*Felipe Nunes Franco*

APROPRIAÇÃO DO CAPITAL SOBRE A  
ARTE DO GRAFITE: ESTADO HIGIENISTA  
E A MERCANTILIZAÇÃO DA CIDADE ..... 133

*Giovana Garzuzze Cordeiro*

O QUE NOS FALTA: SER RADICAIS ..... 136

*Lucas Ancacio dos Santos*

## **RELIGIÃO**

RESPEITO ÀS RELIGIÕES ..... 140

*Emily Will Weirzorkowski*

A FAVOR DA FÉ: UM DISCURSO SOBRE  
A SOCIEDADE ATUAL ..... 142

*Gustavo Jess Meira*

MÁSCARAS: A VISÃO DE UMA SOCIEDADE HIPÓCRITA .....	145
<i>Paulo Henrique Topolniak Peixouto</i>	

## **SAÚDE**

DIREITO A NADAR: UMA NECESSIDADE DA VIDA .....	150
<i>Benito José Alves Sant'Ana</i>	

ENTRE O DIREITO À SAÚDE E A BUROCRACIA ESTATAL: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE O SISTEMA DE SAÚDE PÚBLICA .....	153
<i>Guilherme Budniak Fontana</i>	

O DESCASO COM O ADOCIMENTO MENTAL .....	155
<i>Tiago Vieira de Oliveira</i>	

## **TRABALHO**

O TRABALHO DE LIMPEZA: INVISIBILIZAÇÃO E PRECARIZAÇÃO .....	159
<i>Camilly de Araujo Costa Dalcumuni</i>	

POR QUE IGNORAM A DESIGUALDADE SOCIAL? .....	162
<i>Elias Gustavo Evangelho Ciriaco</i>	

TRABALHO E ESTUDO: A LINHA TÊNUE ENTRE VANTAGENS E DESVANTAGENS .....	164
<i>Júlia Justino King</i>	

Os textos temáticos aqui publicados são de inteira responsabilidade dos (as) autores (as) e não refletem necessariamente a opinião da Editora nem dos (as) Organizadores (as) deste livro. A reprodução parcial dos textos é permitida desde que devidamente citada a fonte e autoria.

## PREFÁCIO

*“Quero falar de uma coisa, adivinha onde ela anda.  
Deve estar dentro do peito, ou caminha pelo ar”  
(Milton Nascimento, Wagner Tiso, 1983)*

Quando estamos no Ensino Médio, tudo parece grande demais. Os sentimentos, os amores, as decepções, as alegrias e também as decepções, os erros e acertos. Nossa coragem de ser diferente, de falar mais alto, de se organizar e brigar por aquilo que achamos justo, - como pelo preço do pão de queijo na cantina - é presente tanto quanto as identidades que usamos e trocamos ao longo desses anos. A efemeridade da adolescência - esse tempo que parece levar uma vida toda em alguns anos de Ensino Médio - também passa na velocidade de piscar os olhos. O que nos acompanha ao longo da vida adulta são os ensinamentos que recebemos, os amigos, as memórias dos professores que nos marcaram, das atividades que nos fizeram ser melhores ou que nos tiraram da zona de conforto, dos espaços que recebemos e daquilo que já fomos, e que hoje, não já o somos.

Assim, é nesse tom de nostalgia que relembramos os discursos elaborados na matéria do professor Aparício. A ideia fora da caixa de incentivar os alunos a se posicionarem, seja em concordância ou discordância com alguma situação, de se exporem e afirmarem suas posições, criando um espaço de escuta democrática e protagonismo estudantil, permitindo revelar aquilo que se é ou que quer ser, marcou nossa trajetória como alunos do Instituto Federal do Paraná. De igual modo, os discursos aqui

reunidos deram espaço e ouvidos aos estudantes, revelam posições e anseios, deram protagonismo às narrativas próprias, bem como ostentam o tempo presente de suas criações, tão cheios dessa juventude, grande demais.

**Luiza Guimarães**

*Egressa do curso Técnico Integrado  
em Mecânica, IFPR,  
campus Telêmaco Borba  
Estudante do 4º ano do curso  
de Direito na UFPR.*

## APRESENTAÇÃO

*“[...] Sinto-me nascido a cada momento  
para a eterna novidade do mundo...”*

*Alberto Caetano*

Quase todo adolescente e/ou jovem tem algo do que reclamar, o difícil é encontrar chances para poder manifestar-se e, sobretudo, ser ouvido. No âmbito escolar, os estudantes, em geral, ocupam uma posição marcada pela passividade. Adolescentes e jovens raramente dispõem de espaços institucionais efetivos para inserir suas vozes no debate político, pedagógico e social. Afinal, como reclama a conhecida canção gravada pela banda Charlie Brown Jr em parceria com a cantora Negra Li, “(...) *o que eles falam sobre o jovem não é sério/ O jovem no Brasil nunca é levado a sério*”. A afirmação cantada, para além de seu caráter musical, sintetiza uma percepção histórica acerca desse segmento etário, os quais ora são concebidos como promissores de um futuro ora como problema social cotidiano; mas quase nunca são reconhecidos como sujeitos históricos e agentes políticos do presente. A recorrente ideia de que conceder voz aos estudantes seria perigoso — por supostamente produzirem falas desordenadas, inconsequentes ou radicais — revela, de certo modo, o temor diante da coragem juvenil. E, considerando que todos fomos jovens, fica uma indagação: onde e quando perdemos a coragem? Talvez ela tenha se dissipado no processo de adequação às normas sociais, quando os “tênis” foram substituídos pelos “sapatos” (bem lustrados e de bicos finos) que vieram acompanhados de conformismo.

Na instituição escolar parece haver uma tensão entre dois modelos pedagógicos: de um lado, a autoridade vertical e disciplinadora defende que tal é a função da escola – “*vigiar e punir*”; de outro, uma educação comprometida com o diálogo e com a formação crítica; e, essa problemática se evidencia constantemente no espaço escolar. Conforme aponta bell hooks (2019, p. 201), “*professores autoritários investem frequentemente na noção de que eles são ‘sérios’, ao passo que os educadores democráticos são comumente estereotipados por suas contrapartes mais conservadoras como não tão rigorosos ou como carentes de padrão*”. Em resposta à estigmatização de ações pedagógicas libertárias — que compreendem a educação como prática de liberdade, bell hooks recorre a Paulo Freire (2015, p.125-126), que nos diz que “*só para a mente autoritária é que o ato de ensinar, de aprender, de estudar são tarefas enfadonhas, mas necessárias*”. Para Freire (2017, p. 94), o processo educativo fundamenta-se no diálogo, na problematização da realidade e na recusa da educação bancária: “*nesse sentido, a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir ‘conhecimentos’ e valores aos educandos (...)*”. Assim, abrir espaço para a palavra estudantil não significa abdicar do rigor acadêmico, mas redefini-lo como um compromisso ético com a autonomia intelectual e com a construção compartilhada do conhecimento.

Partimos, ainda, do pressuposto de Antonio Gramsci, citado por István Mészáros (2029, p. 49), segundo o qual “*todo ser humano tem atividade intelectual para categorias contrastantes de mudança ou manutenção. Todo ser humano contribui, de uma forma ou de outra, para a formação de uma concepção de mundo predominante*”. Tal afirmação rompe com a noção elitista de intelectualidade, reconhecendo que todos os sujeitos participam, direta ou indiretamente, da elaboração e reprodução de visões de mundo. Se todo ser humano

é, em alguma medida, intelectual, a escola não pode restringir-se à transmissão de conteúdos, devendo constituir-se como espaço de elaboração consciente das concepções de mundo que circulam socialmente.

Nessa perspectiva é que surge esta coletânea, a qual reúne textos produzidos por estudantes do Ensino Médio — primeiros, segundos e terceiros anos (2025) — dos cursos Técnicos Integrados em Administração e em Informática do Instituto Federal do Paraná - IFPR, campus Pinhais. Essas produções textuais contribuem com os pilares dos Institutos Federais, sobretudo no que diz respeito ao rompimento da dualidade entre ensino básico e técnico, pois como reflete Gaudêncio Frigotto (2005): o ensino técnico integrado deve oportunizar, a partir do processo educativo, a formação omnilateral dos estudantes, entendida como um processo de emancipação humana adquirido pela formação de sujeitos críticos e reflexivos.

Ao tomarem a palavra, esses jovens não falam necessariamente apenas de suas vivências e experiências individuais, mas de suas inquietações, leituras de mundo e posicionamentos diante de questões estruturantes da vida em sociedade. Temas<sup>1</sup> como escola, saúde, educação, meio ambiente, gênero, raça/etnia, religião, política, relações sociais e outros emergem nos textos sem a pretensão da erudição acadêmica, mas como reflexões permeadas por sentimentos, percepções e problematizações próprias de quem vivencia a realidade escolar e social em sua complexidade. Muitas vezes, por imposição de estruturas sistêmicas, os jovens são mantidos à margem dos processos decisórios que os afetam

---

<sup>1</sup> Ressaltamos que alguns temas podem parecer datados, escritos e apresentados no calor dos acontecimentos entre maio e dezembro de 2025.

diretamente; contudo, ao escreverem e discursarem, afirmam-se como sujeitos capazes de interpretar e questionar tais estruturas.

A multiplicidade temática e argumentativa presente nos Discursos expõe a diversidade que constitui uma sala de aula. Como ressalta bell hooks (2019, p. 203), *“a diversidade em discursos e presença pode ser apreciada integralmente como um recurso que aprimora qualquer experiência de aprendizagem”*. A pluralidade, portanto, não representa uma desorganização pedagógica, mas sim condição indispensável para uma experiência inclusiva e democrática, pois entendemos a escola como espaço de formação de sujeitos historicamente conscientes e, portanto, ativos.

Os textos aqui apresentados resultam de uma atividade desenvolvida nas aulas de História, na qual, a cada encontro, dois estudantes iniciam a aula com a leitura pública de seus textos previamente elaborados em forma de Discurso<sup>2</sup>. Nesse sentido, a escolha do gênero textual discurso (e não carta de reclamação ou carta aberta, por exemplo) fundamenta-se por mobilizar não apenas as faculdades argumentativas (retórica), mas também a capacidade de expressão subjetiva por meio da palavra falada (oratória) e de persuasão da comunidade imediata (os colegas de sala, o professor). O foco, portanto, está menos na arte da argumentação e do convencimento do que na abertura de um espaço para tomada de palavra, diálogo e engajamento comunitário em função da experiência pessoal e de um ponto de vista.

Tal procedimento não é só metodológico, é também simbólico: antes da exposição do conteúdo curricular, instaura-se

---

<sup>2</sup> Foram apresentados um total de 223 discursos. Após algumas etapas de seleção, 49 textos retornaram revisados pelos (as) autores (as), atendendo às observações e orientações feitas pela comissão avaliadora para compor essa obra.

um espaço-tempo para a palavra estudantil. Em muitos casos, os discursos assumem a forma de reclamações — e são precisamente essas reclamações que exaltam a capacidade de análise crítica e de posicionamento frente às condições em que se encontram. Reclamar, nesse contexto, não se reduz a uma queixa desprovida de análise: configura-se como exercício de reflexão e de contestação. Como já pensava Paulo Freire, a leitura do mundo precede a leitura da palavra, por isso, os textos aqui reunidos não aparecem como sistematizações teóricas, rebuscadas e enquadradas em normas acadêmicas, mas sim, e antes de tudo, como leituras críticas de mundo.

Por essa razão, o título *Eu também vou reclamar... e fim de papo* estabelece um diálogo com a canção de Raul Seixas - primeira faixa do lado B do álbum “*Há 10 mil anos atrás*”, de 1976. A apropriação do título e também da frase final da letra da referida música configura uma referência a esse artista que se posicionava contra o “*Monstro Sist.*” — metáfora crítica para o sistema opressor. Ao adotar esse título, classificamos esta coletânea como uma obra de contestação, mas também de confirmação da autonomia estudantil. Assim, os estudantes que aqui escrevem e reclamam, exercitam o direito à palavra, à crítica e à participação no debate público, e, ao fazê-lo, afirmam-se como sujeitos históricos de seu tempo.

Boa Leitura.

**REFERÊNCIAS:**

Eu também vou reclamar. Raul Seixas. Há 10 mil anos atrás. Gravadora Philips/Universal. 1 LP (1976) / 1 CD (2002). 39 min 46 s.

Freire, Paulo. **À sombra desta mangueira**, 11 ed. Editora Paz e Terra: São Paulo, 2013.

Freire, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 63 ed. Editora Paz e Terra: São Paulo, 2017.

Frigotto, Gaudêncio. Concepções e mudanças no mundo do trabalho e o ensino médio. In: Frigotto, Gaudêncio, Ciavatta, Maria e Ramos, Marise (Orgs.). **Ensino Médio Integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

hooks, bell. Educação como prática de liberdade. In: Cassio, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. Boitempo: São Paulo, 2019.

Mészáros, István. **A educação para além do capital**, 2 ed. Editora Boitempo: São Paulo, 2019.

Não é sério. Charlie Brown Jr e Negra Li. Nadando com Tubarões, Gravadora Virgin Records.. 1 CD (2000). 40 min 50 s.



**ARTE E  
CULTURA**

# UM HISTÓRICO DE CENSURA E DESINCENTIVO: A LEITURA COMO DIREITO E ATO DE RESISTÊNCIA

*Anna Isabella de Chaves\**

**VOU DISCURSAR** contra a falta de incentivo à leitura no Brasil, defendendo que esse problema não se limita à ausência de políticas públicas atuais, mas é resultado de um processo histórico de censura, exclusão social e desvalorização da leitura ao longo da formação do país.

Antes de falarmos sobre a leitura no cenário atual, precisamos voltar um pouco no tempo. No ano de 1500, quando os portugueses chegaram ao Brasil, eles trouxeram muitas coisas, como a religião, o comércio e até mesmo leis, mas não trouxeram uma imprensa. Os portugueses tinham medo de que a circulação de livros criasse ideias perigosas, como críticas à monarquia.

A leitura era um privilégio de poucos, restrito ao clero, aos nobres e à elite colonial. Mesmo essas elites sofriam censura da Igreja, que controlava rigidamente os livros para que não ameaçassem a fé católica ou a autoridade real. As pessoas escravizadas eram proibidas de ler, e a maior parte da população era analfabeta, já que o letramento poderia facilitar rebeliões, organizações políticas e até mesmo a fuga de escravizados.

Em 1808, a primeira imprensa chegou ao Brasil, e os livros começaram a ser produzidos em território nacional. Mesmo assim, ainda havia um forte controle sobre o que poderia ser publi-

cado. Como a maior parte da população era analfabeta, a leitura continuava restrita às elites e chegava à população mais carente e aos escravizados apenas pela oralidade.

Já estando no século XX, o Brasil sofreu um golpe militar, e novamente os livros se tornaram alvo de censura. Diversos autores nacionais que criticavam o regime autoritário ou discutiam a desigualdade social tiveram suas obras censuradas, por não estarem de acordo com os chamados “bons costumes” da época.

Atualmente, uma pesquisa realizada pelo Retratos da Leitura no Brasil, em 2024, aponta que 53% dos entrevistados não leram nem mesmo parte de uma obra nos três meses anteriores à pesquisa. Nos últimos quatro anos, o Brasil perdeu quase 7 milhões de leitores. Vivemos em um país onde 9 milhões de pessoas não sabem ler nem escrever, onde o salário mínimo mal cobre as necessidades básicas de uma família e onde o trabalhador atua, em média, 40 horas semanais. Por isso, é compreensível que as redes sociais sejam o método escolhido para ocupar o tempo livre.

Mas o problema vai além da falta de tempo ou de dinheiro. Até pessoas com boas condições financeiras e com uma estrutura educacional melhor muitas vezes não leem. Esse descaso com a leitura afeta todo o país. Hoje, 29% dos brasileiros são analfabetos funcionais, ou seja, pessoas que até leem, mas não conseguem interpretar textos básicos.

A literatura não é só um passatempo. Ela é uma forma de desenvolver o pensamento crítico e um ato de cidadania, até mesmo quando se trata de livros de ficção. Paulo Freire defende que a leitura não se limita à decodificação das palavras, mas envolve a compreensão da realidade e a capacidade de questioná-la. No século XIX, romances abolicionistas foram publicados como

forma de resistência. Maria Firmina dos Reis é um exemplo disso, reconhecida até hoje como a primeira romancista brasileira.

Se naquela época os livros lutavam contra a escravidão, hoje eles lutam contra a manipulação, a ignorância e a indiferença. Quando mais da metade da população não lê, o resultado é um povo menos capaz de questionar e mais fácil de ser enganado.

Por isso, ler no Brasil é, sim, um ato de resistência. E, como disse Mário Quintana, “os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não lêem”. Diante disso, incentivar a leitura é fundamental para a formação de cidadãos críticos, conscientes e capazes de participar ativamente da sociedade.

---

\* Estudante do 4º ano do curso Técnico Integrado em Administração no IFPR, campus Pinhais.

# ESTOU DE SACO CHEIO DA INDÚSTRIA CULTURAL

*Eduardo Luiz Bogoni\**

**VOU DISCURSAR** contra a indústria cultural na produção artística e seus impactos culturais. A cultura é um sistema compartilhado de signos e sistemas de representação aliados à linguagem, que produz sentido, permitindo que indivíduos dentro de uma sociedade possam se comunicar. Esta é a abordagem construtivista da semiótica, marcada pelo ponto de virada da análise de Saussure.

Baseado nessa perspectiva do linguista, Foucault analisou o poder e suas relações, numa instância que chamou de “microfísica” do poder, determinando a função dos discursos na formação da cultura. Segundo Foucault, os signos são significados, isto é, existem com sentido, apenas quando pertencentes a um discurso. Discurso é um conjunto de representações de uma determinada cultura que perpassa seu corpo social fixando sentidos, assim sendo a busca pela hegemonia de um discurso, a busca por impor uma “verdade”.

Como parte de um regime de representação, o mainstream é a entidade hegemônica que fixa os discursos, formado por corpos como tipos e estereótipos.

Sendo a diferença um componente da linguagem, de acordo com Saussure, portanto da produção de sentido, a fixação destes corpos se dá pela tipificação e exclusão de corpos alheios. Segundo Hall: “a estereotipagem facilita a ‘vinculação’, os laços, de todos nós que somos ‘normais’ em uma ‘comunidade

imaginária’ e envia para o exílio simbólico todos Eles, ‘Os Outros’.” (HALL, 2016, p.192).

A tipificação por sua vez resulta na estereotipagem, isto é, redução do corpo a seus tipos, e hipérbole destes.

No aspecto de Foucault, a estereotipagem é uma forma de poder discursivo, hegemônico e circular, que tende a ocorrer em contextos de enormes desigualdades de poder, portanto sendo a hegemonia uma prática violenta.

A estereotipagem ocorre em dois níveis, um consciente e evidente que vela o inconsciente ou reprimido, chamadas fantasias – que possuem conotação – por meio da prática da fetichização, isto é, a substituição do todo pela parte.

O mainstream, retomando, é o nome dado ao discurso que detém o poder num regime representativo – poder simbólico – que se funda em desigualdades e se impõe violenta e ambivalentemente, fixando suas ideologias e signos. Por si só, esta prática hegemônica, em função de sua manutenção, exclui demais discursos, depreciando-os. Mary Douglas argumentou que qualquer coisa que esteja “fora de lugar” é considerada contaminada, perigosa e tabu. Esta prática caracteriza o etnocentrismo, que para Dyer é “a aplicação das normas da própria cultura para a dos outros” (HALL, 2016, p.192).

Para ilustrar, utilizarei movimentos artísticos ocidentais, um de propósito contracultural em relação à Indústria Cultural – movimento Grunge – e outro que é reflexo do discurso hegemônico:

O primeiro surgiu em Seattle, Washington, nos Estados Unidos da América, durante as décadas de 1980 e 1990, sendo uma fusão de heavy metal, punk e indie rock, foi caracterizado por suas letras e visual refletindo a atitude antissistema e anti-gla-

mour na década em que gêneros performáticos como glam e o pop exerciam sua hegemonia.

Este gênero apresenta menor complexidade nas técnicas musicais, mas foco nos significados, apresentando caráter inconformista e letras que denunciavam o juízo do discurso hegemônico a respeito da cultura e sua banalização.

Especialmente, o grupo Nirvana teve relação curiosa com este discurso contracultural: em seu álbum “Nevermind” – algo como “deixa para lá” – que atingiu grande sucesso, criticava esta banalização em músicas como “Smells Like a Teen Spirit” – que também denuncia a fetichização do artista – e “In Bloom”. Ambas as músicas apresentam metáforas irônicas metalinguísticas para realizar esta crítica. Porém, sendo uma forma de poder circular, nas palavras de Hall: “as ‘vítimas’[os dominados e excluídos pelo discurso] podem ficar presas na armadilha do estereótipo, confirmando-o inconscientemente pela própria forma com que tentam opor-se e resistir” (HALL, 2016, p. 199).

Meu outro exemplo é o gênero musical brasileiro funk e sua evolução. Originalmente, nas décadas de 1990 e 2000, este gênero, ainda em formação, possuía diversas vertentes que se apresentavam com relativo sucesso no cenário musical brasileiro. Por ser gênero popular e não erudito (evidente forma de exclusão e fixação de tipos pelo discurso), era marginalizado, sendo relacionado à criminalidade. A vertente específica “funk consciente” teve um breve sucesso, sufocado pela emergência do outro subgênero “funk ostentação”. Este teve um aumento exponencial de popularidade que não decorreu de mérito ou carisma, mas sim da ação da Indústria Cultural, que em contexto capitalista, financiou o gênero para usá-lo como ferramenta de marketing. Isto pois o movimento abordava sonhos consumistas, vindos da

desigualdade social e pobreza enfrentada pelo público-alvo. Ao interessar o mercado material, este financiou o cultural na produção e propagação do gênero, incentivando o consumo, vulgo ostentação, tirando-o das margens de exclusão da sociedade.

Por fim, a Indústria Cultural (conceito de Theodor W. Adorno) serve-se das práticas simbólicas para sua manutenção como discurso hegemônico. Práticas estas violentas, que atendem a um grupo dominante e excludente, causando empobrecimento cultural e supressão de movimentos contraculturais inovadores.

## **REFERÊNCIA:**

HALL, S. Cultura e representação. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio : Apicuri, 2016.

---

\* Estudante do 3º ano do curso Técnico Integrado em Informática no IFPR, campus Pinhais. É membro do Núcleo de Arte e Cultura do campus, participou de duas exposições artísticas do projeto Itinerarte confeccionando pinturas. Faz parte do time de basquete do campus desde seu ingresso.

# A MÚSICA NA VIDA DAS CRIANÇAS: E SE A MÚSICA FOR MAIS DO QUE APENAS ENTRETENIMENTO?

*Geovana da Silva Barbosa\**

**VOU DISCURSAR** contra o contato de crianças com músicas inapropriadas, com conteúdos explícitos e/ou de duplo sentido, que afetam o desenvolvimento psíquico, mental e cultural de todos, mas em especial, o infantil. Atualmente, após o vídeo do influenciador Felca, com o título “Adultização”, que aborda a exploração da imagem infantil na internet ter viralizado, foi intensificada a discussão sobre um tema que já era conhecido: o quão prejudicial é a exposição exacerbada de crianças nas redes. Mas geralmente é dado o fardo da culpa a vídeos, jogos, aplicativos de mensagem e, em algumas vezes, é apagada a responsabilidade de algo que pode ter até mais culpa do que esses serviços: a música.

A música sempre está presente em nosso cotidiano, seja em momentos felizes, tristes, quando estamos sozinhos ou reunidos, nunca se limitando apenas ao entretenimento; ela é uma forma de arte que possui um grande papel em nossas vidas. Soares e Rubio (2012) afirmam que a música “favorece o desenvolvimento cognitivo/linguístico, psicomotor e socioafetivo da criança” e, segundo Silva (2012), a música é uma ferramenta fundamental para “resgatar a cultura e ajudar na construção do conhecimento pela criança”. Ou seja, a música pode interferir diretamente na

personalidade e até no desenvolvimento sociocultural, mas infelizmente, em alguns casos, este recurso tão valioso não é utilizado de maneira construtiva, tornando-se prejudicial para a formação dos pequenos.

Já é comum estar em locais com músicas de conteúdo inapropriado para certas idades e encontrar crianças nesses ambientes, que são ignoradas pelos adultos do local por comodidade ou até por motivos mais fúteis, como querer continuar a ouvir aquilo que gosta sem se importar com o público infantil. Inicialmente isso pode até parecer inofensivo e alguns podem afirmar “É só uma criança, ela não entende”, mas sempre devemos nos lembrar de que para as crianças pequenas o ritmo pode até ser o que as leva a se interessar por aquela música, mas para as mais velhas, isso pode ir para outro rumo, já que elas já possuem um certo conhecimento (mesmo que em alguns casos de forma distorcida) sobre o significado daquelas letras e de como aquilo é visto na sociedade.

No caso atual mais conhecido de denúncia sobre a exposição das crianças a conteúdos sexuais, o influenciador Felca em seu vídeo traz a psicóloga Ana Beatriz Chamat, especialista em infância, adolescência e parentalidade, que afirma que a exposição do público infantil a conteúdos sexuais pode gerar problemas no desenvolvimento de formação de identidade e a geração de transtornos psiquiátricos no futuro da criança. Após a repercussão do vídeo, o jornal BBC News Brasil publicou uma reportagem explicando que pular etapas na infância é prejudicial ao crescimento mental, formando pessoas mentalmente desequilibradas, com maior risco de sofrer com ansiedade, depressão, dificuldade de socializar, falta de empatia e, quando envolve a sexualização infantil, podem existir prejuízos à autoimagem, à

autoestima e risco de uma sexualização excessiva por parte daquela pessoa.

Agora a pergunta que você pode fazer é: Mas o que isso tem a ver com o meu filho ouvir sertanejo ou funk? E a resposta é bem simples: nada! Um estilo musical não tem nada a ver com isso, muito pelo contrário, não se deve ter um preconceito gerado contra qualquer gênero musical só porque ele não é “bom” e traz uma posição que você não concorda. O verdadeiro problema é que crianças que são expostas a letras pejorativas e extremamente sexualizadas podem ter prejuízos em seu desenvolvimento ao ouvir canções que não foram feitas para elas, e sim para o público adulto, fazendo com que etapas de seu crescimento sejam puladas e elas podem gerar uma concepção errada sobre o papel delas na sociedade.

Segundo o sociólogo Durkheim, a sociedade exerce um grande poder na formação do indivíduo, sendo responsável por moldar sua forma de pensar e agir, sem depender da vontade individual e sim por meio de aprendizagens sociais. Uma criança que é exposta diariamente a músicas inapropriadas tende a internalizar valores sociais, linguísticos e culturais, os quais afetam seu desenvolvimento, naturalizando comportamentos e ideais que não correspondem à sua idade, fazendo-a incorporar de forma precoce práticas não infantis, contribuindo para fenômenos como a adultização.

A música deve ser apresentada para à criança além de entretenimento, de forma educacional, para que por meio do ritmo e da letra ela possa desenvolver sua mentalidade e aprenda mais sobre o mundo ao seu redor de maneira correta, protegendo sua infância do peso do mundo adulto. Não ensine algo para criança

se ela não precisa, respeite a idade dela e não ofereça conteúdos que não sejam próprios para sua faixa etária.

É crucial termos em mente que conforme a Constituição Federal, é dever de todos assegurar a criança e ao adolescente o direito à vida, à saúde, à educação, ao lazer, à cultura, à dignidade, ao respeito, e à liberdade, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. Finalizo minha fala com uma reflexão crucial e de extrema importância para os tempos atuais, que é uma adaptação de um ditado popular que tem origem em um princípio bíblico: “Me digas o que escutas e saberei quem és”.

---

\* Estudante do 3º ano do curso Técnico Integrado em Administração no IFPR, campus Pinhais. Na sala de aula, mantenho o foco nos estudos para ingressar em uma faculdade de Arquitetura e Urbanismo e trabalhar em criações que possam exaltar as belezas e peculiaridades do nosso Brasil. Nas horas vagas, porém, passo meu tempo vivendo diferentes histórias nos livros, salvando Hyrule e outros reinos nas telas e me expressando por meio da escrita, com lápis e papel. Não acredito que o mundo será dominado pelas IAs nem pelos robôs, mas tenho certeza de que, para a evolução de todos como indivíduos e como nação, devemos sempre ler e estudar cada vez mais. Pois, assim como já dizia Sócrates, *“só existe um bem, o saber, e apenas um mal, a ignorância”*.

# CONFLITOS ENTRE AUTOR E OBRA: UMA ANÁLISE

*Júlia Liebl Dudar\**

**VOU DISCURSAR** contra e a favor da separação entre o autor e sua obra, de modo a fazer uma análise. Muitas vezes, nos deparamos com uma situação bastante desconfortável: um autor que admiramos revela-se uma pessoa desprezível, um criminoso ou simplesmente alguém moralmente condenável, mas sua obra nos toca de muitas formas. Então surgem as perguntas: a obra ainda pode ser apreciada? Devemos cancelar a obra junto com o autor ou é possível separá-las?

Historicamente, a noção de que o autor é uma figura quase sagrada é uma construção da modernidade, especialmente a partir do século XVII. Filósofos como Lord Shaftesbury, Blaise Pascal e René Descartes ajudaram a difundir a ideia de que o homem se aproxima de Deus quando cria. Assim, a obra passou a ser vista como extensão da alma do autor.

“O escritor deve ser, antes de tudo, o primeiro modelo de sua obra. Ele deve viver a doutrina que transmite e ser, ele próprio, a personagem que desenha. Caso contrário, o texto não passa de um som vazio, e o autor se encontra separado de seu estilo.” (Shaftesbury, 1710, p. 33-34).

Esse pensamento foi fortemente questionado em 1968 por Roland Barthes, em seu texto *A morte do autor*. Ele afirmava que muitos críticos eram preguiçosos por ler a obra apenas a partir da biografia de quem a escreveu. Segundo esse argumento, a

obra tem vida própria, e os sentidos que ela desperta pertencem ao leitor, não ao autor.

“A escrita é esse espaço neutro, composto, oblíquo, onde nosso sujeito se esvai, o negativo onde toda identidade se perde, a começar pela própria identidade do corpo que escreve.” (Barthes, 1977, p. 1-8)

Esse fragmento mostra bem a ideia central de Barthes: a escrita não é a expressão direta de um autor, mas um espaço onde a identidade se dissolve e o texto passa a existir por si mesmo.

Argumentos a favor da separação defendem que, uma vez publicada, a obra pode ser lida, relida e interpretada de formas que o próprio autor jamais imaginou. Um autor que faz bem isso é Franz Kafka, cujos textos permitem leituras filosóficas, psicológicas e sociais distintas entre si. Cancelar uma obra apenas pela conduta de quem a criou poderia limitar o debate e o acesso a ideias valiosas.

Já os argumentos contrários destacam que o autor imprime sua visão de mundo na obra. Ela pode carregar ideologias nocivas, naturalizar violências e preconceitos e, quando este autor continua vivo, torna-se ainda mais difícil consumir e valorizar a obra, pois, mesmo que indiretamente, estamos sustentando financeiramente e culturalmente quem a produziu, em relação a autores falecidos ou de época, geralmente aproveitamos o valor artístico, contudo, criticamos os feitos do autor sem esquecer a normalização desses atos em sua época.

Na prática, é comum que autor e obra sejam confundidos ou diretamente associados pelo público. A obra *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, foi muito afetada por críticas da época. Já que, em 1895, ele foi condenado por “indecência grave” em razão de sua orientação sexual. No próprio tribunal, sua pro-

dução literária foi utilizada como argumento de acusação. Após a condenação, suas peças e romances passaram a ser analisados sob a ótica de sua vida pessoal, sendo condenados pela moral pública. Um outro exemplo marcante da relação entre autor e obra pode ser observado em H. P. Lovecraft, cuja produção literária influenciou gerações de escritores e consolidou um imaginário pautado pelo medo do desconhecido e pela insignificância humana diante do universo; entretanto, ao lado da permanência de suas narrativas de terror cósmico, estudiosos passaram a considerar também as ideias racistas, xenofóbicas e antisemitas presentes em cartas pessoais e em alguns trechos de seus livros, o que levou a uma leitura crítica que enxerga reflexos de sua visão de mundo em sua ficção. Já em *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo, encontramos um movimento contrário: a distância entre o autor e os acontecimentos narrados. A obra apresenta cenas de assassinato, violência e personagens moralmente degradados, capazes de causar forte impacto no leitor, mas registros biográficos revelam que o escritor era, na vida cotidiana, um jovem estudante reservado, sensível e dedicado aos estudos. Esse contraste evidencia que a literatura pode explorar temas sombrios e extremos sem que isso represente, necessariamente, os valores ou atitudes pessoais de quem escreve.

Esses exemplos evidenciam que a relação entre autor e obra não é simples nem automática. A biografia pode influenciar a leitura, mas não determina de forma absoluta o sentido de um texto. A criação literária é atravessada por contexto histórico, valores sociais, experiências pessoais e também pela liberdade artística. Separar ou aproximar autor e obra é, em grande parte, uma decisão interpretativa, que exige cuidado, equilíbrio e reflexão crítica. Em cada caso, a leitura acadêmica ou crítica exige uma

análise mais objetiva da obra, independentemente do autor; mas, na esfera pessoal e social, a arte reflete temas e subjetividades de quem a produz, o que torna difícil ignorar completamente quem está por trás da criação.

Portanto, acredito que a separação entre autor e obra é possível, mas não automática. Ela depende do contexto, da finalidade da leitura, do impacto social do autor, do tempo em que viveu e, principalmente, da escolha de cada leitor.

## REFERÊNCIAS:

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. **Image, Music, Text**. New York: Hill and Wang, 1977. p. 1-8.

SHAFTESBURY, Anthony. Soliloquy, or Advice to an Author. 1710. Disponível em: <https://archive.org/details/soliloquyorad-vi00ofgoog/page/n8/mode/2up>

---

\* Estudante do 3º ano do curso Técnico Integrado em Informática no IFPR, campus Pinhais. Apaixonada por literatura.

# PRECONCEITO CONTRA A ARTE FORA DO PADRÃO: DIVERSIDADE ESTÉTICA E EXPRESSÕES ALTERNATIVAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

*Kamila da Costa de Oliveira\**

**VOU DISCURSAR** contra o preconceito à arte que foge dos padrões tradicionais. Como afirma Pierre Bourdieu, a sociedade constrói um “gosto legítimo” que define quais manifestações culturais são valorizadas e quais são inferiorizadas. É dentro dessa lógica que pessoas adeptas de estilos alternativos, como o gótico, acabam sendo vistas como estranhas ou inadequadas, simplesmente por não corresponderem ao padrão dominante.

Além da aparência, esse preconceito afeta a liberdade de expressão. Artistas e escritores que exploram temas sombrios ou introspectivos frequentemente são marginalizados, fenômeno explicado por Dick Hebdige, que interpreta subculturas como formas de resistência simbólica. Ou seja, o incômodo social não vem da arte em si, mas do fato de ela desafiar normas estabelecidas. Quando apenas expressões “aceitáveis”, “comerciais” ou “leves” são valorizadas, toda a cultura perde, como propõe Stuart Hall, a diversidade simbólica é essencial para compreender diferentes identidades e experiências humanas.

Um ponto ainda mais delicado é a objetificação de mulheres que participam de cenas alternativas. Muitas vezes reduzidas a fetiches visuais, elas representam o que Judith Butler descreve como imposições de gênero que moldam a forma como as mu-

lheres são vistas socialmente. A estética alternativa, nesse caso, intensifica a vigilância e o julgamento, transformando essas mulheres em estereótipos em vez de indivíduos completos.

Segundo Michel Foucault, sociedades contemporâneas funcionam através de mecanismos de normatização que disciplinam corpos, comportamentos e estéticas. Assim, qualquer expressão que escapa do “normal” é controlada simbolicamente por meio do preconceito, da ridicularização e da exclusão.

Para modificar esse cenário, é necessário promover diversidade artística e cultural nas escolas e espaços públicos, rompendo com a ideia de um único padrão legítimo de beleza e expressão. Valorizar artistas independentes, estimular projetos culturais e combater estereótipos amplia o acesso à arte e fortalece identidades plurais.

A arte é um reflexo da complexidade humana. Ela existe porque sentimos o mundo de maneiras diferentes, porque vivemos histórias distintas e porque carregamos sensibilidades únicas. Quando uma sociedade tenta silenciar ou diminuir expressões que fogem do padrão, ela não apenas oprime indivíduos, mas também limita sua própria capacidade de crescer, aprender e sentir. Portanto, combater o preconceito contra a arte alternativa não é apenas defender um estilo: é lutar por liberdade, autenticidade e pluralidade. É escolher uma sociedade que valoriza o que é diverso, que respeita todas as formas de existir e que reconhece na diferença a sua maior riqueza.

---

\* Estudante do 2º ano do curso Técnico Integrado em Administração no IFPR, campus Pinhais. Interessada em compreender as relações entre cultura, sociedade e comportamento humano. Busca aprofundar suas análises sobre diversidade estética, expressão artística e o impacto dos padrões sociais nas formas de identidade.

# ATIVIDADES CULTURAIS NAS ESCOLAS: A IMPORTÂNCIA PARA A CONSCIENTIZAÇÃO DO PRECONCEITO

*Maria Luíza de Oliveira\**

**VOU DISCURSAR** a favor das atividades culturais e da conscientização do preconceito nas escolas. Vivemos em uma sociedade marcada por grandes desigualdades sociais, históricas e culturais, diante disso, como uma mulher preta, defendo com firmeza que atividades culturais e ações voltadas ao apoio de grupos minoritários devem fazer parte do ambiente escolar.

Defender as atividades culturais é defender a liberdade de expressão, a criatividade e o respeito às diferenças. Segundo Pierre Bourdieu, um sociólogo francês, muitas vezes as escolas acabam reproduzindo a desigualdade social ao valorizar apenas as culturas dominantes, e que quando a escola inclui culturas negras, indígenas, LGBTQTs e pessoas com deficiência, ela rompe essa reprodução e promove a justiça social. Paulo Freire, educador e filósofo brasileiro defende que a educação deve partir da realidade cultural dos alunos, valorizando sua vivências, expressões artísticas e identidades. Para ele, atividades como arte, teatro e leitura ajudam os estudantes a compreender o mundo, se expressar criticamente e valorizar o que é diferente, e não apenas decorar conteúdos. Quando a escola tem atividades que acolhem esses alunos com respeito e representatividade, ela está corrigindo séculos de invisibilidade e injustiça.

Como por exemplo, escolas que promovem feiras culturais como aqui no campus do Instituto Federal do Paraná de Pinhais,

cujas práticas não só valorizam a cultura, mas também aproximam os alunos da realidade social que os cerca.

Miguel Nicolelis, um neurocientista brasileiro, professor da Universidade Duke dos Estados Unidos, afirma que o cérebro humano é altamente plástico e se desenvolve melhor em ambientes ricos, estimulantes e inclusivos. Ele critica modelos educacionais excludentes e defende que a escola deve reconhecer as diferenças sociais e culturais, e também valorizar a identidade dos estudantes, quando o estudante se vê representado, ele aprende com mais confiança e autoestima que desenvolve:

- Emoções positivas - melhor funcionamento do cérebro;
- Sentimento de pertencimento - maior motivação;
- Reconhecimento identitário - mais segurança para aprender.

As escolas também deveriam ensinar aos alunos que não basta não ser racista, homofóbico e machista, temos que ser antirracistas, anti-homofóbico e antimachistas, precisamos entender isso, que não basta dizer “eu não sou preconceituoso” e permanecer calado, o silêncio também machuca. Ser anti preconceito é ter coragem de enfrentá-lo, mesmo quando ninguém o pratica, é falar quando alguém é humilhado e não abaixar a cabeça diante da situação.

Atividades culturais e apoio às minorias nas escolas ensinam na prática a olhar para o outro com respeito, empatia e humanidade.

Finalizo, valorizar as atividades culturais que representam as minorias não é apenas necessário, e sim, urgente. Só assim, construiremos uma educação mais inclusiva, humana e respeitosa.

---

\* Estudante do 3º ano do curso Técnico Integrado em Administração no IFPR, campus Pinhais. Nascida em Curitiba-PR, atualmente, reside em Pinhais.



**COMPORTAMENTO:  
JUVENTUDE  
E SOCIEDADE**

## **AUTOCOBANÇA:** CONTRA O EXCESSO DE EXIGÊNCIAS E DEVERES NA ADOLESCÊNCIA

*Beatriz da Silva\**

**VOU DISCURSAR** contra o excesso de cobrança sobre nós na adolescência. Vocês já perceberam como a adolescência é uma fase complicada da vida? Não somos mais crianças, mas também ainda não somos adultos. Ao mesmo tempo em que não carregamos todas as responsabilidades da vida adulta, já somos pressionados a pensar no futuro, a fazer escolhas definitivas e a corresponder às expectativas projetadas sobre nós. Nesse processo, muitas vezes não há espaço para a criança que ainda existe dentro de cada um.

Ao meu ver, essa exigência excessiva que uma pessoa faz de si mesma tem se tornado cada vez mais presente na sociedade atual, que nos induz a sermos extremamente críticos conosco. Essa postura constante de cobrança acaba fazendo com que percamos a autoconfiança e nos leva a sentimentos como frustração, desânimo e desmotivação. Desde cedo, somos expostos a padrões socialmente impostos: é preciso se formar, constituir uma família, ter sucesso profissional e pessoal e, acima de tudo, ser o melhor em tudo o que se faz. Essa lógica cria a falsa ideia de que nunca somos suficientes.

No ambiente escolar, essa cobrança se manifesta principalmente por meio de avaliações que, muitas vezes, reduzem o aluno a notas e conceitos. A todo instante, precisamos provar que

somos bons o bastante. Já pararam para refletir sobre o impacto que esse tipo de cobrança causa em nossa saúde emocional? Expectativas sociais e culturais, a influência da mídia, traumas e padrões estéticos atuam constantemente sobre nós e, com o passar do tempo, essa cobrança externa acaba se transformando em autocobrança.

Imagino que, assim como eu, muitos estejam aflitos com as responsabilidades que se aproximam, com os vestibulares cada vez mais próximos e com a pergunta que insiste em ecoar: como será o meu futuro? Segundo estudos da psicologia do desenvolvimento, a adolescência é marcada justamente pela construção da identidade, o que torna essa fase ainda mais vulnerável à pressão e à comparação constante.

A autocobrança fez com que se normalizasse passar madrugadas estudando, lendo, pesquisando e se preparando para provas, ou até mesmo ficar sem dormir, tomado por pensamentos ansiosos e pelo medo de não dar conta de tudo. É nesse contexto que entendemos o outro lado da frase “pensar dói”, atribuída ao filósofo francês Blaise Pascal, que se refere ao peso emocional do excesso de reflexões e preocupações. Pensar se torna doloroso quando deixa de ser reflexão e passa a ser uma cobrança constante.

Além disso, a autocobrança também afeta os momentos de lazer. Em vez de descanso, surge o sentimento de culpa por não estarmos sendo “produtivos”, como se o valor humano estivesse diretamente ligado ao desempenho e ao rendimento contínuos.

Essa autocobrança excessiva está profundamente relacionada à ansiedade, característica de uma sociedade imediatista, que exige resultados rápidos e perfeição constante. Esse processo gera sentimentos intensos, dúvidas sobre nossas capacidades

e afeta diretamente nossa concentração, energia, sono, memória e desempenho. Junto a isso, surge o medo: medo de errar, de falhar, de não ser bom o suficiente ou até mesmo de sermos quem realmente somos.

Somos humanos, e sentir faz parte da nossa existência. Sentimos muito, e isso não é fraqueza. Por isso, precisamos aprender a olhar para nós mesmos com mais amor, sem julgamentos, sem comparações, com mais cuidado e autocompaixão, além de abrir espaço para falar sobre o que sentimos.

Que possamos compreender que somos bons o suficiente, que notas e conceitos não definem quem somos e que errar faz parte do processo de aprendizagem. É por meio dos erros que acumulamos experiências, memórias e crescimento. Que, ao final, possamos construir uma vida mais leve, feliz e consciente, entendendo que está tudo bem não ser o melhor em tudo.

Ainda que, muitas vezes, por conta da autocobrança excessiva, venhamos a desacreditar de nós mesmos e a perder a esperança em um futuro no qual estejamos exatamente onde desejamos estar, que possamos seguir acreditando em nossa capacidade. Que, mesmo quando nossos ideais não se concretizarem como imaginamos, saibamos reconhecer o valor do caminho percorrido, pois cada passo importa e a vida, acima de tudo, é um presente.

---

\* Estudante do 4º ano do curso Técnico Integrado em Administração no IFPR, campus Pinhais. Possui 18 anos.

## JOVENS SOB PRESSÃO: A NORMA SOCIAL EM DECIDIR O SEU FUTURO

*Eduardo Cornehl Jungles Gonçalves\**

**VOU DISCURSAR** contra a pressão social instituída aos jovens do último ano do ensino médio para determinarem o seu futuro, por meio da escolha do seu curso de faculdade.

Desde a infância é comum escutarmos perguntas como “O que você quer ser quando crescer?”. Um pouco mais velhos, surge também a indagação “Qual faculdade quer fazer?”. Parecem questionamentos inofensivos, no entanto, eles ajudam a reforçar a pressão que é chegar ao último ano do ensino médio.

Escolher o seu futuro não é algo fácil. Muitos adultos ainda não têm certeza do que querem fazer, ainda assim, com 17 anos somos persuadidos a definir a trilha que queremos seguir. É uma faixa etária surpreendente, já que muitos ainda não possuem a carteira de motorista, o título de eleitor e nem têm idade para beber, mas ainda assim, a sociedade acredita que estamos aptos a definir nosso destino profissional.

Essa tensão é reforçada na estrutura dos processos seletivos vigentes, nos quais os estudantes devem selecionar na metade do seu último ano o curso desejado, para assim, tentar ser aprovado por meio de uma prova no final do ciclo. Ou seja, os alunos que entram no período final têm em torno de seis meses para decidir o que cursar, caso contrário perdem os prazos de inscrição, pois raramente há a possibilidade de alterar o curso ou selecioná-lo depois do fim dessa primeira etapa.

Quantificando esse cenário, encontrei um dado alarmante, segundo a CNN Brasil, cerca de 55,5% dos ingressantes em cursos superiores desistem antes de completar os estudos. Entre os motivos citados estão a desconexão entre as expectativas do jovem e a real experiência do curso, além das questões econômicas, vinculadas à alta oferta de faculdades particulares. Nesse contexto, a dificuldade em entrar em uma instituição pública e a alta demanda por vagas tornam a desistência algo que deve ser trabalhado, já que, não é possível destinar a vaga ociosa para outra pessoa após os períodos iniciais, fazendo com que, em uma turma de 40, apenas 18 se formem, segundo a mesma pesquisa.

Outro dado que reforça esse problema é o captado pelo Instituto Semesp e pela *Workalove*, em que 1 em cada 4 egressos do ensino superior trabalha em uma atividade remunerada que não condiz com sua área de formação, mostrando assim, que mesmo quem concluiu todo o processo de ensino, pode não estar satisfeito com sua escolha.

Diante de todos esses dados e argumentos, é evidente que devemos desmistificar e tornar mais leve a escolha profissional. Não há nenhum problema em repensar o curso que quer fazer, ou esperar o próximo processo seletivo para ter certeza. Mas, o que o cidadão comum pode fazer quanto a isso? É uma pergunta importante, pois nós, como sociedade, impomos esses padrões e devemos, portanto, assumir a responsabilidade de desconstruí-los, permitindo que o jovem decida seu futuro sem o peso do imediatismo.

---

\*Estudante do 4º ano do curso Técnico Integrado em Informática no IFPR, campus Pinhais. Bolsista CNPq pela PUCPR, dedica-se ao desenvolvimento de tecnologias e jogos para o ensino de primeiros socorros a leigos. Tem dois artigos e cinco resumos publicados, apresentou trabalhos no SE<sup>2</sup>P<sup>2</sup>IN, SEMITI, SCITEC e no III CONPEDS. Atua como Presidente do Grêmio Estudantil e possui trajetória acadêmica premiada, com destaque para a Medalha de Ouro na OLITEF 2025.

## ENTRE ESPELHOS E TELAS: PADRÃO DE BELEZA É MAIS UM MEIO DE EXCLUSÃO

*Kamila Costa Antunes\**

**VOU DISCURSAR** contra os padrões de beleza. Desde que o mundo é mundo, a sociedade cria padrões. Esses padrões não se limitam apenas ao comportamento ou à organização social, mas também atingem diretamente o corpo e a mente humana, estabelecendo o que deve ser considerado bonito, aceitável ou desejável. Os padrões de beleza, portanto, não surgem de forma natural pois são construções sociais que variam conforme o tempo, a cultura e os interesses dominantes de cada época.

Historicamente, o conceito de beleza sempre esteve ligado a ideais específicos. Na Grécia Antiga, por exemplo, o corpo considerado belo era aquele que apresentava proporção e harmonia. Para as mulheres, valorizavam-se corpos voluptuosos, com curvas bem definidas; para os homens, buscava-se um corpo atlético e forte. Segundo Umberto Eco, em *História da Beleza* (2004), a estética grega associava a beleza corporal à ideia de perfeição moral e racional, o que reforçava a noção de que o corpo “ideal” representava também um indivíduo superior.

Apesar de essas civilizações terem existido há mais de dois mil anos, seus ideais estéticos continuam influenciando a sociedade contemporânea. Isso ocorre porque os padrões de beleza não desaparecem: eles se transformam e se adaptam ao contexto histórico. Hoje, esses padrões são intensificados pelo avanço da tecnologia, especialmente pelas redes sociais, que ampliam a cir-

culação de imagens e reforçam comparações constantes entre os indivíduos.

Nesse sentido, o sociólogo Zigmunt Bauman, afirma que vivemos em uma sociedade marcada pela fluidez e pela insegurança, na qual o corpo se torna um projeto permanente, sempre inacabado. O indivíduo passa a sentir que nunca é suficiente, pois sempre existe um novo modelo de beleza a ser alcançado. Assim, o corpo deixa de ser apenas uma expressão da identidade e passa a funcionar como mercadoria, algo que precisa ser constantemente “melhorado” para ser aceito socialmente.

Além disso, a filósofa Naomi Wolf, em *O Mito da Beleza* (1991), argumenta que os padrões de beleza atuam como uma forma de controle social, especialmente sobre as mulheres. Ao impor ideais que são inalcançáveis, a sociedade mantém indivíduos ocupados tentando corrigir seus próprios corpos, desviando a atenção de questões mais profundas, como autonomia, liberdade e igualdade. Dessa forma, a busca pela beleza perfeita gera frustração, baixa autoestima e sofrimento psicológico.

Com isso, muitas pessoas deixam de seguir aquilo que realmente as faz sentir bem para se adequar a padrões impostos externamente. O corpo que foge da norma passa a ser visto como errado, inadequado ou inferior. Como resultado, criam-se categorias de corpos “aceitáveis” e “inaceitáveis”, reforçando exclusões e desigualdades dentro da própria sociedade. É notável em nosso dia a dia isso, quando a Dismorfia Corporal - condição que faz o indivíduo se olhar diante de um espelho e ver seu corpo de maneira irrealista - teve um aumento alarmante. Só em nossa população brasileira, cerca de 4 milhões de pessoas desenvolveram esse transtorno justamente pelos padrões de beleza que a sociedade impôs e os outros indivíduos aceitaram.

Essa lógica é criticada também pela cultura contemporânea. O rapper Djonga, em sua obra musical, denuncia a transformação do corpo em produto e questiona a lógica mercadológica que define quem vale mais ou menos a partir da aparência. Temos como exemplo, sua participação em *Poesia Acústica 9*, no verso “*Se aceite somos perfeitos, um foda-se ao padrão, nossos corpos são muito mais do que mercadoria*” é notável como a sua crítica dialoga diretamente com o pensamento de autores sociais ao afirmar que o corpo humano não pode ser reduzido a um objeto de consumo.

Diante disso, deve-se repensar os padrões de beleza impostos socialmente. Reconhecer que esses padrões são construções históricas e culturais é um passo essencial para quebrar a ideia de que existe um único modelo de corpo ideal. Mais do que isso, é preciso compreender que nossos corpos carregam histórias, identidades e experiências que não podem ser padronizadas. O corpo não é mercadoria, e não precisa de validação externa para existir. Questionar os padrões de beleza é um ato de resistência e afirmação da grande diversidade humana.

Para encerrar este discurso, coloco em destaque o trecho do personagem Charlie da obra literária e fílmica: “*As vantagens de ser invisível*”, que diz: “*Eu sinto que sou diferente de todo mundo... Mas tem horas que eu acho que não tem nada de errado em não se encaixar.*” Então, sejamos felizes com o que somos, pois somos únicos em um mundo gigantesco e certamente brilharemos assim.

---

\*Estudante do 4º ano do curso Técnico Integrado em Administração no IFPR, campus Pinhais. Apaixonada por Jesus, pela leitura, pela música e pela minha família. Com 17 anos carrego histórias das quais algumas são extremamente sofridas, outras de realização, mas em todo tempo grata por tantas coisas das quais vivo e muito animada pelo que está por vir! Lutando para fazer todo o esforço dos meus pais e de meus ancestrais valerem a pena.

## A COVARDIA DA HIPOCRISIA: TRANSTORNOS CAUSADOS PELA AÇÃO DESTOANTE DA TEORIA

*Laís Aguirre Cota\**

**VOU DISCURSAR** contra a hipocrisia. O termo “hipocrisia” surge do grego antigo *hypokrisis*, que significa “representação” ou “máscara”, e originalmente se referia à atuação teatral, o ato de encenar modos, falas e sentimentos ao vestir uma máscara. Atualmente, a palavra carrega o significado como sinônimo de falsidade e dissimulação, ação prática incoerente ao que se prega teoricamente, de acordo com o dicionário “Dicio”. Durante o dia a dia, qualificamos ações e indivíduos hipócritas, muitas vezes nos descontentando ou causando inseguranças ao constatar atitudes tão destoantes, até antagônicas às expectativas sólidas que construímos sobre o outro. Então, por meio deste, alego um questionamento dos dilemas enfrentados a partir da existência de indivíduos hipócritas na sociedade.

Em uma perspectiva socrática de entender o conhecimento como uma virtude, a hipocrisia estabelece uma relação desleal com os ideais e valores de alguém e suas ações, sendo ignorante com o próprio conhecimento. A música *Ouro de Tolo* de Raul Seixas (Krig-Ha Bandolo, 1973) expressa grande inconformismo com a hipocrisia de tantas falas vazias e apresenta a recusa à um modelo hipócrita, principalmente no verso “*Eu é que não me sento em um trono de um apartamento com a boca escancarada, cheia de dentes esperando a morte chegar*”, demonstrando, como ser social, que a hipocrisia produz um efeito de desconforto, mal estar social.

Sócrates também disserta sobre o conhecimento e a prática: “aquele que o conhece o bem, deve ser virtuoso”, ou seja, de forma análoga a este discurso, pode se entender o hipócrita como desconhecedor legítimo da “verdade”, dos valores que prega, ao que não é ativamente virtuoso pela ausência em uma parte importante: a atividade.

Legião Urbana (Dois, 1986) em *Quase Sem Querer* com o trecho “[...] *mentir pra si mesmo é sempre a pior mentira*” novamente da luz ao impacto da ignorância hipócrita, dessa vez, lembrando como a ausência do autoconhecimento agrega apenas superficialidade à vida dos indivíduos, condenando a mentira em suas diversas formas.

Contudo, a hipocrisia não apenas afeta diretamente aqueles que nela vivem, mas também do coletivo, onde o desenvolvimento é afetado pela quebra de confiança e compromisso. A busca pela autenticidade e veracidade com si mesmo em praticar o que acredita, em tempos hipócritas, é um ato de coragem e resiliência.

---

\*Estudante do 4º ano do curso Técnico Integrado em Informática no IFPR, campus Pinhais. Participante do projeto Power4Girls 2024 da embaixada dos Estados Unidos com parceria do Instituto Gloria pelo desenvolvimento conjunto de um protótipo de aplicativo que promove soluções eficientes para os atuais problemas ambientais. Atua como Diretora Social do Grêmio Estudantil de sua instituição, e também como conselheira suplente no Conselho Municipal da Juventude de Pinhais. Participou do Seminário de Ensino, Extensão, Pesquisa, Pós-graduação e Inovação 2025 tradicional do IFPR com o projeto de pesquisa e extensão “Conversation Club - Unlock your English!” e a oficina “Diplomatas da ONU por um dia!”.

## PADRÕES: O CONTROLE DOS CORPOS E MENTES

*Maria Clara Fabro André\**

**VOU DISCURSAR** contra padrões que tentam controlar nossos corpos e mentes. Padrões são mecanismos impostos por diferentes formas de poder das instituições sociais, como as mídias, as igrejas, a escola, entre outras. Em sua maioria servem como uma ferramenta de controle dos corpos e das mentes, principalmente na contemporaneidade, com o excessivo uso das redes sociais, nas quais algoritmos são treinados para propagar conteúdos que reforçam comportamentos padronizados, através de fotos, vídeos, posts, etc.

Entretanto, não é de hoje que vemos tantas pessoas iguais, seja na maneira de se vestir ou até mesmo de agir, durante toda a história da humanidade, a sociedade sempre seguiu tendências, as quais surgiam através da nobreza, ou por celebridades, o que não muda na atualidade. Como exemplo destas tendências ao longo do tempo, podemos pensar na Grécia antiga, onde muitas mulheres com pouco mais de peso eram um símbolo de beleza e riqueza, já na Era Vitoriana os vestidos com mangas bufantes eram o sonho de toda mulher, por fim na época de 1950 Marilyn Monroe, segundo a revista GZH ela “*redefiniu padrões de sua época ao apostar em roupas que realçavam seu corpo curvilíneo*”.

Esses exemplos serviam como uma referência, entretanto isso começa a se tornar um problema quando a referência e inspiração, passam a se tornar uma obrigação, essa cobrança sempre

recai de forma excessiva sobre as mulheres, já que desde sempre precisamos aparentar estar bem, fortes, saudáveis e perfeitas, com a era das redes sociais essa pressão se intensificou.

Cada vez mais as pessoas deixam de ser elas mesmas, apenas para alcançar um corpo e estilo de vida inatingíveis, o que gera um grande peso psicológico, principalmente em meninas mais jovens, que crescem criando expectativas irreais. O psicanalista Jacques Lacan, traz o conceito de “objeto e falta”: a falta representa um espaço vazio, enquanto o objeto é a busca por preencher este espaço. No entanto, essa busca por uma satisfação que possivelmente não chegará, causando uma grande angústia, fazendo com que a maioria das pessoas vivam de forma ilusória e em busca de uma “perfeição intangível”.

E aqui temos um dos graves problemas dos padrões: a desigualdade social, principalmente porque os padrões atuais estão ligados ao consumismo, já que para uma pessoa ser considerada “bonita”, é exigido um corpo que muitas vezes só pode ser alcançado através de procedimentos caros, seu estilo de roupas precisa ser parecido com o das influencers e seguir as atuais tendências de moda, ter um cabelo de capa de revista e usar o celular de última geração.

Com isso todos os estilos foram afetados, até mesmo o alternativo, que antes significava ser diferente dos outros, hoje tem seus padrões e se você não se encaixa neles, será julgado por não ser igual. O mesmo acontece com o conhecimento, já que para ser visto como alguém inteligente, é necessário conhecer dezenas de autores cujos nomes você mal consegue pronunciar, utilizar um vocabulário rebuscado apenas para se dizer melhor que os demais e também conhecer diversas obras de diferentes áreas, apenas para ter superioridade intelectual.

Em suma, vivemos em uma sociedade de pessoas que apenas almejam se tornarem iguais às outras, tudo isso por conta dos padrões que em sua maioria as mídias impõem, a autenticidade se tornou rara e mesmo que você se encaixe em algum padrão, ainda assim continuará sendo julgado, seja pela sua aparência, pelos seus hábitos ou por parecer “atrasado” em relação ao que está em alta no mercado. Portanto, se for necessário se encaixar em algum padrão, que seja dos ignorantes que não se importam com as tendências, ou com qualquer coisa que o mercado queira vender. Ainda é possível fazer uma escolha: continuar reproduzindo os padrões de uma sociedade alienada, ou buscar ser diferente e autêntico.

---

\* Estudante do 4º ano do curso Técnico Integrado em Administração no IFPR, campus Pinhais. Nasceu em 29 de fevereiro de 2008. Desenvolve seus conhecimentos para o crescimento pessoal e profissional. Cristã, valoriza princípios e fé em seu cotidiano. Tem gosto musical voltado ao metal e rock, e aprecia atividades manuais e artesanais, que desenvolvem sua criatividade e dedicação. Como sonho futuro, deseja cursar uma universidade fora do Brasil, ampliando seus horizontes acadêmicos e culturais.



# DIREITOS HUMANOS

## ETARISMO NO BRASIL: A DESIGUALDADE PELA IDADE

*Celine Garcia Nichals\**

**VOU DISCURSAR** contra o preconceito com pessoas adultas no meio estudantil que buscam uma nova oportunidade. Cada dia que passa, os mais velhos sem graduação ou que desejam mudar de área, procuram meios de estudar dentro de instituições de ensino, junto com os jovens. Porém, quando estudam, acabam enfrentando o que chamamos de etarismo, não somente no estudo, mas também no trabalho, principalmente os mais complexos, como polícia, advocacia entre outras áreas. Estamos falando de etarismo, mas existem vários tipos de preconceito, como racismo, homofobia, sexismo, e classe social.

Trago exemplos de etarismo vivenciados por meus pais: Meu pai desejava ingressar na polícia, ele estava quase acabando os testes quando os advogados que ele contratou para o ajudar nessa última fase, disseram que seria difícil ele passar pelo fato de ser mais velho, têm tendência a ficar para trás em relação aos que se alistaram mais jovens. Minha mãe, por outro lado, até hoje procura novas fontes e oportunidades para estudo, mas teme que não haja trabalho para ela após a graduação, pois hoje priorizam os mais novos, mas nem sempre são os mais preparados.

Também trago exemplos de músicas que procuram combater a situação do etarismo, como a do programa “Chaves”, que diz que “há velhos de 17 anos e jovens de 80”, pois os jovens adultos ou adolescentes podem ser menos produtivos que os mais experientes que estão procurando oportunidades. Meu pai sempre foi

muito elogiado pelo jeito de polícia que tem, e condições de correr mais rápido que muitas pessoas, incluindo eu, que tenho 15 anos, meus pais sempre foram elogiados pelas suas inteligências, seus talentos e muito mais.

Dar uma chance a todos é importante, pois integra os mais velhos como meu pai e minha mãe, e, acredito que, muitos no nosso país e fortalece ainda mais a nossa economia.

Talvez, algum dia, a idade não seja vista como limite, mas sim sabedoria, força e persistência. Isso depende de nós jovens. Uma pessoa não deveria ser avaliada por nenhuma destas características pessoais, pois não comprometem o que realmente importa profissionalmente, e sim, ser avaliada por suas competências, habilidades e comprometimento. Muitas vezes, as pessoas mais velhas não conseguiram concretizar seus sonhos na sua juventude, mas esses sonhos ainda vivem ali dentro dos seus corações, aflorando suas vontades de tentar pela última vez realizarem seus sonhos. A velhice apenas mostra o quanto a vida foi vivida e a história do indivíduo. Vale ressaltar que, nós jovens, iremos envelhecer, e, caso não conseguirmos completar nossa vida como gostaríamos, iremos sofrer o etarismo também.

Vamos fazer com que haja a mudança para melhorar e integrar quem é excluído em silêncio.

---

\* Estudante do 2º ano do curso Técnico Integrado em Informática no IFPR, campus Pinhais.

## **AUTOESTIMA BAIXA: COMO A DISCRIMINAÇÃO RACIAL AFETA O COTIDIANO DAS PESSOAS NEGRAS AO LONGO DO TEMPO**

*Isabelly Carolina Santos de Souza\**

**VOU DISCURSAR** contra a discriminação racial normalizada na sociedade. Desde o início da civilização ocidental moderna, há uma falta de valorização, respeito e cuidado com a população negra, o que resultou, conseqüentemente, na baixa autoestima nessa parte da população. A baixa autoestima nas pessoas negras acontece por motivos variados, como a falta de representatividade e a falta de valorização estética. A Youthforia, uma marca de cosméticos norte-americana, por exemplo, produziu uma base direcionada para peles negras, que era totalmente preta, tal qual uma tinta guache.

Alguns estudos realizados no Brasil apontam que as pessoas afrodescendentes que reportam sofrer preconceito frequentemente apresentam prejuízos significativos em sua autoestima e em sua satisfação com a vida. As pessoas negras de idades entre 6 e 18 anos no mundo todo são mais afetadas devido a um momento de maior vulnerabilidade social, enquanto no Brasil, jovens e adultos entre 15 e 29 anos são maiores alvos de violência e homicídios, mas toda a população negra sofre constantemente com essa dificuldade em todas as fases da vida, isso causa um impacto psicológico irreversível em cada uma dessas pessoas que sofrem constantemente desse preconceito, pois são tratadas com escória da sociedade;

No ano de 1940 foi realizado um estudo que ficou conhecido como “teste da boneca” utilizando crianças, onde colocavam uma criança negra em frente a uma mesa com uma boneca branca e uma negra a sua frente, e faziam perguntas como: “qual delas é bonita?” ou “qual delas é má?”, e a maior parte delas atribuiu as características ruins a boneca negra e as características boas para a boneca branca, demonstrando o quando é ensinado desde cedo que beleza e bondade são coisas relacionadas com características brancas.

Em *Autoestima*, música de Baco Exu do Blues, o cantor e compositor de rap afrodescendente baiano reflete sobre essa barreira. Os trechos “*Eu só tô tentando achar a autoestima que roubaram de mim.*” e “*Foram 25 anos pra eu me achar lindo*” mostram uma de muitas realidades da população negra no mundo todo e demonstram exatamente o sofrimento de tempos atuais. Isso também ocorre desde a infância, com a falta de representatividade de personagens negros nos desenhos infantis. A primeira princesa negra da Disney por exemplo, só veio a existir no fim dos anos 2000, no filme *A princesa e o sapo*, e ainda assim em cerca de 80% do filme a princesa está em forma de sapo, e não humana;

Também é possível falar sobre esse tema recordando o fato de que a indústria de produtos para cabelo nunca foi feita para cabelos de pessoas pretas, de modo que, há décadas, é um sacrifício encontrar produtos próprios para cabelos crespos, e ainda mais difícil produtos realmente bons e que cuidem da forma certa de cabelos crespos e cacheados.

Isso tudo mostra a importância da luta contra o preconceito racial para que possamos conviver em uma sociedade mais justa, igualitária e acolhedora com todos, abraçando as diferenças e cultivando um mundo melhor.

**REFERÊNCIAS:**

@terra\_nos. A marca Youthforia vende uma ‘tinta preta’ como base para tons mais escuros. TikTok, 2 mai. 2024. 1 vídeo (1min30). Disponível em: [https://www.tiktok.com/@terra\\_nos/video/7364454047912447237?is\\_from\\_webapp=1&sender\\_device=pc](https://www.tiktok.com/@terra_nos/video/7364454047912447237?is_from_webapp=1&sender_device=pc) Acesso em: 1 mar. 2026.

Cotidiano UFSC. O impacto do racismo na autoestima de pessoas pretas. Disponível em: <http://cotidiano.sites.ufsc.br/o-impacto-do-racismo-na-autoestima-de-pessoas-pretas/> Acesso em: 1mar. 2026.

Cfess. ENTRE A DOR E O ESTIGMA: RACISMO, SAÚDE MENTAL E A JUVENTUDE NEGRA NO BRASIL. Disponível em: [https://cfess.org.br/cbas2025-assets/pdf/625-1285749\\_14\\_08\\_2025\\_21-44-19\\_1878\\_v4.pdf](https://cfess.org.br/cbas2025-assets/pdf/625-1285749_14_08_2025_21-44-19_1878_v4.pdf) Acesso em: 1 mar. 2026

PARANÁ. Ministério Público. Índice mostra a vulnerabilidade dos jovens à violência no Brasil. Paraná: MP, 2018. Disponível em: <https://mppr.mp.br/Noticia/PUBLICACOES-Indice-mostra-vulnerabilidade-dos-jovens-violencia-no-Brasil#:~:text=O%20plano%20visa%20a%20criar%20oportunidades%20de,Viva%20estimula%20a%20integra%C3%A7%C3%A3o%20das%20a%C3%A7%C3%B5es%20ampliando> Acesso em: 1 mar. 2026

Doll Test - Os efeitos do racismo em crianças. Fanpage.it, 21 mar. 2016. 1 vídeo (2min45) Disponível em: <https://youtu.be/Cdoqqm-NB9JE?si=zA4ewRjC3BraD3oS> Acesso em: 1 mar. 2026

08. Baco Exu do Blues – Autoestima. BACO EXU DO BLUES, 26 jan. 2022. 1 vídeo (3min). Disponível em: <https://youtu.be/5Zj9ae-f2AEE?si=G3EgMuLPA83GkZ8B> Acesso em: 1 mar. 2026.

---

\* Estudante do 2º ano do curso Técnico Integrado em Administração no IFPR, campus Pinhais. Nascida no dia 9 de março de 2009 em Pinhais PR, onde mora com seus pais, seu irmão mais velho e seus pets, suas faculdades dos sonhos são psicologia e artes cênicas e seus *hobbies* favoritos são ouvir música e pintar paisagens naturais com tinta acrílica.

# UM PROJETO CONTRA A INCLUSÃO: A ARQUITETURA HOSTIL

*Luis Arthur Pires Leitbold\**

**VOU DISCURSAR** contra a arquitetura hostil, problema que engendra a nossa sociedade e não apenas no Brasil, mas sim ao redor de todo o globo. O início deste novo método de exclusão emerge na década de 1990, com intuito de afastar pessoas em situação de rua ou em estado de vulnerabilidade social para tornar aquele ambiente mais “seguro”, sendo que isso, é apenas mais uma justificativa para manter esta população às margens. O pior de tudo, é que o próprio poder público compactua com este tipo de arquitetura, quando não faz nada contra, e ao invés de consolidar direitos, ações que transformem vidas, que realmente impliquem naquele público, NÃO! Isso é mais um modo de reproduzir a desigualdade.

Como disse Nelson Mandela, ganhador do prêmio Nobel da Paz de 1993, *“Democracia com fome, sem educação e saúde para a maioria é apenas uma concha vazia”*. O estado está muito mais preocupado com a ocupação dessa população fragilizada em determinados locais, do que promover uma educação e saúde de qualidade para estas pessoas. Para afirmar essa situação basta olhar em volta, próximo de todos nós aqui, seja no centro de Curitiba ou na região metropolitana, essas pessoas sem rumo, sem jornada futura, será isso mesmo pura coincidência?

A Lei 10.257, de 2001, no terceiro parágrafo diz o seguinte: “cooperação entre os governos, a iniciativa privada e os demais

setores da sociedade no processo de urbanização em atendimento ao interesse social”. Interesse social, destinado aos sujeitos que detêm grande poder aquisitivo, interesse social, para aquele que possui um carro, uma casa e educação de qualidade. Aqui, podemos ver a hipocrisia escancarada que está transcrita em normas. E por fim, podem fazer uma pergunta a nós mesmos, onde estão aqueles direitos que dizem ser para “todos”. É direito ser expulso indireta e/ou diretamente de um local, apenas por existir?

---

\* Estudante do 4º ano no curso Técnico Integrado em Administração no IFPR, campus Pinhais.

## "ISSO É COISA DE PRETO": UM DISCURSO DE MUITOS

*Maria Eduarda Gomes dos Santos\**

**VOU DISCURSAR** contra o racismo estrutural e como ele segue pairando sobre o Brasil desde 1500. Quem foi Dandara? Quem foi Ciata? E quem foi Maria Felipa? Não sabe? Desculpa, elas não apareceram no portal do Leo Dias. Somos vira-latas malditos, eles nos acorrentaram como cadelas, e nós seguimos aplaudindo. As minhas crianças ainda são vistas como prostitutas, meus meninos como bandidos e eu sei que todos eles poderiam ser novos Newtons.

A bala que matou João Pedro não doeu, a bala que matou Agatha não ardeu, mas quando foi a fachada do seu líder político o Brasil inteiro se rendeu. Eu sigo gritando “Fogo nos racistas” e quando vierem os de direita irei tacar mais gasolina, porque desde 1500 vocês regam seus jardins com as lágrimas da periferia. O Estado me ensinou a temer o sistema, porque nele não há como voar, mas atiraram tanto dos meus no mar que nossa geração ganhou penas, a partir das gaiolas, aprendemos a voar. É nos posters do meu quarto que encontro referência, é nos olhos do meu pai que vejo resiliência, pois, vocês aprendem cultura quando falam da Grécia; eu aprendo cultura quando estou assentada ao redor das minhas “véias”. Olhando o céu estrelado consigo ouvir e me sentir honrada um breve sussurro que ainda me diz: *“Quem te ensinou a se odiar do topo da cabeça às solas dos pés?”* (Malcolm X). Atenta a esse X me sinto moldada.

Quando vejo vocês duvidando da minha capacidade, sinto uma nostalgia que faz novamente eu gritar “EU NÃO SOU UMA MULHER?” (Sojourner Truth) e dessa vez falarei mais, porque a velha Sojourner tem muito para falar. O arado se passou assim como os anos, mas o torto seguimos presenciando, pois, a minha carne ainda é a mais barata do mercado, o meu corpo o mais desvalorizado. Engraçado sou 70% da população carcerária, mas faço parte apenas de 1,7% do judiciário (Conselho Nacional de Justiça). Eu bato no peito e assumo, esse foi feito nas minhas coxas! Rezo para que esse discurso sirva de telhas para a construção de academias para todos meus pequeninos. Trezentos anos depois a fabricação é a mesma, mesmo as fontes estando em conflito.

Dito isso, assim como Martin Luther King Jr. “EU (TAMBÉM) TENHO UM SONHO!”, o sonho de que um dia o Planalto, o STF, e o Congresso sejam como a noite, todo preto, e aí sim, todos hão de saber que finalmente os meus ascenderam.

---

\* Estudante do 4º ano do curso Técnico Integrado em Informática no IFPR, campus Pinhais. Atualmente é bolsista do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI).

# PENA DE MORTE: UMA ARMA MAQUIAVÉLICA DITA COMO JUSTIÇA

*Thomasz Luciano Soares dos Santos\**

**VOU DISCURSAR** contra a pena de morte. A pena de morte consiste em executar um indivíduo devido aos seus crime como forma de “justiça”. Não existe uma sociedade em específico cuja prática foi a primeira a ser documentada na história. A primeira vez que a pena de morte foi documentada data de por volta de 1750 a.C., na Babilônia, no Código de Hammurabi, sentenciando a pessoa de acordo com mais de 20 crimes estabelecidos, muitos seguindo a lei do talião.

A Anistia Internacional afirma que atualmente existem 55 países que praticam ativamente a pena de morte legalmente. O Brasil é declarado como abolido desde 1890 somente para crimes comuns.

Boa parte dos países que fazem a prática são aqueles relacionados a guerras civis, principalmente por intolerância religiosa, tais como o norte da África e Oriente Médio. Ela é usada como arma manipuladora pelo Estado por demonstrar poder e medo. Sobretudo, o mesmo parte contra a Declaração Universal dos Direitos Humanos, artigos III e V, que defendem todo ser humano o direito à liberdade, à segurança pessoal e à vida, longe da tortura e do castigo cruel.

A banalização dela constrói um ambiente socialmente agressivo, as pessoas tendem a visualizar a prática como forma de proteção, assim moldando o senso de justiça coletivo, além de torná-las agressivas. Um caso remetente é o de Aisha Ibrahim

Duhulow, uma garota somali que aos 13 anos foi brutalmente morta após ser apedrejada pela população. O incidente aconteceu em 27 de outubro de 2008. Segundo o pai dela, ele contou para as pessoas que ela foi estuprada por três homens, violando as práticas islâmicas. Até hoje, nenhum dos três homens foi preso. Em observação, a Somália é um país africano cuja história é marcada pela guerra civil há mais de 35 anos.

É inviável acabar com a pena de morte nesse viés, o Estado enxerga a pessoa como alguém descartável, simplesmente não se importa com os direitos e a natureza que possui. O poder de controle lida com insatisfações pelo primitivo do próprio ser, qualquer oposição se resolve com a violência, gerando ideais maquiavélicos. O livro *O Príncipe*, de Nicolau Maquiavel, exhibe uma postura política no qual o líder pode ir contra a moral para manter o governo, ou “os fins justificam os meios”. Hitler, como exemplo de um ideal maquiavélico, apoiava o extermínio dos não-arianos e judeus, e seus discursos de ódio distorceram a ideia de uma “Alemanha Perfeita” até o Terceiro Reich ascender ao poder. Sob grande poder, eram poucos os grupos e pessoas que eram publicamente contra o partido. Não havia punição para os nazistas, assim dando liberdade para matar.

A solução de conter o indivíduo em uma prisão para que ele enxergue seus erros é ineficiente, visto que as condições são precárias: lugar insalubre, ambiente agressivo, não reconhece o detento como cidadão, etc.. O massacre do Carandiru é um forte exemplo que denota não somente pela brutalidade do caso, mas também pelo silenciamento do mesmo pelo próprio Estado de São Paulo. A construção de prisões não extermina o crime, mas torna-o mais favorável a partir do momento que o convívio é indiferente ao errado.

Se os países investissem em prisões ressocializadoras, nas quais o detento é reconhecido como cidadão e é incentivado a produzir o bem para a sociedade, e na educação, através de campanhas e verbas, as taxas de crime no mundo diminuiriam. Desta forma, a quantidade de execuções pela pena de morte cairia, tornando o mundo em um lugar menos agressivo e mais socializado.

---

\* Estudante do 3º ano do curso Técnico Integrado em Informática no IFPR, campus Pinhais. Nasceu em 30 de março de 2009, na cidade de Colombo, região metropolitana de Curitiba. Desde sua infância, nunca se contentou em ficar calado e aceitar o mundo do jeito que ele é. O discurso escrito tem o fim de debater e esclarecer sobre o uso da pena de morte, uma prática que gera debates se é justa ou injusta.



**ESCOLA,  
ENSINO E  
EDUCAÇÃO**

## NOTAS NÃO EDUCAM: PRECISAMOS SUBSTITUIR PROVAS POR MÉTODOS QUE VALORIZEM PROCESSOS E NÃO APENAS RESULTADOS

*Anna Hadassa Ribas da Silva\**

**VOU DISCURSAR** contra o método de avaliação por prova, principalmente as provas objetivas. A avaliação por provas é a forma mais comum de avaliação escolar utilizada. Entretanto, nos últimos anos, esse método tem sido discutido, principalmente entre as novas gerações que percebem que ele não reflete de maneira justa o conhecimento real dos estudantes. Muitos alunos não se saem bem nas provas devido ao nervosismo, mesmo sabendo o conteúdo; outros por sua vez, apenas decoram o assunto para a prova e logo após o “descartam”, demonstrando que esse sistema pode ser falho.

As provas tradicionais não consideram as diferentes formas de aprendizagem, favorecendo apenas aqueles que se adaptam ao modelo convencional. Além disso, a pressão do tempo limitado para a realização das provas junto ao ambiente estressante, pode prejudicar o desempenho dos alunos. Por isso, é fundamental que esse método seja revisado e substituído por formas mais diversificadas e justas de avaliação.

Uma sociedade que valoriza a educação precisa compreender que o aprendizado vai muito além de uma simples nota. Podemos ter alunos com notas baixas em provas tradicionais, mas que tem resultados positivos em pesquisas, apresentações e trabalhos em grupo. Isso mostra que o conhecimento pode ser adquirido e demonstrado de diversas maneiras. Embora a prova

ainda seja um método avaliativo importante, o mundo e a educação vêm se reinventando e é necessário buscar alternativas que sejam mais eficazes e inclusivas.

Atualmente é difícil negar o impacto que o método de avaliação tradicional tem na saúde mental dos estudantes. Muitos jovens enfrentam problemas como ansiedade, crises de estresse e até mesmo quadros depressivos, devido a pressão de obter boas notas em um único momento. Essa situação coloca em desvantagem alunos que não têm um bom desempenho em provas, não por falta de conhecimento, mas pela limitação do método.

Mais uma vez fica evidente que as provas tradicionais não são justas para todos. Por isso, ao invés de focar apenas na aprovação através de uma única avaliação, devemos nos preocupar em garantir que os alunos realmente estejam absorvendo e compreendendo os conteúdos. É importante abrir espaço para formas mais inclusivas e eficazes de avaliação, que respeitam individualidades de cada estudante e promover um ambiente de aprendizagem saudável.

A valorização da diversidade nos métodos de avaliação contribui para o desenvolvimento dos alunos, incentivando não apenas o conhecimento acadêmico, mas também habilidades sociais, emocionais e práticas. Dessa maneira educadores e instituições podem ajudar a formar cidadãos mais preparados para os desafios da vida.

---

\* Estudante do 3º ano do curso Técnico Integrado em Administração no IFPR, campus Pinhais. Acredito que a educação é a principal ferramenta para entender e transformar o mundo ao meu redor. Além das disciplinas regulares, busco sempre expandir meus horizontes por meio de estudos de forma autodidata. Focando nos estudos de História, Línguas e Artes. Fora da sala de aula, gosto de me dedicar aos meus *hobbys* como leitura, desenhos, cozinhar e escrever. Acredito que manter *hobbies* criativos ajuda a manter o equilíbrio e a mente aberta para novos aprendizados. Atualmente, meu foco está voltado para o futuro, com o objetivo de ingressar no curso de jornalismo, futuramente quero contribuir de maneira íntegra e dedicada para a minha profissão.

# ANALFABETISMO FUNCIONAL: O ABISMO OCULTO DA SOCIEDADE BRASILEIRA

*Eduarda Petroski dos Santos Vicare\**

**VOU DISCURSAR** contra o analfabetismo funcional. Esse é um problema que atinge milhões de brasileiros. O mais assustador é que muita gente nem sabe que isso existe, se sabe, não tem noção da grandeza do problema. Muitas pessoas acreditam que basta saber ler e escrever para estar alfabetizado, contudo, não é bem assim. O analfabetismo funcional se refere à pessoa que sabe ler palavras, porém não consegue entender um texto simples, interpretar uma informação ou resolver um problema no dia a dia.

Esse tipo de problema é ainda mais perigoso, pois é invisível. A pessoa tem diploma, mas continua tendo dificuldades graves. O que afeta todas as áreas da vida dela: dificuldade para conseguir um emprego melhor e desconhece os próprios direitos, se conhece, não o compreende. Em um país como o nosso, onde as desigualdades são enormes, o analfabetismo funcional aprofunda ainda mais o abismo social.

É claro que o governo tem responsabilidade, porém não deve ser responsabilizado apenas por ele. É verdade que falta investimento na educação básica, falta formação adequada para professores e faltam condições dignas de ensino nas escolas públicas. Entretanto, a sociedade inteira precisa valorizar mais a leitura, o pensamento crítico e o conhecimento real. Vivemos

em um país onde se lê pouco, se debate pouco e, muitas vezes, aceita-se qualquer informação sem questionar.

Com isso, a pessoa analfabeta funcional é vítima de um sistema falho. O governo está preocupado em cortar verbas da educação, enquanto investe bilhões em outras áreas que pouco ajudam a população. A realidade é que o analfabetismo funcional é conveniente para alguns políticos, pois um povo que não entende o que lê, não consegue interpretar uma notícia ou uma promessa de campanha é mais fácil de ser manipulado. Vive-se em um sistema que muitas vezes ensina a decorar, mas não a compreender, ensina a passar de ano, mas não a pensar. Quando isso acontece, a pessoa cresce acreditando que sabe o suficiente, quando, na verdade, o essencial lhe foi negado.

Por isso, é necessário combater o analfabetismo funcional, esse abandono disfarçado de política pública é um descaso com a educação de verdade. Educação não é favor, é direito. É fundamental a existência de uma escola que ensine a pensar, interpretar, refletir e agir. De acordo com o educador Paulo Freire: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra.” (A importância do ato de ler, 1982). Apesar da grave situação na educação, há a esperança de que um dia o governo e as pessoas se voltem mais para o conhecimento de si e do mundo, possibilitando mudar essa triste realidade.

---

\* Estudante do 2º ano do curso Técnico Integrado em Informática, no IFPR, campus Pinhais. Nasci em 2010 na cidade de Curitiba. Atualmente, tenho 15 anos. Sou curiosa e dedicada, gosto de aprender coisas novas e de me aprofundar nos assuntos que chamam minha atenção. No meu dia a dia, gosto de ler, jogar jogos físicos e de tabuleiro, conversar e aprender coisas novas. A música também tem um papel muito importante para mim, tanto ouvindo quanto tocando, sendo uma forma de expressão e de conexão com o que gosto.

## EDUCAÇÃO SEXUAL: A QUEBRA DE TABU LEVA AO CONHECIMENTO E CONSCIENTIZAÇÃO

*Juliana do Rocio Pampu Mota\**

**VOU DISCURSAR** a favor da educação sexual. Quando falamos de educação sexual, temos muitas discordâncias e contraposições em relação a apresentação desse conteúdo a menores de idade. Responsáveis, pais e educandos acabam por considerar o assunto como algo vergonhoso, errado ou feio de se tratar. Porém, quando tratamos do assunto, não queremos ensinar crianças e adolescentes a ter relações sexuais, mas a se proteger. Ensinar sobre o corpo a crianças pode ajudá-las a se conhecer melhor e denunciar casos de abuso: ao instruímos da maneira correta, alinhando o conteúdo e o vocabulário à faixa etária, como, por exemplo, nomear as partes corporais e onde não se pode permitir que os outros lhe toquem, podemos protegê-las com mais eficiência.

Agora, trazendo esse assunto a pré-adolescentes (10 aos 13 anos) e adolescentes (14 aos 19 anos), podemos quebrar tabus e responder muitas dúvidas, já que essa é uma fase de muita curiosidade. Com as meninas, por exemplo, podemos instruí-las sobre menstruação e como isso é algo normal, de modo a deixá-las mais informadas e preparadas. Esse não é um conteúdo voltado somente ao público feminino, mas ao masculino e a qualquer pessoa que menstrua. Como tratado pela psicóloga e psicopedagoga, Jessica Bueno, em uma entrevista para a ND+, trazendo o motivo pelo qual homens também devem falar de menstruação

(uma pesquisa feita com base em 15 mil pessoas distribuídas em 15 países diferentes). Ela traz diversos obstáculos gerados pela falta desse conhecimento, e um deles é que a falta de acesso a produtos de higiene feminina e a estigmatização do assunto, faz com que 1 em cada 3 mulheres faltem o trabalho ou a escola devido à menstruação, por medo do constrangimento ou de ser repreendida em uma situação, como: uma roupa manchada de sangue, em um ambiente frequentado por homens que foram ensinados de que menstruação é algo nojento e que deve ser escondido. Esse problema pode ser resolvido com o ensinamento desde pequenos, pela família ou pela escola, através de palestras de conscientização de maneira a tentar quebrar uma visão machista criada por toda uma estrutura social durante séculos. Em segundo lugar, com políticas públicas que podem ser melhoradas com mais investimento público e estudo sobre o tema.

Além da menstruação, é fundamental abordar outros aspectos da sexualidade na adolescência. Nessa fase em que os hormônios ficam à flor da pele, precisamos parar de transformar as relações e assuntos sexuais em tabus e transformá-los em conhecimento e conscientização. Muitos jovens acabam tendo filhos pela falta de conhecimento em assuntos que deveriam ser básicos, por exemplo, em como se utilizar uma camisinha (feminina ou masculina). Também pode ocorrer a perda da rede de apoio nesse processo, tanto pela família, como escola e amigos. De acordo com a Carolina Nicolodi Dias e a Rosane Teresinha Fontana a gravidez na adolescência é uma questão de falta de saúde pública, refletida nas diversas classes sociais e economias públicas, sendo o grupo mais vulnerável meninas afrodescendentes (DIAS; FONTANA, 2020.). Existem instituições como a ADRA (Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos

Assistenciais), com o projeto AMA, (Apoio a Mães Adolescentes), localizado em Jacundá, no Pará, a Fundação Abring, que atua na defesa dos direitos de crianças e adolescentes e o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente). Com educação sexual, podemos evitar não só a gravidez na adolescência mas também a transmissão de ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis).

Lembrem-se de se cuidar e ir ao médico! Finalizando, não apoiem a gravidez na adolescência, mas apoiem uma adolescente grávida.

## REFERÊNCIAS:

DIAS, Carolina Nicolodi; FONTANA, Rosane Teresinha. Educação sexual. Santo Ângelo: EdiURI, 2020. Disponível em Acesso em 24 fev. 2026.

ND+. Psicóloga lista 10 motivos para que homens também falem sobre menstruação; veja. ND+, 2022. Disponível em [https://ndmais.com.br/saude/psicologa-lista-10-motivos-para-que-homens-tambem-falem-sobre-menstruacao-veja/#google\\_vignette](https://ndmais.com.br/saude/psicologa-lista-10-motivos-para-que-homens-tambem-falem-sobre-menstruacao-veja/#google_vignette). Acesso em: 24 fev. 2026.

---

\* Estudante do 2º ano do curso Técnico Integrado em Administração no IFPR, campus Pinhais. Nascida em 17 de maio de 2009, na cidade de Curitiba, Paraná, Contém grande dedicação acadêmica, comprovada por quatro certificados de menção honrosa. Durante três anos, exerceu a liderança como chefe de turma, e por um ano auxiliou colegas como aluna monitora. Atletas, pratica voleibol e aprecia esportes. Nos momentos livres, desfruta da pintura e da leitura.

# FORMAR OU CONFORMAR?: O CONTROLE DO CONHECIMENTO COMO ESTRATÉGIA DE MANUTENÇÃO DO PODER

*Lavinia Montagil Januário\**

**VOU DISCURSAR** contra o sistema educacional brasileiro e como ele está focado em produzir apenas mão de obra barata e não uma realização profissional.

O sistema de ensino que conhecemos foi criado pela elite, em forma de manter sua posição na pirâmide social.

Desde a Idade Média, no século XVI, durante a Inquisição, a Igreja Católica publicou o *Index Librorum Prohibitorum*, uma lista de livros de consumo proibido para a população. Essa lista incluía obras dos principais filósofos, teólogos, pensadores e cientistas importantes como Galileu, Rousseau, Nietzsche, Darwin, entre outros. Se você fosse pego lendo alguma dessas obras, seria considerado herege pela Igreja e, assim, perseguido, julgado e punido pelas autoridades. No mesmo século e fazendo parte do mesmo movimento, a Caça às bruxas cumpria o mesmo objetivo, só que desta vez era destinada às mulheres que subvertiam pensamentos sociais, políticos e religiosos considerados “adequados” e que caminhavam contra a organização patriarcal da época. As acusações atingiam toda a população mas se concentravam na classe baixa, onde as punições eram desferidas.

O sistema escolar, formado na Revolução Industrial, foi totalmente pensado para criar trabalhadores eficientes, que não são ensinados a questionar ou até mesmo a inovar. Já na Amé-

rica do Norte, durante o século XVIII, estados como Alabama, Geórgia, Louisiana, Mississippi, Carolina do Norte, Carolina do Sul e Virgínia aprovaram leis que proibiam a alfabetização de escravos. Na Carolina do Norte, primeiro estado adepto a esta lei, quem a infringisse deveria pagar uma multa de 100 libras (R\$697,87) e seria condenado a seis meses de prisão. Em 1933 na Alemanha no início do regime nazista, costumeiras queimas de livros que estimulavam o pensamento crítico e desviavam dos princípios da ditadura em acensão eram realizadas.

No Brasil, em 1881, a Lei Saraiva exigia que os eleitores fossem alfabetizados, isso transcrevia que a participação na democracia era somente de 20% do país, a parcela da população que tinha dinheiro e tempo para estudar, ou seja, a fatia branca e privilegiada da sociedade.

Mais tarde, na época que a ditadura militar residia, educadores como Darcy Ribeiro, antropólogo e ministro da educação, Anísio Teixeira, secretário da educação na Bahia e no Rio de Janeiro, coordenador da CAPES e diretor do INEP e Paulo Freire coordenador do PNA foram destituídos de seus cargos políticos, perseguidos e exilados da sociedade, os três com objetivos semelhantes sobre a educação, a modernização, democratização e a apropriação crítica dela. Freire, considerado uma das figuras mais importantes da educação brasileira, julga a educação bancária que entende os estudantes como corpos vazios que devem ser preenchidos pelos conhecimentos que o professor detém exclusivamente do currículo tradicional. Nessa visão, o aluno, desprovido de saberes, tem retirado a curiosidade, a autonomia e o autoconhecimento.

Para Platão e Aristóteles, respectivamente, a diferença entre um animal e um ser-humano é definida como a habilidade de

raciocinar e se posicionar na sociedade, seguindo esse conceito, um ser-humano sem educação necessária e qualitativa, é exposto a desumanização.

Para Paulo Freire, “o que possibilita a ação livre, criadora e determinadora das condições de existência é o desenvolvimento de consciência, capaz de apreender criticamente a realidade.”. Sua visão da educação libertadora tem, essencialmente, o objetivo de desenvolver a consciência crítica capaz de perceber e redefinir as vertentes da realidade social e transpor qualquer tipo de opressão.

Durante toda a história, mulheres, negros, pobres e indígenas foram impedidos de frequentarem faculdades. Hoje, onde leis contra o machismo, racismo, xenofobia e outros preconceitos “vigoram”, o Estado decide precarizar o único mecanismo comum de formação de toda a sociedade: a educação. Atualmente, discursos banalizando a prestação de um curso superior vêm como uma nova alternativa semelhante à que tomavam séculos atrás, quando executavam “hereges” em praça pública.

Desde cedo, somos condicionados a comportamentos que são esperados de nós, desde o que fazer e como agir até o modo de pensar. No ambiente de educação, um aluno que questiona é considerado rebelde e mal-educado, enquanto um aluno que apenas segue tudo que lhe é dito é visto como um aluno exemplar. Nesta premissa, a conclusão a que podemos chegar é que os alunos não trilham seus próprios caminhos, mas, ao seguir ordens, reproduzem as mesmas falhas de seus antecessores.

Sáimos do Ensino Médio com a perspectiva de prestar um vestibular, mas, há alguns anos, essa visão de futuro tem sido deturpada e, caso não, conhecimentos necessários para a vida adulta e profissional como educação financeira, educação emocional ou

como se portar em um primeiro emprego são deixadas de lado. Os jovens não são ensinados a se conhecer nem são direcionados a descobrir suas próprias jornadas, suas próprias paixões pois têm todo o seu conhecimento/e ou sua capacidade de conhecer descartados desde o ensino fundamental. Porém, ao terminar a vida escolar, exige-se deles autoconhecimento para a tomada de decisão mais importante de suas vidas: o curso superior.

De uma outra perspectiva, o mundo trabalhista exige constante inovação e criatividade, algo que o sistema educacional nunca incentivou a desenvolver substancialmente. Somos ensinados a repudiar os erros, pois, se erramos, somos alunos ruins e não temos nenhuma probabilidade de sucesso no futuro. Esse pensamento constrói adultos inseguros e que apostam na comodidade do mundo, repudiando também seus próprios questionamentos, inundados pelo sentimento de impotência sobre seu próprio futuro. Esse pensamento desenvolve um conceito de inação que pode ser explicado pelo filósofo italiano Berardi Bifo, onde a questão não é a falta de vontade, mas a intenção que foi aniquilada pelo contexto de perspectivas limitadas, onde um bom boletim não significa que você será um bom trabalhador, mas também está longe de garantir uma graduação.

Ao longo da vida escolar dos estudantes, conceitos como criatividade e confiança combinados a um espaço livre para aprender proporcionam condições propícias para o combate dessa “muralha” entre classes, oferecendo realizações profissionais e pessoais à essas pessoas, bem como o direito de determinar suas jornadas. Isso é diferente do sistema de educação no nosso país, que nos prepara constantemente para fracassar e, assim, faz jovens adultos reféns do sistema e da sua falta de informações. Nas escolas, o ensino é voltado para a gestão de um problema

histórico com soluções paliativas, soluções essas fornecidas por quem está no poder — e quer continuar nele, pois não fornecer conhecimento é equivalente a tomar direito de decisão da população pobre, direcionando intencionalmente para o caminho mais fácil no meio dessa luta na educação, o trabalho, favorecendo novamente a burguesia.

## REFERÊNCIAS:

SILVESTRE, Armando. Inquisição. InfoEscola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/inquisicao/>. Acesso em: 21 fev. 2026.

PISSURNO, Fernanda. Caça às bruxas. InfoEscola, Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/caca-as-bruxas/>. Acesso em: 21 fev. 2026.

CORNELIUS, Janet . *When I can read my title clear : literacy, slavery, and religion in the antebellum South* [Quando eu puder ler meu nome claramente: alfabetização, escravidão e religião no Sul antebellum] (em inglês). Carolina do Sul: University of South Carolina Press, 1991.

DOMINGUES, Joelza. Queima de livros na Alemanha nazista. Ensinar história. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/linha-do-tempo/queima-de-livros-na-alemanha-nazista/>. Acesso em: 21 fev. 2026.

GOLPE e perseguição aos líderes da educação brasileira. Memórias da ditadura. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/golpe-e-perseguiacao-aos-lideres-da-educacao-brasileira/>. Acesso em: 21. fev. 2026.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2018, p. 292-293.

NUNES, Teresa. Principais ideias de Paulo Freire para a educação. Ponto didática. Disponível em: <https://pontodidatica.com.br/ideias-paulo-freire-educacao/>. Acesso em: 21 fev. 2026.

PORFÍRIO, Francisco. “Diferenças entre o ser humano e os demais animais”; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/diferencas-entre-ser-humano-os-demais-animais.htm>. Acesso em 21 de fevereiro de 2026.

---

\* Estudante do 2º ano do curso Técnico Integrado em Administração no IFPR, campus Pinhais. Bolsista do projeto de extensão Aldir Blanc, participante do NAC, do grupo Rave Theater, do Cine Clube Olhos Sobre a Tela, e nas horas vagas escritora de romances e leitora ávida.

## LIBRAS: DA IGNORÂNCIA À INCLUSÃO

*Rayanne Maria Piaceski\**

**VOU DISCURSAR** a favor do ensino de Libras nas escolas em caráter obrigatório. A exclusão de pessoas com deficiência auditiva é uma realidade muito presente em vários espaços sociais, principalmente no ambiente escolar e no cotidiano, onde a falta de acessibilidade é enorme. Esse problema leva à limitação, ao isolamento e ainda faz com que esses indivíduos sejam vistos como “incapazes”, afetando também sua autoestima e oportunidades.

Atualmente, nas instituições de ensino no Brasil, ocorre a inserção de Libras somente quando algum aluno necessita dessa assistência especial e, muitas vezes, apenas um intérprete é contratado. É claro que não há uma rejeição total, como já aconteceu no passado, onde a língua de sinais parou de ser disseminada depois do Congresso de Milão (1880), que só o oralismo era aprovado e ensinado, ou quando, em 1957, Ana Rímola de Faria Doria assumiu a direção do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) e ocorreu a proibição oficial do uso da língua de sinais nas salas de aula. Mas também o intérprete sozinho não permitirá uma inclusão completa do aluno.

Visto que 5% da população brasileira tem algum problema auditivo, o que equivale a 10 milhões de pessoas (segundo o último levantamento feito pelo IBGE), a integração da Língua Brasileira de Sinais na educação é uma das maneiras mais eficien-

tes de diminuir essa grande dificuldade e exclusão presente em nosso país. E além de ajudar pessoas com deficiências auditivas, também auxilia indivíduos mudos e até quem apresenta TEA, podendo ser usada como uma forma de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA).

Então, com Libras como disciplina obrigatória nas escolas, sendo apresentada e ensinada da mesma maneira que os idiomas estrangeiros são, muitas situações difíceis e de marginalização vividas por pessoas que utilizam essa língua para se comunicar, certamente acabariam. Assim como também criar-se-iam ambientes sociais bem mais acessíveis ao longo dos anos, promoveria muitos benefícios, como a quebra nas barreiras comunicativas, onde todos seriam capazes de se comunicar, daria uma maior autonomia a esses cidadãos, ou também formaria sujeitos mais preparados, conscientes, empáticos e respeitosos, diminuindo o preconceito e, por fim, valorizando a cultura surda.

---

\* Estudante do 2º ano do curso Técnico Integrado em Informática, no IFPR, campus Pinhais. Nasci em 2009, na cidade de Curitiba, atualmente tenho 15 anos e moro com meus pais, minha irmãzinha e minha avó. Também tenho dois animais de estimação, um cachorro chamado Theo e uma gata chamada Belinha. Jogar, ler e escutar música são as coisas que eu mais gosto de fazer, além de sair e dar risadas com meus amigos.

# TECNOLOGIA É FERRAMENTA, NÃO SUBSTITUIÇÃO: DISCURSO CONTRA A ROBOTIZAÇÃO DO ENSINO NAS ESCOLAS ESTADUAIS DO PARANÁ

*Sofia Carolina Nodari\**

**VOU DISCURSAR** contra o uso da tecnologia usada como substituta docente em sala de aula. Vivemos em um momento crítico, em que a tecnologia está sendo utilizada como substituta do professor dentro da sala de aula. Refiro-me a uma tentativa de impor videoaulas e plataformas digitais como solução para todos os males da educação. Contudo, a realidade grita mais alto, e robotizar o ensino não representa um grande progresso para escolas que sequer possuem estrutura adequada.

A robotização do ensino consiste no processo de incorporar tecnologias automatizadas com a finalidade de mediar ou substituir atividades que, tradicionalmente eram feitas por pessoas, como transmissão de conteúdo, personalização de tarefas ou correção de atividades por meio da Inteligência Artificial e outras ferramentas tecnológicas. Nos últimos anos, a rede estadual de ensino do Paraná ampliou o uso de plataformas digitais e recursos baseados em inovação. Programas como “Redação Paraná”, “Leia Paraná”, “Inglês Paraná” e “Matific” foram incorporados ao cotidiano das escolas, atribuindo notas apenas pela realização das atividades disponibilizadas, sob a justificativa de modernizar o ensino e melhorar o desempenho dos estudantes. Entretanto, a realidade mostra-se completamente oposta.

Embora essas iniciativas sejam apresentadas como avanços tecnológicos necessários, é preciso problematizar seus impactos. A maioria das escolas estaduais do Paraná não dispõe sequer do mínimo para oferecer um ensino presencial com dignidade. Faltam salas de aula adequadas, laboratórios, aparelhos digitais, salas de informática, bibliotecas, acesso à internet e, em muitos casos, até papel higiênico e alimentação de qualidade. Ainda sim, o governo considera razoável investir milhões em sistemas, em vez de garantir uma infraestrutura básica e professores qualificados para que o ensino funcione de fato.

Falo por experiência própria: ao comparar com a educação federal, percebe-se nitidamente a valorização de professores qualificados, e não de robôs que fingem ensinar enquanto os estudantes fingem aprender. Infelizmente, nas escolas estaduais, espera-se que os estudantes adquiram conhecimentos sozinhos, diante de uma tela, como se a educação fosse um processo mecânico. A robotização ignora a diversidade dos discentes, suas dificuldades, seu contexto social.

Por fim, é preciso reconhecer que a tecnologia pode, sim, ampliar horizontes e oferecer novas possibilidades no ambiente escolar. No entanto, ela não deve ocupar o lugar daqueles que ensinam e sustentam a essência da educação: os professores. Educar exige presença, diálogo, escuta e sensibilidade com aqueles que estão em processo de desenvolvimento. Mais do que modernizar processos, é fundamental preservar a dimensão humana da escola, garantindo que os recursos digitais sejam instrumentos de apoio, e não substitutos das experiências que dão sentido à aprendizagem.

---

\* Estudante do 2º ano do curso Técnico Integrado em Administração no IFPR, campus Pinhais. Nascida em 2010. Atualmente dedica-se à formação técnica e ao aprimoramento de seus conhecimentos.

# ANTES DO BOLETIM, O MUNDO: O QUE ANTECEDE A AVALIAÇÃO E COMO ELA ESPELHA AS DESIGUALDADES EDUCACIONAIS

*Vanessa Camila Ferreira de Siqueira\**

**VOU DISCURSAR** contra os mecanismos de avaliação meritocráticos aplicados no sistema educacional brasileiro. Martin Niemöller advertiu em seus sermões e discursos após a queda do regime nazista (c. 1946–1947) que, quando permanecemos em silêncio enquanto outros são perseguidos, chega o dia em que não resta ninguém para falar por nós e essa citação pode ser utilizada para nos alertar que a injustiça, quando ignorada, se espalha até nos engolir. O sistema educacional brasileiro é o espelho dessa condição, detendo métodos avaliativos baseados na lógica meritocrática que silencia, exclui e desumaniza. E muitos se escondem atrás da indiferença, mas não escapam, porque todo sistema que exclui alguém hoje, amanhã descarta você. Bem como, se hoje aceitamos calados que milhares de estudantes sejam julgados por critérios injustos e excludentes, amanhã seremos nós os próximos a sermos descartados em nome de alguma nova “regra neutra”.

A meritocracia, ao contrário do que pregam seus defensores, nasceu como crítica. Em 1958, o sociólogo britânico Michael Young escreveu *The Rise of the Meritocracy*, uma sátira distópica em que as pessoas passam a acreditar que merecem tudo o que têm, incluindo a glória ou a miséria. Nela, os que fracassam são vistos como inferiores por natureza dada a atração à própria ruína, no entanto, foi mal interpretada, ou convenientemente rein-

terpretada, pelas elites liberais ocidentais, que se apropriaram do conceito como justificativa moral para seus privilégios. Trocaram o rico abençoado por Deus, crença alimentada pela fusão entre capitalismo e protestantismo (Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, 1905), pelo rico que venceu por esforço próprio, apagando o fato de que os pontos de partida nunca foram iguais.

No Brasil, país fundado sobre a escravidão e disparidades estruturais, a ideia encontrou solo fértil e o discurso meritocrata “caiu como uma luva”. Logo, a meritocracia foi adotada como estratégia para manter tudo como está, sob a aparência de justiça. As instituições de ensino, que deveriam ser um instrumento de emancipação, muitas vezes apenas espelham, ou pior, acentuam, as desigualdades que as cercam. Pierre Bourdieu (*A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*, 1970) nos explica que a escola tende a converter desigualdades sociais em desigualdades escolares e, em seguida, apresentar os resultados como fruto do mérito. Mas quem nasceu cercado por livros, afeto, internet e estabilidade está em vantagem antes mesmo da primeira aula. Já quem enfrenta insegurança alimentar, violência, transporte precário e silêncio forçado é rotulado de fraco, problemático, sem futuro. E ninguém questiona os critérios, só culpam o indivíduo.

Em uma entrevista via Google Meet, no décimo mês de 2024, que realizei com uma jornalista do G1, e graduada pela USP, Rayane Moura, também moradora do Complexo do Alemão, revelou-se com clareza essa distorção, já que realidades completamente opostas dentro da mesma sala eram avaliadas por uma mesma régua na hora da prova. Essa régua, aparentemente neutra, é, na prática, um instrumento de perpetuação de desigualdades. Paulo Freire já dizia que a educação jamais é neutra (*Pedagogia do Oprimido*, 1968) e avaliação, menos ainda. Logo, avaliar

todos da mesma forma, ignorando trajetórias radicalmente diferentes, é reforçar privilégios sob o disfarce da imparcialidade, tal como explica Djamilia Ribeiro: igualdade formal sem justiça estrutural é apenas uma forma elegante de continuar excluindo (O que é lugar de fala?, 2017).

A escola brasileira, em todos os níveis, se tornou uma grande máquina de filtragem. Uma linha de montagem com um molde ideal pré-definido: branco, classe média, emocionalmente estável, fluente na norma culta e no vocabulário acadêmico. Logo, quem não se encaixa é descartado pela nota, pela evasão, pela culpa internalizada de não ser bom o suficiente. Por fim, avaliar virou sentença, e o erro, que deveria ser ponto de partida para o aprendizado, passou a ser tratado como falha moral. Criamos um sistema que nos ensina a competir, mas não a compreender.

A meritocracia não é um sistema de ascensão, mas um de preservação de privilégios que visa convencer os pobres de que sua pobreza é culpa deles e os ricos de que sua riqueza é virtude. Todavia, inúmeros autores denunciavam em suas obras as falácias que servem para esconder a estrutura e punir quem ousa questioná-la. Graciliano Ramos já abordava, em seus trabalhos, sobre escolas que humilhavam mais do que ensinavam (Infância, 1945). Carolina Maria de Jesus, vinda das periferias, provou que a genialidade sobrevive mesmo quando a fome tenta silenciá-la (Quarto de Despejo, 1960). Dostoiévski sabia que apenas o saber liberta o povo da servidão (Os Irmãos Karamázov, 1880). Górkki escrevia com as mãos que lavraram a terra, não com as que herdaram fazendas (Minha Universidade, 1923). E Victor Hugo nos lembrava que abrir uma escola é fechar uma prisão, mas só se essa escola for realmente um espaço para enfrentar o sistema que prende (Os Miseráveis, 1862).

Nos dias atuais, a avaliação escolar virou ferramenta de descarte precoce. Os jovens “fracassados” perdem autoestima, laços sociais, horizontes e são empurrados para o desemprego, para a informalidade, para o desalento. Em contrapartida, o discurso do mérito é repetido à exaustão, inclusive por quem sofre com ele, porque o sistema nos ensina a culpar a nós mesmos antes de questionar as regras. Isso não é educação, é adestramento.

Por isso, lutar contra a lógica meritocrática na educação não é desprezar o esforço individual, mas reconhecer que esforço sem estrutura é castigo. É afirmar que devemos, sim, avaliar, mas com justiça, com compromisso social e sem hierarquizar. A meritocracia nunca foi solução, visto que ela é o verniz que cobre as escolas que falam em igualdade, mas praticam o descarte. Precisamos do contrário: escolas que olhem para o estudante como sujeito histórico, com contexto, com direito à diferença e não como número. Instituições que entendam que igualdade real exige certo tratamento desigual e métodos avaliativos equitativos.

Portanto, se há algo que Niemöller nos ensinou é que o silêncio é a primeira engrenagem da opressão e quando não lutamos por escolas mais justas, mais críticas e, ainda, mais humanas, nos tornamos cúmplices do sistema que mata sonhos antes mesmo da formatura. No fim, quando finalmente vierem por nós, talvez realmente não reste mais ninguém para lutar.

---

\* Estudante do 4º ano do curso Técnico Integrado em Administração, no IFPR, campus Pinhais. Escreve para ultrapassar as fronteiras invisíveis entre quem pode ou não sonhar e usar esses sonhos insistentes para mostrar que seu papel vai além de apenas existir, mas questionar e quem sabe, redesenhar as estruturas que moldam a sua existência.

## O PRIVILÉGIO DO SABER: DESCASO DO ESTADO COM A EDUCAÇÃO

*Vinicius Vicente Oliveira\**

**VOU DISCURSAR** contra o descaso do Estado com a educação. Quando parei para pensar nos temas que eu podia trazer, muitos assuntos me vieram à cabeça: cultura, problemas sociais e questões pessoais. Mas me caiu a ficha de que muito do que a gente discute aqui parece óbvio para nós, mas não é claro para quem não teve acesso à mesma qualidade de ensino que a gente tem no Instituto Federal.

Muito se fala da alienação causada pelos preconceitos, mas e a alienação que vem do próprio sistema de ensino? Um sistema que até nos torna críticos, mas que ainda é um privilégio. Segundo dados da Pnad Contínua do IBGE de 2022, o Brasil ainda tem milhões de jovens fora da escola ou que não concluíram o ensino básico, o que mostra o tamanho do abandono estatal. Pensa comigo: se você tivesse ficado na escola anterior, será que teria aprendido tanto quanto aprende aqui? Eu acredito que não. Como diz o sociólogo Pierre Bourdieu, a escola muitas vezes acaba apenas repetindo as desigualdades que já existem na sociedade em vez de acabar com elas.

Nossas vitórias não são só pessoais. A qualidade de ensino que temos hoje é fruto de lutas pela educação, e como estudantes é nosso papel fazer bom uso dessa estrutura, visto que infelizmente, grande parte da sociedade ainda se encontra em uma posição em que precisa garantir a própria sobrevivência antes mesmo de conseguir pensar em estudar.

Eu admito que, às vezes, esqueço de olhar para trás e reconhecer o privilégio que tenho por poder estudar. Mas, se a educação de qualidade é um direito garantido por lei, por que ainda enfrentamos tantos obstáculos para acessá-la? O questionamento que fica é: essas leis servem para quem? Até que ponto é conveniente para o Estado ter um povo bem informado? No fim das contas, a falta de conhecimento é justamente o que sustenta esse sistema que, infelizmente, ainda é majoritariamente corrupto.

Entendo que falar sobre a educação é mais do que importante, visto que é por causa dela que estamos todos unidos aqui, mas não posso negar o fato de que me encontro totalmente pessimista perante a perspectiva de progresso da propagação do estudo. Na letra de “Negro Drama”, o Mano Brown diz que ver o povo pobre, preso ou morto já virou algo “cultural”. O Djonga também fala que “cada um faz suas escolhas para não passar fome”. Enquanto o conforto de poucos for mais importante do que dar oportunidade para muitos, a educação continuará sendo deixada de lado pelo Estado. Termino dizendo que só vamos sair de onde estamos quando o estudo for, de verdade, para todo mundo.

---

\* Estudante do 3º ano do curso Técnico Integrado em Administração no IFPR, campus Pinhais.

# A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO: AS DESIGUALDADES EDUCACIONAIS NO BRASIL

*Vitória Gabrielle Batistel\**

**VOU DISCURSAR** a favor da democratização do acesso à rede federal de educação, especialmente aos Institutos Federais, pois o sistema educacional brasileiro ainda reproduz desigualdades sociais, raciais e territoriais que impactam diretamente as trajetórias acadêmicas dos estudantes. Embora a educação seja um direito garantido pela Constituição, o acesso a uma formação pública de qualidade permanece desigual, comprometendo a ideia de igualdade de oportunidades e reforçando exclusões históricas.

As diferenças entre as escolas públicas estaduais e as instituições públicas da rede federal são evidentes. De modo geral, os Institutos Federais contam com melhor infraestrutura, acesso a laboratórios, projetos de pesquisa e extensão, além de um corpo docente com elevada formação acadêmica. Além disso, a proposta pedagógica dessas instituições integra o ensino médio à formação técnica, ampliando as possibilidades de inserção acadêmica e profissional dos estudantes. Essas condições favorecem melhores desempenhos em exames como o ENEM e maiores chances de ingresso e permanência no ensino superior público.

Essa desigualdade educacional não pode ser compreendida como resultado apenas do esforço individual. Trata-se de um fenômeno estrutural, construído historicamente a partir de desigualdades sociais profundas. Segundo dados da PNAD Contínua do IBGE de 2024, o acesso ao ensino superior ainda é marcado por desigualda-

des raciais. Enquanto 36% dos jovens brancos entre 18 e 24 anos frequentam ou concluíram o ensino superior, apenas 19,3% dos jovens negros alcançam esse nível. Esses números evidenciam que a trajetória escolar é condicionada por fatores sociais que antecedem a entrada na universidade.

Além da raça, o território e a renda exercem papel determinante nesse processo. Estudantes que vivem em regiões periféricas, rurais ou em comunidades tradicionais, como territórios quilombolas, enfrentam maiores dificuldades de acesso a escolas bem estruturadas, transporte adequado e recursos pedagógicos. O IBGE também aponta que a população preta e parda possui, em média, menor escolaridade do que a população branca, sendo 9,4 anos de estudo contra 11 anos em 2024, o que demonstra que as desigualdades educacionais se acumulam ao longo da vida escolar.

Nesse contexto, muitos estudantes da rede estadual não conseguem ingressar na rede federal de ensino médio. Isso não ocorre por falta de interesse ou capacidade, mas pelas desigualdades acumuladas desde as etapas iniciais da educação básica. Embora os Institutos Federais sejam instituições públicas, seu acesso ainda é seletivo, o que acaba favorecendo estudantes que tiveram melhores condições educacionais ao longo de sua trajetória.

Paulo Freire contribuiu de forma fundamental para a compreensão dessa realidade ao defender que a educação deve ser uma prática de liberdade, e não um instrumento de reprodução das desigualdades sociais. Para o autor, quando a educação ignora as condições concretas de vida dos estudantes, ela deixa de cumprir seu papel emancipador e passa a reforçar estruturas de opressão. Assim, uma educação verdadeiramente democrática deve considerar as desigualdades de origem e atuar para superá-las, e não para naturalizá-las.

Dessa forma, fatores como raça, renda, território e rede de ensino não deveriam determinar a qualidade da educação recebida

por um jovem. No entanto, na prática, esses elementos ainda influenciam diretamente o futuro acadêmico dos estudantes. Muitos buscam a rede federal justamente com o objetivo de alcançar melhores condições de formação e mobilidade social, mas acabam impedidos por barreiras sociais estruturais.

Apesar desse cenário, é importante reconhecer que existem políticas públicas em implementação voltadas à redução dessas desigualdades, como a Lei de Cotas, os programas de assistência estudantil e a expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Essas iniciativas representam avanços importantes, pois dialogam com a ideia freireana de educação como direito e instrumento de transformação social. No entanto, ainda são insuficientes diante da profundidade das desigualdades educacionais existentes.

Conclui-se, portanto, que a democratização do acesso à rede federal de educação é uma medida essencial para a construção de uma sociedade mais justa. Enquanto a educação continuar sendo condicionada por fatores sociais, raciais e territoriais, ela seguirá reproduzindo desigualdades ao invés de combatê-las. Cabe ao Estado fortalecer políticas públicas que garantam acesso, permanência e qualidade educacional, assegurando que a educação cumpra seu papel emancipador, conforme defendido por Paulo Freire.

---

\* Estudante do 4º ano do curso Técnico Integrado em Informática no IFPR, campus Pinhais. Vinda de uma escola estadual localizada em um pequeno bairro, sua trajetória educacional despertou um interesse crescente por política e por temas relacionados à educação, especialmente no que diz respeito às desigualdades no acesso ao ensino de qualidade. Pretende cursar Direito na UFPR, pois acredita que essa área corresponde à sua vocação e representa uma ferramenta fundamental para a promoção da justiça social. Seu objetivo é utilizar o conhecimento jurídico como meio de contribuir para a transformação social.



**GÊNERO**

# LEGALIZAÇÃO DO ABORTO: UM DIREITO DE ESCOLHA E DIGNIDADE

*Brendha Hortolan Silva\**

**VOU DISCURSAR** a favor da legalização do aborto no Brasil. Sei que esse tema é inegavelmente muito polêmico e gera diversas opiniões com influências e senso comum.

A legalização do aborto é um assunto em que a grande parte da sociedade se baseia na influência religiosa e em valores morais para formar sua opinião, priorizando o feto, que não tem culpa das circunstâncias. Porém, é necessário que não deixemos de pensar também na saúde, nos direitos e na autonomia da mulher. Muitas vezes, as pessoas fazem julgamentos imediatos, sem considerar a complexidade que envolve essa decisão.

De acordo com a filósofa Simone de Beauvoir, em sua obra *O Segundo Sexo*, a mulher historicamente teve seu corpo e suas escolhas controladas pela sociedade, sendo privada de sua autonomia. Sob essa perspectiva, a legalização do aborto também pode ser entendida como uma questão de liberdade e de direito ao próprio corpo. Além disso, a teoria dos direitos individuais, defendida por pensadores liberais como John Stuart Mill, reforça que o indivíduo deve ter liberdade sobre suas próprias decisões, desde que não cause dano direto a terceiros.

É importante enfatizar que a legalização do aborto garante que as mulheres passem por procedimentos seguros e realizados

por profissionais capacitados. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), milhões de abortos inseguros ainda ocorrem no mundo todos os anos, sendo uma das principais causas de morte materna evitável. No Brasil, pesquisas da Fiocruz e do Ministério da Saúde indicam que complicações decorrentes de abortos clandestinos sobrecarregam o sistema público de saúde, mostrando que a criminalização não impede a prática, apenas a torna mais perigosa.

Ademais, este direito ao aborto não é só uma questão de se opor a uma grande maioria, mas, sim, uma escolha: as mulheres devem ter o direito de poder fazer com seus corpos o que elas bem entendem.

Nenhuma mulher deve ser submetida a continuar com uma gestação indesejada, principalmente as mulheres e adolescentes que sofreram violência sexual ou sofrem problemas emocionais. Muitas mulheres também engravidam em outros contextos, como: vulnerabilidade social e falta de acesso à educação sexual e métodos contraceptivos. A socióloga Heleieth Saffioti já discutia sobre como as desigualdades de gênero e classe afetam diretamente a vida das mulheres, especialmente as mais pobres, que são as que mais sofrem com a criminalização. Cada uma de nós, mulheres, temos nossos próprios relatos, problemas e motivos. Em razão disso, é um dever que respeitem nossas decisões, mesmo que não concordem.

Outro ponto importante é o impacto psicológico e social que as mulheres tendem a ter, principalmente as que sofrem violência. Com a legalização, as vítimas desses eventos traumáticos podem ter mais dignidade. É claro que o trauma por sofrer o ato de violência não será apagado, mas a legalização, traz a elas mais acolhimento.

Em outros países onde o aborto foi legalizado, foram observadas melhorias na saúde pública, redução nas taxas de mortalidade materna e maior controle sanitário dos procedimentos. Em Portugal, após a legalização em 2007, diminuíram os casos de complicações causadas por procedimentos clandestinos. No Uruguai, que legalizou em 2012, também houve redução nas mortes relacionadas a abortos inseguros. Esses exemplos mostram que a legalização não incentiva a prática, mas torna o processo mais seguro e controlado.

Portanto, a legalização do aborto precisa ser encarada como uma questão de dignidade, saúde e justiça social. Criminalizar não impede que aconteça, apenas torna a situação mais perigosa e desigual. Garantir esse direito é reconhecer que as mulheres têm autonomia sobre suas próprias vidas. No fim, trata-se de respeito, proteção e liberdade de escolha. Por estes argumentos, acredito que deve haver a Legalização do Aborto no Brasil.

---

\* Estudante do 2º ano do curso Técnico Integrado em Administração no IFPR, campus Pinhais. Se dedica à sua formação e ao aprimoramento de seus conhecimentos na área.

## DIREITO DAS MULHERES: UMA CONQUISTA SOCIAL E HISTÓRICA

*Daniela Fernandes Lucas\**

**VOU DISCURSAR** a favor do direito das mulheres e da relevância delas no mundo atual, pois acredito que a igualdade de gênero não é apenas um direito social, mas também uma necessidade fundamental para a constante evolução da população.

Desde os primórdios da sociedade ocidental moderna, o sexo feminino passou a ser representado como um símbolo de fragilidade e submissão. Elas eram, em grande parte, idealizadas como mães de família, que apenas cuidavam dos filhos e realizavam os afazeres domésticos. Essa construção histórica reforçou desigualdades que se mantiveram ao longo do tempo e limitaram a participação feminina nos espaços de poder.

Essa visão pode ser compreendida a partir da reflexão de Simone de Beauvoir, que afirma que “não se nasce mulher, torna-se” evidenciando que os papéis atribuídos às mulheres são construções sociais e não imposições da própria natureza. Nesse mesmo sentido, Bell Hooks argumenta que o feminismo é uma luta contra o sexismo, o machismo, a exploração e a opressão que permeiam todos os aspectos de nossas vidas, demonstrando que a luta feminina não quer alcançar superioridade, mas igualdade de direitos. Deste modo, ambas, reforçam que a desigualdade de gênero não é algo natural, mas resultado de estruturas sociais historicamente impostas que precisam ser transformadas.

No Brasil, apenas a partir da Lei Geral de 15 de outubro de 1827 as meninas brasileiras conquistaram o direito de estudar.

Essa luta pela educação feminina foi reforçada por mulheres como Nísia Floresta, considerada a primeira feminista brasileira, que defendia o acesso das mulheres ao conhecimento. Entretanto, o ensino focava apenas em prepará-las para cuidar da casa, e a carga horária de certos conteúdos, como matemática, era reduzida. Ou seja, se a possibilidade de ingresso no ensino fundamental já foi tardia, sua valorização enquanto cidadãs também foi limitada. Esse cenário evidencia a opressão estrutural contra as mulheres, que se manifestava até mesmo nas bases educacionais do país.

Com o passar do tempo, as mulheres conquistaram seu espaço dentro da sociedade. Em 1932, durante o governo de Getúlio Vargas, foi conquistado o direito de votar, representando um marco na consolidação da cidadania das mulheres brasileiras. Nos anos seguintes, Carlota Pereira de Queirós tornou-se a primeira deputada federal do Brasil, ampliando a representatividade feminina na política. Décadas depois, o país elegeu Dilma Rousseff como sua primeira presidente mulher, mostrando que as mulheres também podem ocupar os mais altos cargos de liderança nacional.

Além disso, durante muito tempo, a legislação brasileira ressaltou essa desigualdade. O adultério, por exemplo, era considerado um crime até 2005. Se o homem descobrisse uma traição, poderia matar sua esposa e ser absolvido pelo chamado “crime de honra”. Isso mostra como a vida da mulher era tratada como menos relevante em comparação à honra masculina. No campo da proteção contra a violência, a luta de Maria da Penha Maia Fernandes resultou na criação da Lei Maria da Penha, em 2006, sendo um importante avanço no combate à violência doméstica.

Portanto, ao analisarmos a história e as conquistas femininas, percebe-se que os direitos das mulheres foram alcançados

de forma lenta e gradual, resultado de resistência, mobilização e enfrentamento das desigualdades estruturais. Hoje, elas ocupam espaços que antes lhes eram negados, lideram mudanças, inspiram gerações e mostram que competência, coragem e determinação não têm gênero. Embora, avanços significativos tenham sido conquistados, persistem injustiças como a desigualdade salarial, desafios contra a violência e preconceitos que ainda não foram plenamente superados. Assim, é fundamental reconhecer essa trajetória para que a sociedade continue promovendo justiça, respeito e equidade, garantindo que os direitos das mulheres sejam efetivamente respeitados, pois igualdade não deve ser vista como um favor, mas um princípio fundamental de uma sociedade verdadeiramente democrática.

---

\* Estudante do 2º ano do curso Técnico Integrado em Administração no IFPR, campus Pinhais. Nascida em 31 de março de 2010, interessa-se por temas sociais, especialmente pela promoção da igualdade de gênero, e busca constantemente ampliar seus conhecimentos de forma significativa com a sociedade.

# HOMENS CONTRA O MACHISMO: UMA LUTA QUE PERTENCE A TODOS

*Maria Eduarda Miotti dos Reis\**

**VOU DISCURSAR** contra homens que não se posicionam frente ao machismo, partindo do princípio que, como qualquer outra forma de violência enraizada em nossa sociedade, ele só será de fato combatido quando houver não apenas o posicionamento do oprimido, mas essencialmente o do opressor também.

É sempre pontuado sobre como nós, mulheres, devemos buscar a conquista de nossos direitos e de reconhecimento, mas pouco é ressaltada a importância dos homens nesse conflito. Eles estão diretamente inseridos, visto que no machismo o sexo biológico masculino é sobreposto ao feminino, sendo inviável discutir-lo sem abordar a relação entre eles.

Muitos pensam que por serem homens, não precisam se posicionar nessa luta, ou debater sobre isso. Entretanto, é fato que para que uma mudança ocorra e essa forma de preconceito seja enfim soterrada, ela precisa ser visibilizada, apontada e discutida por todos. Tal mudança exige mobilização em todas as áreas da existência humana, desde dentro de grandes organizações mundiais, ao cotidiano de funções exercidas e relações interpessoais de cada cidadão.

As atitudes que os homens podem assumir contra o machismo não se limitam à participação em movimentos ou ma-

nifestações, elas começam no dia a dia: não se silenciar diante de comentários preconceituosos, não compactuar com piadas ofensivas e não aceitar o desrespeito às mulheres em qualquer contexto. Somente quando a responsabilidade for coletiva, poderemos romper com os estereótipos e papéis impostos que ainda moldam nossa sociedade.

---

\* Estudante do 4º ano do curso Técnico Integrado em informática no IFPR, campus Pinhais. Compõe a Diretoria Social do Grêmio Estudantil “Alvo” e o Núcleo de Educação em Direitos Humanos (NEDH), além de atuar como bolsista no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI).

# MULHERES NO ESPORTE: RESISTÊNCIA, DESIGUALDADE E CONQUISTA DE ESPAÇOS

*Rhuan Felipe Vilela Ribeiro\**

**VOU DISCURSAR** contra a desvalorização das mulheres no esporte brasileiro. Falo sobre um tema que faz parte da minha vida, porque o esporte me formou como pessoa, me ensinou valores e transformou a minha trajetória. Por isso, não faria sentido falar de outra coisa. Falo por atletas que treinam todos os dias, que caem, levantam e continuam, mesmo quando o reconhecimento não vem. Mesmo com talento, esforço e resultados, as mulheres ainda precisam lutar muito mais para serem valorizadas no esporte.

Ao longo da história, as mulheres foram colocadas em posições de inferioridade. Foram vistas como frágeis, incapazes e inadequadas para determinados espaços. O esporte foi um desses espaços. Durante muito tempo, disseram que competir, liderar e vencer não era coisa de mulher. Essa visão não surgiu por acaso. Quando os Jogos Olímpicos modernos foram criados, em 1896, pelo francês Pierre de Coubertin, as mulheres foram totalmente excluídas das competições. Ele acreditava que elas não deveriam participar e chegou a afirmar que “uma Olimpíada com mulheres seria impraticável, desinteressante, inestética e imprópria”. Essa fala revela como o preconceito esteve presente desde a base do esporte moderno.

Somente em 1900, nos Jogos de Paris, as mulheres puderam competir pela primeira vez, e ainda assim em número muito reduzido: apenas 22 atletas, em poucas modalidades. Dados apre-

sentados pelo Instituto de Referência em Internet e Sociedade, o IREE, mostram que a presença feminina no esporte nunca foi uma concessão, mas uma conquista construída com resistência. Cada espaço ocupado pelas mulheres foi resultado de luta, coragem e insistência.

No Brasil, essa história de superação também começou cedo, mas de forma lenta e difícil. A nadadora Maria Lenk foi a primeira mulher brasileira a competir em uma Olimpíada, nos Jogos de Los Angeles, em 1932. Sua participação foi um marco histórico, pois ela representou o país em um cenário esportivo que ainda não enxergava as mulheres como iguais. Maria Lenk abriu caminhos para gerações futuras e se tornou símbolo de pioneirismo no esporte brasileiro.

Essa desigualdade começa cedo. Desde a infância, muitas meninas recebem menos incentivo para praticar esportes. Enquanto meninos são estimulados a competir, meninas muitas vezes são desencorajadas, questionadas ou ignoradas. Uma pesquisa do Senado Federal mostra que essa falta de incentivo acompanha muitas mulheres durante toda a vida esportiva. Não é falta de talento. É falta de oportunidade.

A desigualdade também aparece fora das quadras, pistas e ginásios. As mulheres continuam sendo minoria nos cargos de comando do esporte brasileiro. Poucas treinadoras, poucas dirigentes, poucas gestoras. O poder de decisão ainda está concentrado, em sua maioria, nas mãos dos homens. Isso não é coincidência, é reflexo de uma estrutura que insiste em não abrir espaço.

E quando falamos de reconhecimento, precisamos falar de dinheiro. Mesmo quando mulheres conquistam títulos, quebram recordes e levam o nome do Brasil ao mundo, a valorização financeira não acompanha esses resultados. Pesquisas mostram

que atletas mulheres recebem salários, contratos e premiações muito menores do que os homens. Essa desigualdade reflete um problema maior da sociedade brasileira, onde as mulheres ganham, em média, cerca de 21% a menos que os homens. O esporte apenas repete uma desigualdade que já existe fora dele.

Ainda assim, as mulheres seguem fazendo história. Um exemplo que orgulha o Brasil é a Seleção Brasileira Feminina de Vôlei, campeã olímpica em 2008. Aquelas atletas subiram ao lugar mais alto do pódio e provaram, diante do mundo inteiro, que excelência, força e disciplina não têm gênero. Elas não conquistaram apenas uma medalha de ouro. Elas abriram caminhos e inspiraram milhares de meninas a acreditarem que também podem chegar lá.

Essas histórias nos ensinam algo essencial: talento não possui gênero. O que ainda falta é igualdade de oportunidades, visibilidade e valorização. Valorizar o esporte feminino não é favor, não é moda e não é exagero. É justiça. É reconhecer o esforço, o sonho e a luta de mulheres que treinam, competem e representam o país todos os dias.

Que esse discurso não fique apenas nas palavras. Que ele se transforme em respeito, incentivo e mudança. Porque quando as mulheres ocupam seu espaço no esporte, o esporte cresce — e toda a sociedade cresce junto.

---

\* Estudante do 4º ano do curso Técnico Integrado em Informática no IFPR, campus Pinhais. Atleta de vôlei desde 2021 e o esporte faz parte da minha vida. Além disso, gosto de acompanhar futebol e sou apaixonado pelo universo esportivo como um todo. O esporte não é apenas uma atividade para mim, mas algo que transformou minha vida, ensinando valores como disciplina, respeito, superação e trabalho em equipe. Por isso, não faria sentido discursar sobre outro tema que não fosse aquele que me rodeia e me norteia.



# MÍDIA E SOCIEDADE

# IDÍLICO MUNDO DA IGNORÂNCIA: A AUSÊNCIA DO CONHECIMENTO NÃO ANULA A VERDADE QUE É INDELÉVEL

*Bianca Francelino de Oliveira\**

**VOU DISCURSAR** contra a restrição cognitiva pela escolha do não acesso à informação. Podemos observar que cada vez mais as pessoas estão vivendo em uma bolha de informações disseminadas em massa, com a ausência de verificação da procedência dos dados e a com ausência de reflexão dos mesmos.

Estudo do jornal Metrópole do ano de 2024, mostra que os brasileiros passam em média 9h13 minutos na internet por dia, o que evidência o acesso exacerbado à informações diárias. A internet hoje vista como “terra sem lei”, é um local onde existe o livre acesso para fazer postagens sobre diversos conteúdos, pessoas sem formação dizem saber mais que profissionais formados na área e aconselham, por exemplo, dietas alimentares.

Dado do jornal Metrópole também publicado no ano de 2024, fala sobre os estudantes brasileiros terem grandes problemas quanto à interpretação de textos. Os fatos apresentados contribuem para a conclusão de que enfrentamos grandes problemas no que diz respeito às informações e discursos que os brasileiros absorvem. Eu acredito que isso seja um grande problema porque as fake news estão presentes e muitas vezes estão sendo acatadas pela população, principalmente se vierem de famosos

do momento, os conhecidos “influencers”, ou até mesmo, do político preferido, convergente com a tese do sociólogo Bourdieu do século XX, define em sua tese a sociedade, e logo quem detém o controle dos meios de comunicação, como Estrutura Estruturalizante.

Acredito que sim, cada indivíduo tenha sua própria interpretação dos fatos, se digo que a maçã é verde e você vermelha cada um está em seu direito de defesa de ponto de vista, mas a grande questão é quando você acredita ser verde a maçã porque o político que você gosta disse que é assim, e se alguém perguntar o porquê da maçã ser verde, você não saber o motivo, apenas porque lhe foi dito. Vemos o quão é aproveitado essa restrição de conhecimento em momentos como de eleição, pois um discurso montado usando das fragilidades das pessoas exerce efeito dominante sobre-as. Com a internet ao mesmo tempo que temos acesso às fake news também temos acesso a informações de qualidade, mas muitas pessoas escolhem continuar á limitação de conhecimento, não tem interesse em buscar informações sobre coisas que fazem parte da nossa história e do nosso cotidiano.

A negligência da informação e da irreflexão abordada não é algo datado apenas nessa geração, obras como “O conto de Aia”, abordam (em universo distópico), como a manipulação de uma nação a partir de informações distorcidas é perniciosa. Na obra literária distópica publicada em 1985, é apresentada a narrativa da personagem principal “June”, que ao decorrer da trama descreve que antes do golpe que instalou o caos da história da obra houveram sinais, como o surgimento de leis que retrocederam os direitos das mulheres, atos e discursos políticos contra democráticos. A constatação que a personagem faz a si mesma

e para o leitor, reflete como as informações estavam ao alcance público, que apesar de não saberem ao certo o destino que o movimento opressor almejava alcançar, todos estavam cientes do movimento antidemocrático, e as novas leis e emendas constitucionais para favorecer um grupo social, deveriam ter gerado alarde, porém a negligência e a indiferença sobre o cenário político resultou na tomada de poder pelo opressor, sucedendo ao cenário de violência e domínio. A personagem já inserida no contexto da violência, desdobra-se ao pensamento de ter agido enquanto era tempo.

Algo que me chocou muito recentemente é que ainda existe o discurso de não ter havido Ditadura Militar no Brasil, sendo que registrado por documentos (como a revogação do habeas-corpus em 1968), e até mesmo o reconhecimento de países exteriores quanto a Ditadura Militar no Brasil, e haver diversas fontes como documentários, cartas, relatos e até livros sobre o ocorrido, ainda haver o negacionismo do fato histórico pela negação do estudo e contemplação de outros pontos de vista.

Desta forma, apesar do impacto e logo ao valor influente agregado á figuras de autoridade, é de responsabilidade individual a busca pelo esclarecimento, como na obra “Mito da Caverna” por Platão, que defende o exercício de reflexão como fundamental para a libertação do indivíduo, em sua alegoria, superar as sombras criadas que ilustram, para o alcance de verdades refletidas. Nascemos ignorantes do conhecimento, e muitas vezes temos restrições de aprendizado que não estão no nosso controle, e é notório a problemática do nível de qualidade do ensino público no contexto brasileiro, mas enfatizo dizendo que uma nação que não sabe sobre as verdades do seu entorno,

informações cruciais sobre o mundo em que vive, ao negar a história, e em consequente negar a história dos seus antepassados (que é indelével), está destinada ao fracasso, pois ao negar seu passado, concomitante, condena seu futuro!.

---

\* Estudante do 3º ano do curso Técnico Integrado em Administração no IFPR, campus Pinhais. Integrante do Núcleo de Educação em Direitos Humanos - NEDH. Nascida e moradora de Curitiba, com seus pais e dois irmãos. Estudante de escola pública. Inserida no contexto do déficit de aprendizagem pós pandemia, e na manipulação perniciosa das mídias em contexto de crise, encontrou refúgio e conhecimento nos livros. Almeja formar-se médica Pediatra pela Federal, acredita que as crianças são o futuro da nação, e ao estarem saudáveis e com os devidos cuidados, estão aptas ao aprendizado, e quando ensinadas com base na verdade, são a esperança para o futuro.

# EXCESSO DE PROPAGANDAS NA MÍDIA

*Juan Bruneti da Silva\**

**VOU DISCURSAR** contra o excesso de propagandas veiculadas pelas mídias. As propagandas existem para convencer pessoas a comprar algum produto de uma marca. Elas sempre foram comuns, porém acredito que a quantidade de anúncios que vemos hoje é abusiva e continua aumentando.

Atualmente, propagandas estão presentes em todas as mídias, seja ela digital (em sites, aplicativos, jogos e “streaming”), ou tradicionais (jornais e transmissões esportivas). Os anúncios estão aparecendo com mais frequência, sendo mais eles longos e ocupando mais espaço nas telas.

Os anunciantes precisam sim aumentar a exposição de suas marcas, e as propagandas são uma forma de fazer isso, porém as empresas que as divulgam estão sendo abusivas com os preços para remoção de comerciais; além disso, o público pode se deparar com anúncios enganosos ou impróprios a qualquer momento quando não existe uma moderação destes.

O entretenimento dos consumidores que deveria ser um momento de lazer como ouvir música ou assistir algum conteúdo se torna irritante, pois a todo momento os anúncios interrompem essas atividades. É preciso uma diminuição de propagandas, um equilíbrio por parte das empresas entre os anunciantes e o público ou um preço mais acessível para assinaturas de remoção deles.

---

\* Estudante do 2º ano do curso Técnico Integrado em Informática no IFPR, campus Pinhais.

## CRIANÇAS NAS REDES SOCIAIS

Roberta Beatriz da Silva\*

**VOU DISCURSAR** contra a presença de crianças nas redes sociais. Hoje em dia, é bem comum ver crianças de 8 anos (ou até mais novas do que isso) com um celular na mão, navegando nas redes sociais como se já estivessem prontas para isso, mas na verdade não estão. As redes sociais foram feitas para adultos, elas são lugares que exigem discernimento e maturidade. No entanto, as crianças estão entrando cada vez mais cedo nesse universo, onde muitas vezes entram sem a observação correta dos pais.

Essa exposição precoce traz consequências sérias. Estudos como o feito pela Universidade Mackenzie mostram que o uso constante das redes sociais pode impactar diretamente no desenvolvimento emocional e psicológico das crianças trazendo problemas como ansiedade, baixa autoestima, dependência da validação digital e depressão, que estão se tornando doenças cada vez mais comuns entre as crianças.

As redes giram em torno de comparações constantes. Como podemos esperar que uma criança que está em formação, saiba lidar com comentários maldosos ou a pressão de ter a vida perfeita? Além disso, há conteúdos inapropriados, desafios perigosos e o *cyberbullying*, um exemplo disso foi o desafio do desodorante que incentivava a inalar aerosol e acabou levando jovens à morte.

De acordo com Brasil Escola: *cyberbullying* é a prática da intimidação, da humilhação, da exposição vexatória, da persegui-

ção, da calúnia e da difamação por meio de ambientes virtuais, como redes sociais, e-mail e aplicativos de mensagens. A incidência maior de casos de cyberbullying ocorre entre os adolescentes, porém há um número considerável de jovens adultos que utilizam essa prática criminosa.

Temos que incentivar as crianças a serem crianças, pois elas estão no tempo de brincar e aprender. Crianças precisam de limites, orientação e acima de tudo precisam ser cuidadas. E nosso dever como sociedade é proteger esse direito.

Diante disso, é fundamental que adultos acompanhem e orientem o uso das redes sociais pelas crianças, estabelecendo limites e promovendo o diálogo. Assim, é possível evitar prejuízos ao desenvolvimento emocional e garantir um uso mais saudável da tecnologia.

---

\* Estudante do 4º ano do curso Técnico Integrado em Informática no IFPR, campus Pinhais. Tem 18 anos e desenvolve conhecimentos em tecnologia e programação.

# ESPETACULARIZAÇÃO E SENSACIONALISMO NO MEIO JORNALÍSTICO

*Thomas Ortelbado Mendes Pedri\**

**VOU DISCURSAR** contra a espetacularização da violência e o sensacionalismo midiático no meio jornalístico. A violência é um fator muito presente na nossa sociedade, devido a fatores como a desigualdade social, acesso precário à educação, exposição às drogas, entre outros. Entretanto, este tópico acaba se tornando banal para a maioria da população, em decorrência da presença demasiada de violência na mídia por ela consumida.

Desde filmes e seriados até os telejornais, a violência é utilizada como um meio de entreter e reter o espectador, já que fatos chocantes são altamente efetivos em prender a atenção de uma ampla audiência.

Entre os principais meios que são utilizados para atrair público, especialmente pela mídia jornalística, estão presentes o uso do sensacionalismo — uma apresentação exageradamente dramática dos fatos ocorridos — e o foco em situações extremas que, apesar de muitas vezes pontuais, podem impactar a percepção de mundo daqueles que estão assistindo, tendo em vista que esse tipo de abordagem acaba causando medo e abalando o senso de segurança de quem consome este conteúdo.

Além disso, programas sensacionalistas acabam também restringindo a visão do telespectador a possuir um “estereótipo de bandido”, normalmente ligado à ideia de que o crime está

intrinsecamente atrelado às camadas mais marginalizadas da sociedade, processo que leva o nome de “sujeição criminal”, aponta Michel Misse, professor de Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Infelizmente, esse não é um problema simples de se resolver, já que, apesar da indústria audiovisual ser a principal culpada por esse fenômeno, o público também carrega parte da responsabilidade, fazendo dessa situação um problema estrutural, presente em sociedades distintas ao redor do globo.

A diminuição desses tipos de conteúdo ajudaria a conter os impactos causados pela exposição excessiva à violência. Entretanto, é pouco provável que abordagens de temas violentos deixem de existir do mesmo jeito que ocorre atualmente, pois, para isso acontecer, a mentalidade da massa social que assiste a esses programas também precisaria mudar.

Isso, no entanto, levaria muito tempo para ocorrer e, mesmo assim, não seria eficaz o suficiente, já que é natural para muitos seres humanos se interessar por conteúdos gráficos, pois, ao assistir a cenas intensas, o corpo libera substâncias no organismo como adrenalina e endorfina, que podem acabar estimulando quem está assistindo a ativamente procurarem ver mais, diz o pesquisador José Brasileiro, em um estudo para a Associação Brasileira de Psiquiatria.

Esse estudo, no entanto, aponta também a relevância da diminuição desse tipo de conteúdo, pois nem todas as pessoas se sentem estimuladas por eles, além de que a maioria dos telespectadores que são atraídos por esses tópicos acabam consumindo-os e buscando mais apenas por terem sido expostas a eles pela mídia em primeira mão.

Com isso, é sensato atestar que a redução de temas violentos apresentados de forma sensacionalista pela mídia em geral, mas principalmente a do meio jornalístico, é um passo extremamente necessário para a quebra de um paradigma presente na nossa sociedade há muito tempo e para uma melhora do bem-estar da mente da massa popular em um todo.

---

\* Estudante do 2º ano do curso Técnico Integrado em Informática no IFPR, campus Pinhais. Já participei de diversas atividades acadêmicas, possuo destaque em olimpíadas estudantis, como ouro em Português pela OP e em Inglês pela OBLI, e bronze em Matemática pela OBMEP e OPRM. Meu objetivo é seguir com meus estudos para conseguir oportunidades no futuro, como bolsas de estudo e ingressar em uma boa universidade.



# POLÍTICA E ECONOMIA

# ENTRE POLÍTICAS PÚBLICAS E A REALIDADE: A PROBLEMÁTICA DA ALIMENTAÇÃO ESCOLAR

*Amelie Dos Santos Breinack\**

**VOU DISCURSAR** contra a falta de qualidade e escassez do lanche oferecido pelo IFPR. Esse tema é motivo de grande insatisfação não apenas para mim, mas também para muitos outros alunos da instituição. Em diversos dias sequer há lanche disponível e, quando há, na maioria das vezes são servidas apenas frutas, com pouca variedade e, às vezes, em quantidade insuficiente para todos.

É importante destacar que as frutas, por si só, não seriam um problema se estivessem sempre em boas condições e se houvesse variedade e quantidade adequada. No entanto, já aconteceram situações em que frutas machucadas, verdes e/ou muito maduras foram distribuídas aos estudantes. Além disso, algumas vezes, o número de alimentos não é suficiente para atender todos os alunos, o que gera frustração e sensação de descaso.

Essa situação se torna ainda mais preocupante quando lembramos que a escola é uma instituição pública de ensino. Sendo assim, ela tem o dever de garantir condições básicas para que os estudantes possam permanecer na escola e desenvolver suas atividades. Entre essas condições está o acesso à alimentação adequada durante o período de aulas.

De acordo com o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), o governo federal destina recursos financeiros para garantir a alimentação de estudantes da rede pública de ensino durante o período letivo. Esses recursos são repassados às escolas para que seja possível oferecer uma alimentação equilibrada e de qualidade durante aproximadamente 200 dias letivos por ano. No entanto, na prática, muitos alunos não percebem esse benefício chegando de forma adequada.

Se os recursos existem, mas não chegam corretamente aos estudantes do IFPR, isso levanta questionamentos importantes sobre a forma como a alimentação escolar está sendo organizada. Afinal, os alunos deveriam ser os principais beneficiados por esse programa.

É importante considerar uma informação relevante sobre os recursos destinados à alimentação escolar. A partir de uma consulta realizada por um professor da instituição, foi informado que o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) disponibiliza ao IFPR aproximadamente cinquenta centavos (R\$0,50) por aluno para a alimentação por dia. Esse valor é extremamente baixo quando se pensa na necessidade de oferecer alimentos de qualidade, nutritivos e em quantidade suficiente para todos os estudantes durante o período escolar.

Diante dessa limitação orçamentária, o campus mantém também um contrato externo para complementar o fornecimento de lanches aos alunos. Essa iniciativa demonstra uma tentativa da instituição em amenizar o problema e garantir que os estudantes tenham algum tipo de alimentação durante o período de aulas. No entanto, mesmo com essa alternativa, o lanche oferecido ainda não consegue atender de forma adequada todos os alunos.

Na prática, isso significa que, apesar da existência do programa governamental e de um contrato adicional feito pelo campus, a alimentação escolar continua sendo insuficiente. A quantidade muitas vezes não é suficiente para todos, e a variedade e qualidade dos alimentos ainda deixam a desejar. Isso evidencia que o problema não está apenas na existência ou não do lanche, mas na dificuldade de garantir uma alimentação realmente adequada para a realidade dos estudantes.

Essa situação revela uma problemática ainda maior relacionada ao financiamento da alimentação escolar e à forma como esses recursos são distribuídos. Quando o valor destinado por dia para cada aluno é irrisório - como citado acima - torna-se difícil oferecer refeições que sejam ao mesmo tempo nutritivas, seguras e acessíveis para todos. Dessa forma, mesmo com esforços adicionais do campus, o resultado final não atende plenamente às necessidades dos estudantes.

Outro ponto importante é a desigualdade social entre os alunos. Muitos estudantes não têm condições de comprar alimentos todos os dias na cantina ou fora da escola. Para esses alunos, o lanche oferecido pela instituição é fundamental para que consigam permanecer durante todo o período de aulas. Um estudante que passa cerca de seis horas na escola dificilmente consegue manter a concentração e o bom desempenho estando com fome.

Dessa forma, garantir uma alimentação adequada não é apenas uma questão de organização administrativa, mas também de respeito aos direitos básicos dos estudantes. A escola tem um papel fundamental na formação de cidadãos críticos e conscientes, mas para isso também precisa oferecer condições dignas para que os alunos possam aprender.

Portanto, é necessário que a instituição reflita sobre a situação da alimentação escolar e busque melhorias na qualidade, variedade e quantidade dos alimentos oferecidos. Uma instituição federal de ensino deve servir de exemplo e garantir que direitos básicos, como o acesso a uma alimentação digna e adequada, sejam respeitados.

---

\* Estudante do 3º ano do curso Técnico Integrado em Administração no IFPR, campus Pinhais. Tem 16 anos e sempre demonstrou dedicação aos estudos e interesse por temas sociais e educacionais, especialmente aqueles relacionados ao bem-estar e à qualidade de vida das pessoas. Além da vida acadêmica, se dedica intensamente à arte. Pratica balé clássico há cerca de 10 anos no Centro Cultural Teatro Guaíra. Está em processo de formação e pretende se formar como bailarina clássica no próximo ano. Apaixonada pela área da saúde, pretende cursar Medicina na Universidade Federal do Paraná. Seu interesse pela área está relacionado ao desejo de ajudar pessoas e contribuir para a melhoria da qualidade de vida da sociedade. Entre suas principais características estão a persistência, a curiosidade intelectual e o compromisso com seus objetivos, qualidades que orientam seus planos acadêmicos e profissionais para o futuro.

# A ARQUITETURA DA LIBERDADE: ENTENDENDO O ANARQUISMO

*Anna Hadassa Ribas da Silva\**

**VOU DISCURSAR** a favor do sistema anarquista explicando de uma maneira simplificada. O anarquismo consiste em um sistema político e social que preza pela igualdade, cooperação e liberdade dentro de uma sociedade. Diferente de outros sistemas hierárquicos tradicionais, o anarquismo se opõe a qualquer forma de autoridade ou domínio centralizado. Por isso se dá o nome anarquismo vindo do termo grego “*anarkhía*”, que significa “sem governo” ou “sem poder”.

O sistema anarquista é formado por ideias simples em sua base. Cada membro da sociedade participa ativamente da sociedade, assumindo responsabilidades compartilhadas referente ao cuidado e bem-estar do ambiente. Além disso, há uma rotatividade nas funções desempenhadas por cada um, evitando a concentração de poder e promovendo a diversidade de experiências e habilidades.

A economia em comunidades anarquistas baseia-se na contribuição voluntária e na gestão coletiva dos recursos disponíveis. Substituindo a competição desenfreada pelo princípio da ajuda mútua. Todos têm o direito de expressar livremente suas opiniões e propostas, além de ter um acesso transparente às informações. No entanto, para que esse sistema funcione, é essencial que as pessoas tenham consciência e respeito pelas decisões coletivas, valorizando o compromisso com o bem comum.

Importante destacar que, apesar da ausência de um poder centralizado, o anarquismo não promove o caos ou a desordem, mas sim um modo de vida coletivo e organizado. Trata-se de um pensamento que foge da “norma” tradicional, propondo uma alternativa que preza pela harmonia social e o desenvolvimento de cada indivíduo.

Viver de acordo com os princípios anarquistas exige uma relação clara e respeitosa, com os nossos e com aqueles que não vivem por esse sistema. Embora não exista uma maneira de viver perfeita, o anarquismo apresenta possibilidades e sistemas que podem nos permitir viver com maior dignidade como sociedade e indivíduo. Ele nos convida a exercer a cidadania de forma direta, sem intermediários que decidam por nós o que é melhor para nossas vidas.

Assim, o anarquismo nos faz repensar as estruturas sociais estabelecidas, buscando formas de vida mais justas e igualitárias, onde a liberdade e a responsabilidade caminham juntas em prol de uma sociedade mais humana.

---

\* Estudante do 3º ano do curso Técnico Integrado em Administração no IFPR, campus Pinhais. Acredito que a educação é a principal ferramenta para entender e transformar o mundo ao meu redor. Além das disciplinas regulares, busco sempre expandir meus horizontes por meio de estudos de forma autodidata. Focando nos estudos de História, Línguas e Artes. Fora da sala de aula, gosto de me dedicar aos meus *hobbys* como leitura, desenhos, cozinhar e escrever. Acredito que manter *hobbies* criativos ajuda a manter o equilíbrio e a mente aberta para novos aprendizados. Atualmente, meu foco está voltado para o futuro, com o objetivo de ingressar no curso de jornalismo, futuramente quero contribuir de maneira íntegra e dedicada para a minha profissão.

# PROBLEMAS DOS TRANSPORTES PÚBLICOS: CRÍTICA AO PREÇO EXCESSIVO E AOS ESTORVOS LOGÍSTICOS

*Eliasafe Mathews Kelczęski Mendes\**

**VOU DISCURSAR** contra o preço abusivo e a superlotação dos transportes públicos em Curitiba e na Região Metropolitana. Atualmente a passagem custa R\$6,00, um dos preços mais caros do país, em um transporte muito problemático, já que muitas vezes os ônibus são lotados em horários de pico, além de ocorrerem diversos atrasos, horários incompatíveis e problemas mecânicos.

Há inúmeros exemplos disso no ônibus de linha que passa em frente ao campus Pinhais do IFPR, em relação a atrasos, aconteceram demoras no coletivo que fizeram com que muitos alunos perdessem o próximo ônibus que precisavam, os horários incompatíveis são vistos quando a grande maioria dos estudantes esperam de 15 a 45 minutos no terminal para conseguirem chegar em casa, o que gera uma perda de tempo que poderia ser usado para o estudo, por exemplo. Uma situação específica que demonstra os problemas mecânicos do transporte foi um dia em que o ônibus estragou em frente ao campus, o que causou certo desespero principalmente aos alunos que precisavam trabalhar e chegariam atrasados. A superlotação é constante na linha Vila Amélia, onde em muitos dias tiveram pessoas que ficaram totalmente desconfortáveis e outras que nem conseguiram entrar no ônibus, mostrando como esse problema é presente no cotidiano

não só dos estudantes, mas de todas as pessoas que são dependentes do transporte público.

Além dos problemas aos passageiros, a falta de cuidado governamental traz diversas questões aos motoristas e cobradores dos transportes públicos, como os assaltos que são muito noticiados nos telejornais, tal como a precarização do trabalho dos mesmos, já que são muitas vezes desvalorizados tanto financeiramente, quanto pessoalmente pelos passageiros.

O preço, já citado, é pouco acessível e quase inviável aos mais pobres, visto que se usarmos duas passagens por dia em cinco dias da semana - como é o caso da grande maioria dos estudantes - seria gasto 240 reais por mês, tornando-se quase impossível ser pago por alguém que ganha um salário mínimo, por exemplo.

Todas essas questões tornam clara a necessidade de uma mudança radical pelo governo nos transportes públicos, os estudantes e os trabalhadores precisam muito de um transporte acessível e minimamente confortável para ser usado.

O Movimento Passe Livre (MPL) surgiu em 2005 como um movimento social autônomo e apartidário que luta pela Tarifa Zero no transporte público, defendendo que esses não deveriam buscar lucro privado, mas sim disponibilizar um sistema de transporte gratuito e de qualidade. O movimento ganhou grande destaque em 2013 por protestos que ocorreram após um aumento do preço da passagem em São Paulo, assim se difundindo no Brasil inteiro. Esse movimento é exemplo de como as pessoas realmente estão buscando um transporte público melhor e de como é possível lutar por isso em nosso país.

Uma solução ao preço excessivo é o governo usar a quantidade massacrante de impostos que eles ganham, e não sabemos

para onde vão, para subsidiar o transporte, deixando-o mais acessível para nós.

Tanto a Tarifa Zero proposta pelo Movimento Passe Livre quanto o subsídio pelo governo, são ideias afins que podem ser aplicadas no nosso contexto, mas cabe aos cidadãos pressionar o poder legislativo e executivo do estado e do país para que eles façam isso, porque são eles que realmente tem o poder para tirar essas ideias do papel.

---

\* Estudante do 2º ano do curso Técnico Integrado em Informática no IFPR, campus Pinhais. Bolsista do projeto de extensão DivulgAção.

## ORÇAMENTO ANUAL: A INSUFICIÊNCIA NA DESTINAÇÃO DE VERBA PARA OS CAMPI DO INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ

*Enzo Cornehl Jungles Gonçalves\**

**VOU DISCURSAR** a favor de um maior investimento nos campi do Instituto Federal do Paraná, especialmente para o Campus Pinhais. Tendo em vista a infraestrutura dessa unidade, podemos afirmar que, quando comparada a outras, existe uma disparidade no espaço físico do Campus Pinhais em relação a outros campi do estado. Isso ocorre devido à insuficiência na destinação de recursos, que não atinge somente a unidade citada.

Essa insuficiência gera grande desigualdade e faz com que a responsabilidade seja transferida à direção de cada campus, o que pode se transformar em uma sobrecarga de tarefas, levando em consideração que a função principal de um diretor geral é gerir a unidade e não somente captar recursos para ela.

Cada campus possui seu tempo de existência e sua própria gestão, o que pode justificar certas diferenças entre eles, porém, a destinação de verba ainda é escassa. O cálculo feito por campi baseia-se na relação entre a quantidade de alunos, docentes e os cursos ofertados, resultando em um orçamento que equivale ao tipo de cada campus, sendo um campus “pleno” ou “avançado”.

O Campus Pinhais, por exemplo, recebe como orçamento anual cerca de um milhão de reais. Esse valor é utilizado para a manutenção básica da unidade, incluindo o pagamento de contas

de água e luz, a compra de insumos e manutenções recorrentes. Como consequência, resta um percentual baixo para o investimento em novos equipamentos, melhorias na infraestrutura e expansão da unidade.

Em função do baixo orçamento dos campi, cabe à direção administrativa de cada unidade obter mais recursos para ela, entretanto, essa procura se torna difícil, já que não depende somente da parte interessada. De acordo com o diretor geral do Campus Pinhais, Cleverton Vesentini, quando se trata de recursos internos, a direção deve fazer solicitações à reitoria, as quais podem demorar de meses a um ano para serem atendidas. Outra alternativa destacada é procurar o auxílio de deputados e órgãos externos, buscando emendas parlamentares para suprir as demandas, porém, na maioria dos casos, esses pedidos não são atendidos.

Com isso, notamos uma grande dificuldade no processo de obtenção de ajuda financeira, a qual, quando somada à deficiência na destinação de verba, resulta na perda de interesse dos estudantes pela instituição, por falta de equipamentos de qualidade e uma boa infraestrutura. Uma pesquisa do Banco Mundial sobre o impacto da infraestrutura de escolas no aprendizado revela que esse aspecto é como um “Terceiro Professor”, já que o espaço físico educa tanto quanto o professor e o currículo, demonstrando a importância de boas salas de aula, espaços de convivência e outras estruturas para o aprendizado efetivo dos estudantes.

Sendo assim, com um maior investimento nos campi do Instituto Federal do Paraná, muitos problemas seriam resolvidos de forma mais rápida e eficaz. O ensino técnico, cuja qualidade já é reconhecida, se tornaria ainda melhor e ganharia mais força

com uma boa infraestrutura e equipamentos modernos nas unidades. Afinal, desde a criação dos Institutos Federais em 2008, o objetivo tem sido democratizar o ensino técnico de qualidade, no entanto, sem o investimento necessário, esse papel histórico é prejudicado.

---

\* Estudante do 2º ano do curso Técnico Integrado em Informática no IFPR, campus Pinhais. Integrante do Grêmio Alvo e membro ativo do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) e do Núcleo de Arte e Cultura (NAC). Recebeu Honra ao Mérito na Olimpíada Brasileira de Língua Inglesa (OBLI) e contribui para o projeto de extensão Observatório Política Nacional Aldir Blanc, unindo tecnologia e análise de políticas públicas culturais.

# CONTRA A IDEIA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: AS CONTRADIÇÕES ENTRE DISCURSO AMBIENTAL E LÓGICA DE ACUMULAÇÃO

*Felipe Nunes Franco\**

**VOU DISCURSAR** contra a ideia de desenvolvimento sustentável, tal como ela é apresentada e utilizada dentro do sistema capitalista contemporâneo.

Em diversos momentos do curso de Administração, ouve-se dizer que é possível crescer economicamente, gerar lucros e, ao mesmo tempo, proteger o meio ambiente e promover justiça social. Essa ideia, denominada desenvolvimento sustentável, aparece de forma recorrente em diversos discursos empresariais, políticos e até mesmo em componente curriculares como Gestão socioambiental, sendo apresentada como uma solução equilibrada para os problemas econômicos, sociais e ambientais da atualidade.

Entretanto, a grande questão que se coloca é se esse tipo de desenvolvimento é realmente possível dentro da lógica do capitalismo. Essa dúvida surge a partir de uma contradição estrutural: ao mesmo tempo em que se fala em sustentabilidade, o sistema capitalista se baseia na busca constante por crescimento, lucro e acumulação de capital.

Dentro da área da Administração, valorizam-se intensamente a inovação, o empreendedorismo e a meritocracia, como se o sucesso econômico dependesse exclusivamente do esforço individual e de boas ideias. Contudo, essa narrativa oculta o fato

de que o capitalismo, desde sua origem histórica, organiza-se a partir da exploração do trabalho humano e da apropriação predatória da natureza. No século XIX, Karl Marx, em obras como *O Capital*, já apontava a lógica de exploração inerente ao sistema, enquanto que, mais contemporaneamente, Eric Hobsbawm, ao analisar o desenvolvimento do capitalismo industrial, evidencia como o crescimento econômico esteve historicamente ligado à desigualdade social e à degradação ambiental.

O funcionamento do capitalismo baseia-se na acumulação contínua e ilimitada de capital. O lucro e a produção nunca são suficientes, é sempre necessário produzir mais, lucrar mais e, conseqüentemente, explorar mais. No entanto, os recursos naturais do planeta são finitos, o que torna essa lógica insustentável a longo prazo. Ao mesmo tempo, observa-se o aumento das desigualdades sociais, nas quais uma minoria concentra o lucro, advindo inclusive de empresas que se autodenominam “verdes”, enquanto parte da população permanece excluída do acesso a direitos básicos, como saúde, alimentação e moradia.

O conceito de desenvolvimento sustentável, tal como formulado no Relatório de Brundtland, apresenta-se como um discurso conciliador e, aparentemente, progressista. Contudo, ele não rompe com a lógica de submissão dos países subdesenvolvidos, tampouco questiona a centralidade do lucro acima da vida humana e ambiental. Pelo contrário, muitas vezes funciona como uma fachada, uma “maquiagem verde”, a ser utilizada por governos e corporações que continuam poluindo, explorando trabalhadores e precarizando condições de vida.

Exemplos disso são frequentes: empresas petrolíferas que falam em neutralidade de carbono, indústrias de moda que promovem campanhas ecológicas enquanto utilizam trabalho análogo à escravidão em países pobres, ou grandes indústrias

poluentes que discursam sobre reciclagem. Essas práticas não representam sustentabilidade real, mas estratégias de marketing voltadas à manutenção da imagem e do lucro.

Historicamente, o sistema capitalista demonstra grande capacidade de absorver críticas e transformá-las em mercadoria. Até mesmo a luta ambiental e os direitos humanos passam a ser apropriados pelo mercado. O que hoje se denomina desenvolvimento sustentável, ESG ou sustentabilidade corporativa não representa uma ruptura com a lógica da exploração, mas a sua reformulação estética. A mesma estrutura de degradação e dominação, mas agora revestida por um discurso ambiental.

Dessa forma, sustento que a ideia de que é possível alcançar a sustentabilidade apenas por meio de mudanças individuais, cobranças pontuais às grandes empresas ou pela criação de produtos “inovadores” é ilusória. Não há desenvolvimento verdadeiramente sustentável dentro de um sistema que depende da exploração contínua da natureza e do trabalho humano. O planeta demonstra seus limites, e a sociedade também.

Se o objetivo é alcançar justiça social e ambiental de forma efetiva, é necessário questionar o próprio modelo econômico que estrutura essas desigualdades, e não apenas buscar formas de adaptá-lo. Nesse sentido, a antiga frase erroneamente atribuída a Chico Mendes sintetiza com clareza o que busco dizer: “Ecologia sem luta de classe é jardinagem”. Mais do que um slogan de impacto, essa afirmação reforça que a defesa do meio ambiente está diretamente ligada à transformação das relações sociais, econômicas e políticas que sustentam a exploração.

---

\* Estudante do 4º ano do curso Técnico Integrado em Administração, no IFPR, campus Pinhais. Desde muito cedo interessado em história e desenvolvimento da sociedade contemporânea, com foco em questões e contradições sociais.

# APROPRIAÇÃO DO CAPITAL SOBRE A ARTE DO GRAFITE: ESTADO HIGIENISTA E A MERCANTILIZAÇÃO DA CIDADE

*Giovana Garzuze Cordeiro\**

**VOU DISCURSAR** contra a apropriação do capital sobre a arte. Nas grandes cidades de países subdesenvolvidos, perpetua-se um processo de reprodução econômica e social. As razões são diversas, porém, o resultado é quase sempre o mesmo: A produção e o aprofundamento das desigualdades sociais, da pobreza e da exclusão. Embora sejam, contraditoriamente, cidades de vastos crescimentos econômicos. De acordo com o geógrafo Harvey, as cidades são o local de reprodução da capital, e também o lugar da prevalência da pobreza e da exclusão. A economia política urbana na cidade capitalista, alinhada a estética elitista da sociedade deseja limpar os espaços da visão dos excluídos, os empurrando para os guetos, bairros periféricos e assim retê-los a situações de marginalidade.

Em meio a essa exclusão, surgiu o movimento hip hop. Nascido em meados dos anos 70, nas periferias de Nova Iorque, sobretudo entre as comunidades afro e latino-americanas, em um contexto de violência e criminalidade, o movimento veio como uma oportunidade de lazer. A cultura do hip hop possui 4 pilares: o breakdance que representa a dança, o MC considerado o mediador de cerimônia, o DJ que constrói a base sonora para os demais elementos e o grafite, que são as reproduções de desenhos e mensagens nas paredes. O grafite despontou inicialmente como assinaturas de gangues para demarcar território. Com o passar do

tempo, incorporou outros significados, os desenhos introduzidos nas assinaturas receberam uma conotação artística e consolidou um estilo de protesto, carregando consigo valores morais e sociais.

Apesar de ser uma forma de arte, o grafite foi enquadrado como vandalismo, sobretudo por aqueles que enxergam o mundo sobre uma ótica capitalista. Esse estigma vincula o grafite à sujeira e serve como um mecanismo para perpetuar discursos que promovem a segregação e marginalização desses indivíduos. A relação marginalidade-grafite inúmeras vezes é fortalecida pelo próprio estado, por meio das políticas de exclusão e criminalização ao invés de promover tal ação como forma de enriquecimento ou representação cultural. No contexto de Curitiba, o ex-prefeito Rafael Greca aplicou resina antipichação nos prédios do centro histórico apropriando-se sempre da ideia de limpar a cidade (2018), além de parabenizar e homenagear o guarda que atirou em um jovem por ele estar pichando (2018). O político também pintou um mármore que possuía uma homenagem em forma de grafite para a lutadora Cris Cyborg na Praça Afonso Botelho e postou nas redes sociais utilizando as hashtags: “CuritibaVoltaSerCuritiba” e “TudoLimpo”.

Entretanto, mesmo em meio a todos esses discursos, a prefeitura de Curitiba tem instalado nos últimos anos alguns murais feitos em grafite, justamente na parte central da cidade. Em geral, as artes são homenagens a figuras brancas, que foram importantes para a história do Paraná geralmente, alinhadas à uma frase motivacional, como por exemplo o Poty Lazzarotto na Rua XV (2024), e a Helena Kolody na Praça Generoso Marques (2023). Esse estilo de grafite não ocupa mais o lugar de denúncia, e foi instalado como finalidade o estímulo do capital daquele determinado espaço, a partir do embelezamento dos prédios.

O ponto central desse texto não é criticar a arte de quem produziu os murais, e sim questionar a hipocrisia do estado ao negar, agredir e matar pessoas pela produção de determinada arte e quando

se torna interessante economicamente, apropriar-se da mesma. Para um processo que culmina no aumento da produção de capital, além de descaracterizar uma parte importante do movimento, esses holofotes não são acompanhados de políticas efetivas que buscam findar a segregação socioespacial ou a negação do direito à cidade para essa população. Como diz o cantor Djonga: *“Cagando pontes para a classe média culpada que agora quer colar com nós, tem que ter muito sangue frio e eu não tenho para apertar a mão do seu próprio algoz”*. Enquanto o capital guiar quem ou o que deve existir em determinado espaço, a arte que escancara uma realidade será sempre um inimigo.



Figura 1 – Mural em grafite de Poty Lazarotto, Rua XV de Novembro. Fonte: @gardpam, 2024.



Figura 2 – Mural em grafite de Helena Kolody, Praça Generoso Marques. Fonte: Bem Paraná, 2024.



Figura 3 – Antes e depois do mármore apagado pela prefeitura, na Praça Afonso Botelho. Fonte: Gazeta do Povo, 2018.

\* Estudante do 4º ano do curso Técnico Integrado em Administração no IFPR, campus Pinhais. Bolsista do projeto Uso e ocupação da área central de Curitiba: mudanças estruturais e sociais a partir do programa Rosto da Cidade.

## O QUE NOS FALTA: SER RADICAIS

*Lucas Ancacio dos Santos\**

**VOU DISCURSAR** contra o autoritarismo acadêmico que parte dos docentes e seus colegiados aos discentes e suas agremiações.

Ao longo dos anos o movimento estudantil (ME) se concretizou no Brasil, tendo estudantes participando em questões políticas desde a época da Inconfidência Mineira até os dias de hoje. De maneira mais organizada, o ME conseguiu mais espaço com o surgimento da União Brasileira de Estudantes (UNE) em 1937, e foi profissionalizando-se mais posteriormente. O ME enfim teve seu auge no contexto da Ditadura Militar, onde após várias mobilizações pelo país, conquistou no final do regime a Lei nº 7.398/1985, a Lei do Grêmio Livre. Não quero parecer saudosista ao dizer que nesta época, o ME era diferenciado.

Hoje em dia temos mais formalizado o papel dos estudantes em instituições de ensino e órgãos colegiados, temos oficializadas entidades representativas como a União Paranaense de Estudantes Secundaristas (UPES), União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES), União Nacional de Estudantes (UNE) e muitas outras. Mas mesmo assim, parece que nos falta algo.

Eu dialogo com grêmios de outros campi do Instituto Federal do Paraná (IFPR), executando meu papel de Conselheiro dos Estudantes no Conselho Superior (CONSUP) do IFPR, e acabo tendo conhecimento de alguns grêmios que necessitam do aval da coordenação e diretoria para, por exemplo, efetuar uma

assembléia geral ou reunião interna. Alguns ainda não desafiam ou contradizem a direção para não implicar em punições e perseguições. E, estes respectivos grêmios, se prostram e se calam perante essa coercitividade anômica.

Esse fogo, talvez não incomode agora (queimando quintal de outrem), todavia quando os sinais de fumaça e fuligem do autoritarismo e gestão antidemocrática começarem a se apresentar a nós, nos veremos partilhando da mesma dor das agremiações aludidas. A pauta da alteração na quantidade de estudantes por grupo para realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da turma de Informática 4 de 2026 me choca constantemente: ela obedece o artigo 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), ela segue a conduta autárquica esperada de um estudante da Rede Federal de Ensino, e de todo modo foi barrada com rumores de ameaças.

Até quando daremos poder à quem não nos dá poder? Até quando nos apaziguaremos frente a demonstração de pessoalidade e patrimonialismo do poder?

Nós temos suporte legal para se revoltar, propor mudanças e minutas, fazer apontamentos e tomar decisões. Nós temos mais de *n* motivos para fazê-los, motivos alimentícios, acadêmicos, sociais... mas somos corpos estáticos! Dóceis! O que nos falta?

Talvez aquela adrenalina consciente que, novamente, não querendo ser saudosista, parecia mais sobrepujada no passado. Uma coragem necessária e certa de meter a cara, incomodar e exigir. Estamos atualmente na nossa segunda minuta de resolução para o CONSUP, uma proposição discente, marco histórico dentro do Conselho, e isso é fruto de discutir no microfone daquela casa com o reitor, pró-reitores e outros conselheiros, é fruto de ser “chato” encaminhando pautas de nossa causa, é fruto

de fazer um trabalho bem feito e exigir dos direitos da isonomia e isegoria.

O ME luta pela síntese desta relação dialética entre docentes e discentes, e isso nem é radical. Estamos reclamando da necessidade de se fazer uma prova do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) mesmo carecendo de recursos alimentícios, e isso nem é radical. Declamamos no CONSUP e diversos campi um manifesto criticando o desamparo governamental da falta de refeição nos institutos federais, e isso nem é radical. Estamos questionando a meritocracia de algumas ferramentas do sistema educacional, e isso nem é radical. Fizemos uma abaixo-assinado exigindo alterações em critérios avaliativos à um colegiado, e isso não é radical. Muitos de nós não estão mais indo à rua, não estão mais cobrando autoridades políticas e acadêmicas e, quer saber? Se estivéssemos, isso seria o mínimo, nem seria radical.

Então me digam, meus colegas estudantes do IFPR, meus colegas de instâncias representativas do ME, desde agremiações até uniões, nossos grandes destinatários regimentares de nossas pautas, proposições, cartas abertas, manifestos, solicitações e outras expressões de demanda, o que nos falta para nos libertar?

---

\* Estudante do 4º ano do curso Técnico Integrado em Informática no IFPR, campus Pinhais. Membro e bolsista do NEABI. 3º Conselheiro Titular representante dos estudantes no Conselho Superior do IFPR e poeta.



**RELIGIÃO**

# RESPEITO ÀS RELIGIÕES

*Emily Will Weirzorkowski\**

**VOU DISCURSAR** a favor do respeito às religiões, mesmo sendo um tema frequentemente discutido, vejo a importância de falar sobre isso, pois toda pessoa tem o direito de ter uma crença e praticá-la, ou simplesmente não ter nenhuma fé.

A intolerância religiosa é o ato de não respeitar ou aceitar crenças diferentes da sua, manifestando-se por meio de preconceito, discriminação e violência física ou verbal. No Brasil, a intolerância religiosa é considerada crime e atinge majoritariamente religiões de matriz africana. Além de intolerância religiosa, isso também é chamado de racismo religioso, que consiste em condutas agressivas e discriminatórias contra religiões de matriz africana, seus praticantes e territórios sagrados.

O racismo e a intolerância religiosa caminham juntos. Se pensarmos no passado, veremos que o racismo estrutural no Brasil começou no período da escravidão, quando pessoas negras eram impedidas de expressar sua religião. Essa discriminação se perpetua até os dias atuais, independentemente da religião que escolham seguir.

O Brasil é um país laico, ou seja, não possui uma religião oficial. Isso significa que o Estado deve garantir a liberdade religiosa de todos. Todas as crenças, e também a ausência delas devem ser protegidas por lei e tratadas com igualdade.

No entanto, isso nem sempre acontece, a intolerância religiosa é uma realidade preocupante. Segundo o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), em 2024 foram registradas 2.472 denúncias de intolerância religiosa, sendo 66,8% maior do que

o registrado em 2023, esses dados não devem ser vistos como meras estatísticas, mas como relatos de pessoas que sofrem por manifestar sua fé, além de locais sagrados que são desrespeitados ou destruídos. Precisamos mudar essa realidade e construir uma sociedade mais justa para todos.

Uma das formas de diminuir esses números é começar pelo respeito. Respeitar as religiões não significa concordar com tudo o que elas pregam, mas reconhecer o direito que cada pessoa tem de acreditar e praticar sua fé. O respeito começa com o conhecimento. Se, desde a infância, as crianças forem ensinadas sobre a diversidade religiosa e aprenderem que cada pessoa pode escolher sua própria crença, crescerão compreendendo e respeitando as diferenças. Mas essa responsabilidade não é apenas das crianças, todos devem buscar conhecer e entender religiões diferentes da sua.

Por esse motivo, o ensino religioso nas escolas é de suma importância. Ele deve ensinar sobre as diversas religiões presentes no país, promovendo o respeito e a convivência entre pessoas de diferentes crenças. O objetivo não é catequizar, mas sim promover o respeito e a convivência entre as pessoas de diferentes religiões.

Portanto, falar sobre respeito às religiões não é repetir um assunto já discutido, mas reafirmar um compromisso com o futuro da nossa sociedade. Não podemos permitir que o preconceito fale mais alto que o respeito, nem que a ignorância seja maior que o conhecimento. Defender a liberdade religiosa é defender o direito de cada pessoa existir como é, e acreditar no que quiser sem medo. Porque, no fim das contas, uma sociedade verdadeiramente justa não é aquela em que todos pensam igual, mas aquela em que todos podem ser diferentes, e ainda assim serem respeitados e viverem sem medo.

---

\* Estudante do 3º ano do curso Técnico Integrado em Informática, IFPR, campus Pinhais.

## A FAVOR DA FÉ: UM DISCURSO SOBRE A SOCIEDADE ATUAL

*Gustavo Jess Meira\**

**VOU DISCURSAR** a favor da fé na sociedade atual. A fé cristã, além de muito reconhecida no estudo da filosofia, é embasada em diversos documentos históricos e evidências. Também é a fé pela qual eu vivo. Entretanto, o objetivo desse discurso não é a imposição de crença. Apenas a defesa da fé como instrumento racional na sociedade, em um tempo que a fé é vista como algo supostamente irracional, com o objetivo de fugir da realidade, como se houvesse uma contradição entre a fé e a razão humana.

É comum observarmos e ouvirmos em nosso meio atual a fé sendo tratada com uma extremidade questionável. Enquanto muitos tratam qualquer pessoa que possua fé como uma pessoa tola, outros nem sequer questionam o que acreditam.

A fé que defendo que deve ser desmistificada na sociedade atual é a fé racional, aquela que possui embasamento filosófico extenso ao longo da história. Aquela que apesar de ter sido questionada fervorosamente ao longo dos séculos, perdura através de mentes brilhantes. Aquela que foi e é defendida por doutores respeitados ao longo do tempo, como Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino, João Calvino e muitos outros. Aquela que influenciou a cultura sobremaneira com J.R.R. Tolkien e C.S. Lewis. Aquela que moldou pensamentos e estruturas importantes da sociedade, como a educação. Instituições renomadas como Harvard, Prin-

ceton, Yale, Universidade Livre de Amsterdã foram fundadas por cristãos, e não eram cristãos que diferenciavam a fé da razão, mas que atingiram a fé pela razão. Estes usaram a educação como meio de demonstrar, manifestar e melhorar o mundo através de sua fé. Aquela que melhorou cidades inteiras, como foi o caso de Genebra.

Após o começo da reforma protestante, a cidade estava uma bagunça. Dividida em muitos grupos políticos-religiosos. Entretanto, quando o reformador João Calvino se estabelece na cidade com um grupo muito influente de mesma teologia, a cidade volta a se estabilizar e melhorar em questões organizacionais, educacionais, sociais e econômicas.

Poderia também comentar da grande influência cristã na arte, no campo da música e das pinturas, mas irei prosseguir para a conclusão.

Apresentei um pequeno embasamento histórico e como esse comportamento de fé contribuiu muito para a sociedade em que vivemos hoje. Apesar de hoje existirem pessoas que não são sérias, mas muito banais, que utilizam desses meios para cometer crimes, prometer coisas infundadas, controlar massas, fazer chantagens e controles emocionais, e outros diversos tipos de abuso. Quero expor que esses comportamentos não são os comportamentos da fé que foi defendida ao longo da história, e da fé que ainda vivo. Vivo uma fé que transformou uma sociedade, não uma que quer desestabilizá-la. Vivo uma fé que possui fundamentos fixos, que não mudam, apesar de pessoas mal intencionadas. Vivo em uma igreja que sempre se reforma, pois os seres humanos não são perfeitos.

Creio que esta confusão gere, hoje em dia, uma revolta e “desracionalização” do que compreendemos quando alguém se diz cristão e se propõe a defender a fé.

Assim, clarifico que a fé cristã tem o intuito de amar o próximo, não de acometê-lo. Tem um fundamento racional, não irracional. E que esta fé influenciou gerações e transformou o mundo.

---

\* Estudante do 4º ano do curso Técnico Integrado em Informática no IFPR, campus Pinhais. Jovem cristão reformado, amante da tecnologia e representante estudantil dos alunos em várias frentes. É proativo em discussões, nas quais já defendeu interesses dos discentes frente aos docentes obtendo respostas muito positivas, com posição de destaque argumentativo e com boa oratória. Ama Ciência de Dados e Teologia, desejando ser um profissional da tecnologia e um intelectual de sua fé, sempre ajudando os outros com seu aprendizado.

## MÁSCARAS: A VISÃO DE UMA SOCIEDADE HIPÓCRITA

*Paulo Henrique Topolniak Peixoto\**

**VOU DISCURSAR** contra a religião no meio político e o por-que ela afeta o pensamento e análise crítica dos fatos sociais.

De acordo com os dados do IBGE (Censo de 2022) grande parte da Sociedade brasileira é religiosa, sendo 56,7% (100,2 milhões) da população que se declara católica e 26,9% (47,4 milhões) que se declara evangélica. A fé enfraquece a política de uma forma indireta, com decisões que impactam diretamente na população, que na maioria das vezes é de classe baixa e necessita de auxílio governamental para ter um “sustento de qualidade”, que muitos chamam de luxo. Mesmo que a classe trabalhadora seja a mais afetada, ela continua sendo aquela que dá voz ao discurso religioso, causando um ciclo onde a fé fala mais alto do que a necessidade de uma vida com recursos básicos como comida, lazer e tempo.

Os discursos religiosos costumam ter o mesmo teor, buscando atenção daqueles que são alienados e que infelizmente não conseguem acessar um conteúdo sobre o que realmente a Direita é, sendo um lado que prega a palavra e nas costas do povo arranca o seu tempo de vida e cobra o máximo daqueles que vivem no mínimo.

Uma das vozes mais ativas politicamente que utilizou desse tipo de “argumento” é Jair Messias Bolsonaro, que ao se candidatar ao cargo de presidente usou do lema: *Brasil acima de tudo, Deus acima de todos*. O contrário do que nos mostrou enquanto governava o nosso país. Ao mesmo tempo que sua fama crescia por conta de

seus discursos religiosos, algumas figuras religiosas como: Silas Malafaia, Magno Malta, Frei Gilson e “Padre” Kelmon, também faziam propaganda em seus cultos. Após a eleição de Bolsonaro, Silas disse a seguinte frase em um de seus cultos: “Eu tenho certeza que não sou o mais capacitado, mas Deus capacita os escolhidos”, querendo dizer que a conquista veio por meio de intervenção divina.

No período de regência de Bolsonaro em 2019, o mundo foi assolado por uma pandemia que forçou todos a uma quarentena e, mesmo sabendo disso, ao invés de apoiar pesquisas e incentivar o uso de máscaras, álcool e outros métodos para uma menor chance de contaminação, o então Presidente decidiu que era mais cômodo usar a *Cloroquina*, que de acordo com estudos da FDA U.S Food & Drug administration e o Instituto Oswaldo Cruz (FioCruz), é ineficaz contra o tratamento do vírus COVID-19 em casos graves. Mas, além de continuar falando sobre o uso da cloroquina, Bolsonaro debochou da situação em que o país se encontrava, tendo atitudes e falas como: “*Se virar jacaré, problema seu. Se você virar Super-Homem, se nascer barba em mulher ou algum homem começar a falar fino, eu não vou ter nada a ver com isso*” e dentre outras, espalhando desinformação sobre a infeliz situação do país.

Dados do Ministério da Saúde comprovam que o Brasil chegou a marca de mais de 700 mil mortes por conta do vírus e ao menos 95 mil vidas poderiam ter sido salvas, segundo cálculos do epidemiologista Pedro Hallal, da Universidade Federal de Pelotas (RS). O Brasil ficou em quarto lugar no ranking de países que mais obtiveram mortes pelo vírus, dizem dados divulgados pela BBC News Brasil em 2 de Outubro de 2020. Notícia essa que poderia e teve suas chances de ser evitada, se não fosse a negligência de um político sem senso de comunidade e compaixão pelo seu povo.

O pensamento político retratado é aquele em que toda pessoa com capacidade de tomar decisões deve procurar a melhor opção de candidatos para melhorar a sua vida pessoal e profissional, como políticas que lutam pelos direitos trabalhistas e classes desfavorecidas historicamente. Apesar de parecer algo simples, o pensamento e os valores religiosos acabam falando mais alto, dando voz a pessoas que usam da fé como ferramenta e estratégia de marketing. Porque política e religião não devem se misturar? A política foi criada para suprir a necessidade de uma vida organizada e sem conflitos na sociedade, prezando pelo bem dos cidadãos de todas as classes, enquanto a religião busca dar conforto e propósito para aqueles que se conectam ao divino. As duas possuem propostas parecidas no papel, mas na prática acabam sendo manipuladas por aqueles com poder, principalmente os que defendem o tradicionalismo que em sua maioria são religiosos. Um público desfavorecido na nossa sociedade que continua sendo oprimido pelos falsos moralistas são da comunidade LGBTQIAPN+, que sofrem ataques por serem quem são, vivendo com medo de serem eles mesmos por culpa de uma política que dá voz ao moralismo cristão, que mesmo pregando amor ao próximo, ataca aqueles que precisam de acolhimento e aceitação.

## **REFERÊNCIAS:**

**INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS – IHU.** Os países mais religiosos são os mais pobres e os menos religiosos os mais ricos. IHU Unisinos, 25 out. 2018. Disponível em: <<https://ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/584060-os-paises-mais-religiosos-sao-os-mais-pobres-e-os-menos-religiosos-os-mais-ricos>>. Acesso em: 24 fev. 2026.

**AGÊNCIA BRASIL.** Bolsonaro: Não sou o mais capacitado, mas Deus capacita os escolhidos. Agência Brasil, 30 out. 2018. Disponível em: <<https://agenciabrasil.abc.com.br/politica/noticia/2018-10/bolsonaro-nao-sou-o-mais-capacitado-mas-deus-capacita-os-escolhidos>>. Acesso em: 24 fev. 2026.

**POWER,** Timothy. Moral religiosa é mais forte no Brasil do que em países com renda parecida. Revista Piauí, 29 jul. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/moral-religiosa-e-mais-forte-no-brasil-do-que-em-paises-com-renda-parecida/>>. Acesso em: 24/02/2026

**BC NEWS BRASIL.** Vacinas teriam salvado 95 mil vidas se governo Bolsonaro não tivesse ignorado ofertas, calcula pesquisador. BBC News Brasil, 28 maio 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57286762>>. Acesso em: 24 fev. 2026.

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ).** Estudo sobre cloroquina é publicado em periódico. Instituto Oswaldo Cruz, 30 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.ioc.fiocruz.br/noticias/estudo-sobre-cloroquina-e-publicado-em-periodico>>. Acesso em: 24 fev. 2026.

**U.S. FOOD AND DRUG ADMINISTRATION – FDA.** Coronavirus (COVID-19) Update: FDA revokes Emergency Use Authorization for Chloroquine and Hydroxychloroquine. FDA, 15 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.fda.gov/news-events/press-announcements/coronavirus-covid-19-update-fda-revokes-emergency-use-authorization-chloroquine-and>>. Acesso em: 24 fev. 2026.

---

\* Estudante do 2º ano do curso Técnico Integrado em Administração no IFPR, campus Pinhais. Pinhaiense desde sempre, participa do NAC (Núcleo de Arte e Cultura). Durante a infância, frequentou a sala de recursos para crianças com altas habilidades, com foco em linguagens e ciências. No quarto ano do ensino fundamental, foi campeão em um concurso de produção de poemas realizado no Dia da Conscientização sobre o Rio, no Colégio Municipal Chafik Smaka. Além do interesse acadêmico, aprecia trabalhos manuais e jogos online. No tempo livre, gosta de ouvir música, escrever e fazer crochê. Tem grande amor pela natureza, onde encontra inspiração, tranquilidade e a sensação de liberdade.



**SAÚDE**

## DIREITO A NADAR: UMA NECESSIDADE DA VIDA

*Benito José Alves Sant'Ana\**

**VOU DISCURSAR** a favor de um novo direito: o direito a nadar. À primeira vista a natação parece ser um esporte igual aos outros e não precisa ser incluído em um direito separado e específico. Diferente de esportes como futebol, basquete, tênis e outros esportes populares, a natação é essencial para a sobrevivência, tanto antigamente para fugir de predadores e conseguir alimento, quanto atualmente que 300 mil pessoas morrem afogadas por ano, 34 pessoas por hora, ou seja, a cada 2 minutos uma pessoa morre afogada. Afogamento é a terceira maior causa de mortes acidentais no mundo, e a primeira entre crianças de 1 a 4 anos. (Relatório Global sobre Prevenção de Afogamento 2024 divulgada pela Organização Mundial da Saúde - OMS).

Muitos afogamentos podem acontecer por coisas que não podemos evitar como correntes marítimas e enchentes, mas uma parcela significativa acontece em piscinas, que são áreas relativamente seguras criadas pelo ser humano para o lazer e práticas esportivas. Muitos desses afogamentos ocorrem também por desorientação das pessoas, como o perigo que é uma criança ficar sem um adulto atento por perto, e o ralo da piscina que pode prender a criança em baixo da água. (Organização Mundial da Saúde – OMS, 2024).

Gostaria de terminar com 3 acidentes históricos marcantes: Em 1865 mais de 1800 pessoas morreram no naufrágio do navio Sultana no rio Mississippi, estavam em uma área calma do

rio e perto da margem , mas muitos não sabiam nadar e morreram afogados perto do navio; Em 1904 o navio General Slocum pegou fogo próximo a costa de Nova York e aproximadamente 1000 pessoas morreram queimadas e afogadas por não saberem nadar; E em 1916 próximo a costa de Ilha Bela – SP o navio Príncipe das Astúrias naufragou. Estima-se que 445 pessoas morreram, testemunhos relatam que muitos não conseguiram se salvar por não saberem nadar, apesar de estarem relativamente próximos da costa. (Wikipedia, 2026).

Este relato destaca a relevância de se aprender a nadar, por isso é tão importante que tenhamos a natação como um direito de todo cidadão sendo ofertada com boa estrutura e gratuitamente para toda a população desde a primeira infância. É importante destacar é que a valorização do aprendizado de nadar já é conhecida há séculos, Platão (380 a.C.) mencionou que uma pessoa educada e completa deveria saber ler, escrever e nadar. A frase que é frequentemente associada a ele é “Um homem não é instruído até que saiba ler, escrever e nadar”, isso demonstra como ele achava essa prática essencial e como faz séculos que sabemos que ela é essencial para um desenvolvimento humano pleno. O atleta olímpico Gustavo Borges (2025) diz que a natação não é apenas um exercício, mas também é uma ferramenta para “treinar mentes, inspirar vidas e transformar gerações”

## REFERÊNCIAS:

BORGES, Gustavo. **1 Centésimo**: o que o esporte entrega e ensina para você ser uma pessoa de sucesso. São José dos Campos: Ofício da Palavras, 2022.

GENERAL SLOCUM (navio). Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/General\\_Slocum](https://pt.wikipedia.org/wiki/General_Slocum). Acesso em: 29 ago. 2025

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Global status report on drowning prevention 2024. Geneva: World Health Organization, 2024. ISBN 978-92-4-010396-2. Disponível em: <https://iris.who.int/handle/10665/379812>. Acesso em: 29 ago. 2025.

PLATÃO. **A República**. Tradução e organização editorial de Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2007. (Coleção Grandes Obras de Pensamento Universal)

PRÍNCIPE DAS ASTÚRIAS (navio). Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%ADncipe\\_das\\_Ast%C3%B3rias\\_\(navio\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%ADncipe_das_Ast%C3%B3rias_(navio)). Acesso em: 29 ago. 2025.

SULTANA (barco a vapor). Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Sultana\\_\(barco\\_a\\_vapor\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sultana_(barco_a_vapor)). Acesso em: 29 ago. 2025.

---

\* Estudante do 3º ano do curso Técnico Integrado em Informática do IFPR, campus Pinhais. Atleta de natação de alto rendimento desde 2022 representando a Sociedade Morgenau, a seleção de Curitiba e o IFPR.

# ENTRE O DIREITO À SAÚDE E A BUROCRACIA ESTATAL: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE O SISTEMA DE SAÚDE PÚBLICA

*Guilherme Budniak Fontana\**

**VOU DISCURSAR** contra a extrema burocracia para conseguir remédios gratuitamente nas farmácias públicas, nas unidades básicas de saúde.

Este tema precisa ser debatido com urgência porque afeta diretamente a população. O SUS (Sistema Único de Saúde) deve abranger todas as pessoas independentemente da cor, do gênero e da classe social. No entanto, diariamente há um grande fluxo de pessoas nas filas das farmácias estatais e isso é um retrato do descaso e da desorganização governamental: superlotação, espera, diversos documentos necessários para adquirir as medicações. Tais fatores desanimam a população que almeja um atendimento rápido.

A burocracia excessiva é o primeiro obstáculo. Um simples acesso a um medicamento que está garantido por lei necessita de inúmeros documentos, laudos e autorizações. Fazendo com que a população tenha que gastar muito tempo transitando entre postos de saúde, médicos e unidades farmacêuticas. Isso propicia o adiamento do início de um tratamento ou até mesmo causar sua interrupção. Dentre as possíveis consequências, têm-se agravamento do caso clínico de doenças, internações desnecessárias e sofrimento que poderia ser evitado.

Outro empecilho é a superlotação desses locais. Em grandes capitais como Curitiba, é comum ver pessoas chegando muito cedo às farmácias públicas para garantir um lugar na fila.

Dentre essas pessoas, majoritariamente têm-se idosos, doentes crônicos ou pais e mães que dependem dos medicamentos para tratar seus filhos. Isso não só representa uma falha logística: é um indício que fere a dignidade humana.

Desde a criação do SUS em 1988, temos avanços, mas também muitos desafios para proporcionar saúde pública de qualidade. O acesso gratuito aos remédios deveria ser um dos pilares do SUS, mas quando esse acesso se torna quase impossível, a política pública perde seu propósito.

A questão não é isolada. Em vários estados, a realidade é parecida: falta de medicamentos, estoque mal gerenciado, falta de profissionais para atendimento, sistemas que travam. É recorrente em postos de saúde ou UBS o desabastecimento de remédios essenciais e falhas na comunicação entre as unidades. Isso é inadmissível em um país que arrecada bilhões de reais por ano e que tem leis que garantem o direito à saúde.

É preciso propor soluções. Agendamento online, por exemplo, poderia agilizar cadastros, reduzir filas e evitar tumulto. A descentralização do atendimento, com mais farmácias regionais bem estruturadas, também ajudaria a aliviar a superlotação. E, acima de tudo, é preciso investir em uma boa gestão, haver fiscalização dos insumos e ser transparente sobre as falhas para com a população.

Concluo dizendo que o cidadão que procura um remédio na farmácia pública já está, em situação crítica, necessitando desse insumo. Ele não precisa de obstáculos: precisa de cuidado, eficiência e respeito. A saúde não pode ser um privilégio de quem pode pagar, deve ser um direito de todos, na prática, e não só no papel.

---

\* Estudante do 4º ano do curso Técnico Integrado em Informática no IFPR, campus Pinhais. Tem interesse em questões sociais, políticas públicas e temas correlatos.

## O DESCASO COM O ADOECIMENTO MENTAL

*Tiago Vieira de Oliveira\**

**VOU DISCURSAR** a favor de mais visibilidade para o diálogo sobre saúde mental. É inegável o quanto a discussão a respeito desse assunto aumentou nas últimas décadas, mas é necessário que sejamos sinceros ao analisar o cenário desta temática nos dias de hoje. Atualmente, na maioria dos casos, quando abordadas as doenças mentais são tratadas de forma totalmente superficial sem compromisso em retratá-las como de fato são. Essa falta de sensibilidade é decorrente da desinformação compartilhada a respeito do assunto, do estigma social sobre os problemas mentais, além da invisibilidade das doenças mentais em seu sentido literal, pois geralmente são doenças que não possuem indicações físicas.

Muito além de um mero aviso, os dados referentes à saúde mental da população brasileira são como um tapa na cara da nossa sociedade. O Brasil lidera o ranking global de casos de ansiedade com cerca de 18 milhões de casos registrados, e é o quinto colocado quando se diz respeito aos casos de depressão, com cerca de 11,7 milhões de brasileiros portadores da doença. E em perspectiva mundial o estado da saúde pública é ainda mais alarmante, segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde) mais de 1 bilhão de pessoas no mundo sofrem de transtornos mentais, as condições mais prevalentes no mundo são a depressão e a ansiedade, com cerca de 300 milhões de pessoas que possuem depressão e cerca de 267 milhões que possuem ansiedade. Além

disso, atualmente a depressão é considerada a principal causa de incapacidade por doença e se tornará a doença mais comum no mundo até 2030, como prevê a OMS.

Apesar de ser uma doença já considerada comum, existem indivíduos com maior probabilidade de desenvolver depressão, entre eles estão: pessoas com baixa renda, baixa escolaridade, solteiras ou viúvas e divorciadas, mulheres ou pessoas que possuem um histórico familiar. Esse perfil demonstra como a desigualdade social é intensificada pelas doenças mentais, onde pessoas banalizadas pela sociedade são subjugadas a desenvolver uma doença que inclusive não possui o suporte necessário nos sistemas de saúde. Segundo Gaulejac e Hanique em *Capitalismo Paradoxante: Um Sistema Adoecedor*, essa é uma situação que escancara o adoecimento mental causado pelo sistema capitalista, onde os trabalhadores possuem cobranças cada vez mais exigentes e condições de trabalho cada vez piores.

Por mais que a depressão não cause um dano físico direto à saúde, ela é uma doença letal, pois pode levar um indivíduo a desistir de sua própria vida. Em 2019, o suicídio foi a principal causa das mortes registradas no mundo, a cada 100 mortes 1 era decorrente de um suicídio, estima-se que mais de 700 mil pessoas por ano cometem suicídio. No Brasil, em 2022, foram registradas 16.262 mortes por suicídio. A partir da análise desse fenômeno, Durkheim afirma que o suicídio é um fato social, ou seja, algo que está além do indivíduo e deve ser observado como uma coisa, o que significa que as doenças mentais e o próprio suicídio não devem ser tratados como um problema exclusivamente individual mas sim como um problema social que impacta até mesmo as pessoas que não possuem esse tipo de doença.

Diante de tudo que foi apresentado, eu acredito que este assunto deva ser trazido para a sala de aula e discutido com tal seriedade, de maneira verídica expondo os fatos e de maneira acolhedora, para que os jovens que possuam esses transtornos possam se sentir seguros ao dialogar sobre esse assunto. Pois enquanto estivermos negligenciando a nossa saúde mental estaremos caminhando em direção ao adoecimento, não só individual mas sim da sociedade civil global como um todo.

---

\* Estudante do 3º ano do curso Técnico Integrado em Informática no IFPR, campus Pinhais.



**TRABALHO**

## O TRABALHO DE LIMPEZA: INVISIBILIZAÇÃO E PRECARIZAÇÃO

*Camilly de Araujo Costa Dalcumuni\**

**VOU DISCURSAR** a favor da valorização do trabalho de limpeza e da importância de não menosprezar suas dificuldades, tampouco agir com indiferença em relação às pessoas que prestam esse serviço essencial para o nosso ambiente social.

Início com algumas perguntas simples: Como você se sentiria ao entrar em uma sala de aula suja? E em um banheiro sujo? Qual seria sua experiência com a instituição ao encontrar um ambiente nessas condições? E quantas vezes você já pensou sobre quem limpa o local que você frequenta?

Tendo esse momento de reflexão em mente, ressalto que o trabalho de limpeza é um dos mais invisibilizados e desvalorizados da nossa sociedade, pois, muitas vezes, não apenas a importância de suas contribuições é ignorada, como também são menosprezadas as dificuldades desse ofício.

O ato de limpar é constantemente descrito como algo “fácil” ou “sem grandes exigências”, quando na verdade requer esforço físico e mental, além de uma grande quantidade de concentração e paciência. Ainda assim, é comum notar indivíduos que invalidam o cansaço desses profissionais e os rotulam como seres indignos de atenção e até mesmo de respeito.

Todo trabalho e, portanto, todo trabalhador é digno de respeito, independentemente de usar terno e gravata ou um uniforme de limpeza. Quando uma profissão é desvalorizada, todo o impacto dela é esquecido e minimizado, gerando uma hierarqui-

zação de ocupações que deveriam possuir a mesma importância. Afinal, quando foi estabelecido socialmente que um advogado deveria ser mais valorizado do que um coletor de lixo?

No mundo da limpeza, o trabalho terceirizado é uma realidade comum, caracterizada pela ausência de vínculo empregatício entre o trabalhador e o local onde exerce suas funções. Essa condição gera uma série de consequências negativas que impactam diretamente a vida desses profissionais.

Além de toda a exigência física e inúmeros riscos à saúde decorrentes do contato frequente com locais insalubres marcados por condições precárias, o vínculo apenas com uma empresa prestadora de serviços faz com que o trabalhador perca a garantia de estabilidade no emprego. Há sempre o risco de o contrato ser encerrado inesperadamente e deixar os funcionários desamparados.

É necessário acrescentar que devido à falta de vínculo com a instituição tomadora do serviço, aos trabalhadores da limpeza podem ser negados direitos e benefícios básicos, como vale-alimentação e plano de saúde, pela justificativa de que “não fazem parte da equipe”. Esse cenário consiste na precarização do trabalho, priorizando a diminuição dos custos acima da proteção trabalhista, ampliando o afastamento do trabalhador da instituição, investindo na sua invisibilização perante os colegas e a sociedade.

Quando falamos sobre mulheres no trabalho de limpeza, a realidade é ainda mais precária, pois a feminilidade foi historicamente associada ao cuidado da casa e dos filhos, impondo às mulheres a responsabilidade pela manutenção do lar. Essa lógica se repete no trabalho, onde muitas enfrentam a dupla jornada, limpando fora e dentro de casa, o que resulta em uma dupla desvalorização, já que se perpetua a ideia de que limpar é uma obrigação feminina e não um trabalho digno de reconhecimento.

Dessa forma, torna-se comum passar por mulheres que limpam e agir com indiferença, reforçando a invisibilidade que marca essa profissão.

É indispensável enaltecer a necessidade de apoiar a luta dos trabalhadores da limpeza por valorização, respeito e condições dignas de trabalho. Essa luta não se limita a salários ou direitos formais, mas também ao reconhecimento social de um serviço essencial, e há diversas maneiras de apoiar essa causa. Existem ações básicas do cotidiano que, embora simples, ainda não são praticadas por grande parte da população, como o ato de limpar uma sujeira feita por você mesmo ou o gesto de cumprimentar um profissional da limpeza ao passar por ele, afinal, todo indivíduo é digno de um simples, mas também simbólico: “Bom Dia!”.

---

\* Estudante do 4º ano do curso Técnico Integrado em Informática no IFPR, campus Pinhais. Desde pequena, sou apaixonada por livros, especialmente os de fantasia, pois gosto de imaginar como seria transformar o mundo. Esses universos literários da infância contribuíram para a formação de uma pessoa interessada nas ciências humanas e atenta às pautas sociais que moldam a minha vida hoje e diretamente inspirando o tema deste discurso.

## POR QUE IGNORAM A DESIGUALDADE SOCIAL?

*Elias Gustavo Evangelho Ciriaco\**

**VOU DISCURSAR** contra a existência da Desigualdade social. Essa é uma pauta citada em boa parte do ensino médio, mas após a conclusão desse período, a maioria esquece da importância de debater e tentar encontrar uma solução para esse problema. Esse esquecimento costuma invalidar o trabalho que as instituições de ensino tiveram para despertar o pensamento crítico nesses cidadãos, podendo torná-los pessoas egoístas, de mente fechada e incapazes de ao menos tentar solucionar o problema.

A diferenciação de hierarquias não nasceu agora, mas sim há muitos anos, no surgimento da sociedade coletiva humana, quando o homem se fez dono de um espaço que ele mesmo delimitou, e acomodou-se, pois havia descoberto o plantio, podendo assim, deixar de ser nômade. A partir dessas atitudes e descobertas, a propriedade privada e o sedentarismo nasceram, definindo o futuro da humanidade.

E no decorrer do desenvolvimento humano, essas coisas que foram criadas no passado ganharam ainda mais força e características. Se observarmos os sistemas feudais, podemos perceber que toda aquela sociedade estava baseada na exploração dos plebeus. E na revolução industrial (século XIX), a estrutura social passou por mudanças radicais que beneficiavam somente

os donos de fábricas enquanto o proletariado era espremido até a última gota de trabalho.

Com todo esse histórico da nossa espécie, não podemos em um ato de absoluta ignorância virar as costas para os problemas ainda existentes, porque mesmo que não os vejamos eles persistem, e pessoas estão sofrendo com isso. Devemos estudar para conhecer, pensar para entender, e debater para solucionar.

---

\* Estudante do 2º ano do curso Técnico Integrado em Informática no IFPR, campus Pinhais.

## TRABALHO E ESTUDO: A LINHA TÊNUE ENTRE VANTAGENS E DESVANTAGENS

*Júlia Justino King\**

**VOU DISCURSAR** a favor de trabalhar e estudar concomitantemente. Início com uma reflexão: trabalhar e estudar ao mesmo tempo, vale a pena?”

Esse tema ainda pouco abordado, é muito importante, já que cada vez mais ele reflete a realidade de milhares de jovens e adultos brasileiros que necessitam conciliar o trabalho com a rotina de estudos para garantir o próprio sustento ou da família, e, ao mesmo tempo, investir no futuro enfrentando uma rotina exaustiva que apresenta seus prós e contras. Em um país com altos índices de desigualdades sociais, isso se torna cada vez mais comum, e que precisa ser discutido com seriedade.

Muitos acreditam que não é possível manter a qualidade dos estudos enquanto se trabalha, e de fato não é uma jornada muito fácil, pois ela exige muitos sacrifícios, disciplina, podendo muitas vezes afetar até a saúde e qualidade de vida. Estudos apontam que o rendimento escolar está fortemente ligada às condições socioeconômicas e a carga de horas dedicadas, ou seja, quem apresenta menos tempo e energia para aprender tende a apresentar notas mais baixas e dificuldades no aprendizado, além do aumento no risco de reprovação, já que o excesso de estresse e responsabilidades geram isolamento social, esgotamento emocional e outras doenças como a ansiedade e a depressão.

Porém, trabalhar e estudar também pode trazer benefícios bem importantes, sendo o principal deles, a independência financeira já que ela constrói valores que incluem aprender a administrar e poupar o próprio dinheiro, gastar com consciência e outras habilidades muito necessárias para o resto da vida. Em muitos dos casos, o jovem não tem escolha, já que precisa ajudar em casa ou até pagar a própria escola/faculdade. Além disso, o trabalho ensina lições que muitas vezes não se aprende nos livros, como a responsabilidade, a organização, compromisso com horários e tarefas, convivência e trabalho em equipe, tomada de decisões rápidas, etc. No mundo em que vivemos atualmente, essas habilidades são fundamentais para o mercado, valorizando na maioria dos casos, mais do que cursos e diplomas em si.

Historicamente, o Brasil sempre enfrentou dificuldades no acesso igualitário à educação, e durante muito tempo, estudar era um privilégio para poucos. Hoje ainda é difícil, mas muitos lutam para mudar essa realidade antiquada, fazendo isso com muito esforço, trabalhando o dia e estudando à noite, ou vice-versa. Isso mostra não só a necessidade, mas também a perseverança e a força de vontade de crescer! Vale lembrar que, segundo dados de 2023 coletados pelo IBGE, cerca de 19,8% dos jovens de 15 a 29 anos estavam na condição apelidada carinhosamente de “Nem-nem”, ou seja, nem estudavam e nem trabalhavam. Também se destaca uma outra pesquisa de 2021 do instituto SEMESP, que afirma que 91,1% dos estudantes de instituições de ensino superior privadas, e 94,2% dos estudantes de instituições públicas relatam problemas de saúde mental durante a pandemia, incluindo dificuldades de concentração, problemas com horários flexíveis, falta de suporte psicológico e falta de apoio e compreensão por parte dos empregadores.

Esses são alguns dos principais problemas em meio aos inúmeros benefícios que essas atividades podem apresentar e acrescentar na vida de jovens e adultos que vivem essa rotina, e intervenções públicas e das próprias empresas são as principais soluções para esses problemas. Dados oficiais mostram que no primeiro semestre de 2025, cerca de 70 mil jovens foram contratados pelo programa governamental Jovem Aprendiz, mostrando a sua eficiência, representando um aumento de aproximadamente 18,6% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Por tanto, sou a favor do tema, já que, apesar das dificuldades, trabalhar e estudar ao mesmo tempo vale a pena se existe apoio e organização de ambas as partes, pois quando ele não é visto como obstáculo, mas sim como oportunidade, cria valores que serão levados por toda a vida e admirados por todos à volta. Mesmo que muitas vezes, a realidade brasileira o torne a única opção, valorizar quem enfrenta essa jornada é o primeiro passo para torná-la mais leve e acessível à todos!

---

\* Estudante do 2º ano do curso Técnico Integrado em Informática no IFPR, campus Pinhais. Nascida em Curitiba, atualmente mora em Pinhais, sempre demonstrou interesse por tudo que envolvesse arte e criatividade, participando de aulas como teatro, dança e desenho, é apaixonada por música, história e artes manuais. Participa de ações sociais por sua igreja, e no tempo livre, é uma devoradora de livros.

# EU TAMBÉM VOU RECLAMAR... E FIM DE PAPO

Os textos aqui publicados resultam de uma atividade desenvolvida nas aulas de História, na qual, a cada encontro, dois estudantes iniciam a aula com a leitura pública de seus textos previamente elaborados em forma de Discurso. [...]Tal procedimento não é só metodológico, é também simbólico: antes da exposição do conteúdo curricular, instaura-se um espaço-tempo para a palavra estudantil. Em muitos casos, os discursos assumem a forma de reclamações — e são precisamente essas reclamações que exaltam a capacidade de análise crítica e de posicionamento frente às condições em que se encontram. Reclamar, nesse contexto, não se reduz a uma queixa desprovida de análise: configura-se como exercício de reflexão e de contestação. Como já pensava Paulo Freire, a leitura do mundo precede a leitura da palavra, por isso, os textos aqui reunidos não aparecem como sistematizações teóricas, rebuscadas e enquadradas em normas acadêmicas, mas sim, e antes de tudo, como leituras críticas de mundo.

ISBN 978-65-89612-06-3



9 786589 612063

